

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES - ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HISTÓRIA DA LITERATURA

SILVIA ALINE DA SILVA CAETANO

Uma identidade clandestina vivendo à margem e escrevendo no “entre” em
***Aquele que é digno de ser amado (2018)*, de Abdellah Taïa**

Rio Grande

2022

SILVIA ALINE DA SILVA CAETANO

Uma identidade clandestina vivendo à margem e escrevendo no “entre” em

Aquele que é digno de ser amado (2018), de Abdellah Taïa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Mestrado em Letras, Área de concentração História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Kelley Baptista Duarte

Rio Grande

2022

Ficha Catalográfica

C128i Caetano, Silvia Aline da Silva.
Uma identidade clandestina vivendo à margem e escrevendo o
“entre” em Aquele que é digno de ser amado (2018), de Abdellah Taïa
/ Silvia Aline da Silva Caetano. – 2022.
109 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS,
2022.

Orientador: Dr^a. Kelley Baptista Duarte.

1. Romance Epistolar 2. Entre-lugar 3. Identidade 4.
Pertencimento 5. Memória I. Duarte, Kelley Baptista II. Título.

CDU 82-6



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 9/2022

No dia vinte e dois de setembro de dois mil e vinte e dois, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação da mestranda **Silvia Aline da Silva Caetano**, intitulada "**Uma identidade clandestina vivendo à margem e escrevendo no 'entre' em *Aquele que é digno de ser amado (2018)*, de Abdellah Taïa**". A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Kelley Baptista Duarte (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelo Prof. Dr. **Antônio Carlos Mousquer (FURG)** e Prof. Dr. **José Leonardo Tonus - Université Paris-Sorbonne (Paris IV)**. Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestranda neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata. Atendendo à Deliberação nº 025/2020 do COEPEA, que dispõe sobre Diretrizes Acadêmicas Gerais para o ensino de pós-graduação Stricto Sensu durante o período emergencial devido à pandemia da COVID-19, o presidente da comissão examinadora assinará a ata, substituindo as assinaturas dos demais membros da banca. Este documento possui chave de autenticidade gerada pelo sistema FURG, podendo ser verificada em <https://www.furg.br/consultardocumentos>.

Profa. Dra. Kelley Baptista Duarte (Orientadora - FURG)
Prof. Dr. Antônio Carlos Mousquer (FURG)
Prof. Dr. José Leonardo Tonus (Paris IV)

Ao velho Boca Rica, que em seus últimos dias me mostrou que para pertencer a algum lugar é preciso, antes de mais nada, pertencer a lugar nenhum.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Artur Emílio Vaz que, ainda durante minha graduação, nas conversas de corredor, plantou a sementinha que floresceu neste trabalho.

Ao Professor Leonardo Tonus, o mais brasileiro dentre todos aqueles que vivem em terras estrangeiras e que, por longos dois anos, foi muito mais que professor, foi pai, amigo e conselheiro. A ele também agradeço por ter me apresentado os principais temas aqui discutidos, assim como a obra e o autor.

À CAPES que por duas vezes me ofereceu oportunidades para chegar até aqui. A primeira, entre 2013 e 2015, quando me concedeu a bolsa no programa PLI-FRANÇA, momento em que tive a oportunidade de ser uma *étrangère* vivendo às margens de duas culturas, duas nações. A segunda, iniciada em 2020, com a bolsa de pesquisa em pós-graduação, que me permitiu chegar até aqui.

À coordenação do PPG-Letras que, na representação da incansável Isabel Faria, nos deu total suporte técnico e mental ao longo desses últimos dois anos (os anos da pandemia), período caótico para todos nós.

À Professora Dra. Kelley Baptista Duarte, mais do que uma orientadora, uma amiga que me conduziu na escrita deste trabalho e que me resgatou nos momentos em que me encontrei perdida de mim mesma.

Aos amigos e familiares, que souberam compreender minha ausência, as mensagens respondidas com atraso (quando respondidas) e que me apoiaram até o fim.

A todos aqueles que ao longo dos anos fizeram parte de minha trajetória como ser humano. Foram muitos os que passaram, poucos os que permaneceram, mas cada um deles foi peça fundamental desse enorme quebra-cabeças que é construir uma identidade. Sou hoje o resultado da mistura de uma infinidade de ideias e ideais, crenças e culturas, além carregar comigo um pouco de uma ancestralidade apagada e embranquecida ao longo dos séculos.

Ao autor, Abdellah Taïa, que gentilmente atendeu a todas as minhas mensagens, tirando minhas dúvidas sobre algumas expressões e cordialmente enviou-me textos de apoio.

E, finalmente, mas não menos importante, aos dois homens da minha vida, meu “Marinado” e meu filho. Dois seres de luz que seguraram as broncas, meu mau-humor, os medos e anseios que, durante minha pesquisa fizeram com que eu duvidasse de mim mesma. Foram eles que, nas horas mais difíceis, silenciosamente, seguraram minha mão, mostrando-me que eu sempre serei capaz de ir ainda mais longe.

Estar-em-comum

A hospitalidade começa pela hospitalidade
da língua.

Nomear o outro que desconhecemos.

Acolher em nossa língua

o outro

que não conhecemos.

Acolher a língua do outro que nos é
desconhecida.

E, em troca, ofertar a nossa

um chá

café

ou simples copo-d'água.

Nada esperar

exceto o gesto da hospitalidade

um estar-em-comum

um respirar-em-comum

um gesto

apenas.

Leonardo Tonus

mulher depois

queridos pai e mãe
tô escrevendo da tailândia
é um país fascinante
tem até elefante
e umas praias bem bacanas

mas tô aqui por outras coisas
embora adore fazer turismo
pai, lembra quando você dizia
que eu parecia uma guria
e a mãe pedia: deixem disso?

pois agora eu virei mulher
me operei e virei mulher
não precisa me aceitar
não precisa nem me olhar
mas agora eu sou mulher

Angélica Freitas

RESUMO

Com o avanço das tecnologias muitas fronteiras acabaram sendo dissolvidas. Hoje, é possível que estejamos em vários lugares ao mesmo tempo. Cruzamos espaços em frações de segundos. Os meios de comunicação se tornaram mais rápidos, não havendo mais a necessidade de grandes esperas para o fechamento de um negócio importante. Cartas, principalmente as de amor, estão se tornando cada vez mais escassas. No entanto, a tecnologia trouxe com ela grandes conflitos: povos inteiros sendo obrigados a migrar de seus países em busca de sobrevivência, enquanto suas terras são invadidas por aqueles que se consideram superiores econômica e culturalmente. Embora as fronteiras tenham se dissolvido, e ultrapassá-las seja mais prático do que antes e comunicar-se tenha se tornado mais fácil, questões como pertencimento e identidade passaram, cada vez mais, a ser discutidas, principalmente entre aqueles que, de certa forma, foram excluídos, seja pela nacionalidade, etnia, sexualidade ou religião. Como forma de ampliar a discussão sobre tais temas, este trabalho foi desenvolvido a partir do romance de Abdellah Taïa "Aquele que é digno de ser amado", tendo como principal base teórica os estudos de Zygmunt Bauman. Da mesma forma, o estudo dos temas identidade e pertencimento, na obra do autor marroquino, se estende na relação com a expressão "entre-lugar", incansavelmente abordado por Homi Bhabha, mas também discutida e apresentada pela pesquisadora e professora brasileira Núbia Hanciau. Por se tratar de um romance epistolar, serão considerados os trabalhos de Roland Barthes, sobre o discurso amoroso, além daqueles de pesquisadores como Krisztina Kaló e Claudia Atanzio Valentim.

Palavras-chaves: Romance Epistolar; Entre-Lugar; Identidade; Pertencimento; Memória.

RÉSUMÉ

Après l'avancement des technologies, de nombreuses frontières ont fini d'être abolies. Aujourd'hui, il est possible que nous soyons à plusieurs endroits en même temps. Nous traversons les espaces en fractions de secondes. Les moyens de communication sont devenus plus rapides, et il n'est plus nécessaire d'attendre longtemps pour conclure une affaire importante. Des lettres, surtout celles d'amour, deviennent de plus en plus rares. Cependant, la technologie a entraîné avec elle de grands conflits : des peuples entiers étant contraints d'émigrer de leur pays en quête de survie, tandis que leurs terres sont envahies par ceux qui se considèrent économiquement et culturellement supérieurs. Malgré les frontières aient dissous, qu'il soit plus pratique de les franchir qu'auparavant et qu'il soit devenu plus facile de se communiquer, des questions telles que l'appartenance et l'identité sont de plus en plus discutées, en particulier parmi ceux qui, d'une certaine manière, ont été exclus, soit par leur nationalité, leur appartenance ethnique, soit par leur sexualité ou leur religion. Afin d'élargir la discussion sur ces questions-là, ce travail a été développé à partir du roman d'Abdellah Taïa "Celui qui est digne d'être aimé", ayant comme principale base théorique les études de Zygmunt Bauman. De la même manière, la recherche des thèmes de l'identité et de l'appartenance, dans l'œuvre de l'auteur marocain, s'étend en relation avec l'expression "entre-lieux", traitée inlassablement par Homi Bhabha, mais aussi discutée et présentée par la chercheuse et professeur brésilienne Nubia Hanciau. En raison du roman épistolaire, les travaux de Roland Barthes, sur le discours amoureux, ainsi que ceux de chercheurs tels que Krisztina Kaló et Claudia Atanazio Valentim seront pris en considération.

Mots-clés : Roman Épistolaire ; Entre-lieux ; Identité ; Appartenance; Mémoire

SUMÁRIO:

Considerações iniciais

1. **Uma breve apresentação: antecedentes da pesquisa**
2. ***Aquele que é digno de ser amado (2018)***
 - 2.1. Um romance epistolar?
3. ***As cartas em Aquele que é digno de ser amado***
 - 3.1. A culpa é sua Malika!
 - De Ahmed para Malika - Primeira carta, agosto de 2015
 - 3.1.1. A carta como confissão
 - 3.1.2. A carta aberta (e/ou fechada) à mãe
 - 3.1.3. A escrita reparadora na carta póstuma para Malika
 - 3.2. *Aquele que é digno de ser amado* ou as “Cartas Marroquinas”?
 - De Vincent para Ahmed - Segunda carta, julho de 2010
 - 3.3. Adeus Midou, bem-vindo de volta Ahmed!
 - De Ahmed para Emmanuel - Terceira carta, julho de 2005
 - 3.3.1. “Les indigènes de la République” e o pensamento decolonial
 - 3.4. Turismo sexual, pedofilia e o neocolonialismo francês
 - De Lahbib para Ahmed - Quarta carta, maio de 1990
4. **Análise das cartas a partir da proposta de Roland Barthes**
5. **Viver a margem ou no “entre”**
 - 5.1. Os entre-lugares e a identidade fora-do-lugar em *Aquele que é digno de ser amado*
6. **A literatura como forma de pertencimento**
7. **Considerações finais:**

Uma leitura reversa: a cronologia das cartas

Referências Bibliográficas

Anexos

Anexo 1

Anexo 2

Anexo 3

Considerações Iniciais

1. Uma breve apresentação: antecedentes da pesquisa

Os temas propostos nesta pesquisa me foram apresentados entre os anos de 2013 e 2015, quando estudei a Literatura Brasileira Contemporânea na França e pude vê-la a partir de uma nova perspectiva. Durante minha graduação, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, iniciada em 2013, fui bolsista pela CAPES em uma seleção do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI-França). A participação no programa me proporcionou uma graduação sanduíche e uma dupla diplomação, no Brasil e na França. Na condição de aluna do curso de *Lettres Modernes* entre os anos de 2013 e 2015, na Universidade Paris-Sorbonne, também tive a experiência de viver os temas que aqui proponho investigar, ou seja, a clandestinidade e o estar no “entre-lugar”.

Os referidos temas fizeram parte dos estudos de Literatura Brasileira, em aulas ministradas pelo brasileiro Leonardo Tonus, professor na Université Sorbonne que há anos reside fora do Brasil. As discussões conduzidas por ele nesses encontros se estenderam para o *Printemps Littéraire Brésilien*¹– atividade literária que promove o encontro entre escritores, quadrinistas e cineastas do Brasil em Paris, divulgando suas obras e a cultura brasileira.

Após meu retorno e mesmo tendo concluído meus estudos com todas as dificuldades e limitações administrativas para reconhecer as equivalências de dois currículos diversos, desabafei minhas chateações em um bate-papo, pelos corredores da Universidade, com o Prof. Dr. Artur Emilio Alarcon Vaz. Solidário à situação, o professor Artur foi um grande incentivador. Deixou claro, ao me aconselhar, que não importava o que me dissessem, pois o que eu tinha em mãos era uma oportunidade que poucos tinham e que o momento para demonstrar todo o aprendizado que eu trazia nessa bagagem intercultural deveria ser em um Mestrado. A partir daquele momento, após nossa conversa, comecei a pensar sobre a possibilidade de realizar uma pós-graduação e sobre o que exatamente trabalhar. Eu tinha consciência dos

¹ A atividade, originalmente idealizada com o nome *Printemps Littéraires*, pelo Professor Leonardo Tonus, teve sua primeira edição realizada no ano de 2014, nas dependências da Sorbonne Université, em Paris. O evento ganhou uma proporção mundial e desde sua primeira edição, ele passou a ser uma atividade cultural anual já realizada em diferentes países da Europa, EUA e Canadá, chegando ao Brasil no ano de 2018.

temas que gostaria de estudar pela própria condição de estrangeira que havia experimentado, mas ainda faltava eleger uma obra de ficção a ser estudada. Ocorreu que, em outubro de 2018, fui convidada por minha atual orientadora de dissertação e ex-coordenadora do PLI-França, professora Kelley Baptista Duarte, para prestigiar a primeira edição do *Printemps Littéraire Brésilien* no Brasil, organizado pelo professor Leonardo Tonus em parceria com a PUCRS. E foi assim que, juntamente com a professora Kelley e minhas colegas de intercâmbio do Programa de Licenciaturas Internacionais, nós participamos de uma das jornadas do evento que teve uma programação de três dias com propostas de leituras, saraus, oficinas e debates literários. Uma das propostas do evento também era a de divulgar autores de língua francesa traduzidos no Brasil. Dentre os convidados para o evento, estava o escritor e cineasta Abdellah Taïa que lançava sua primeira obra traduzida para o português, *Aquele que é digno de ser amado*.

Imediatamente, autor e obra me chamaram a atenção. Arriscaria até a dizer que foi amor à primeira vista. Mesmo que minha estada na França tenha sido por pouco tempo, eu me identifiquei com esse autor, pois sabia como era não se sentir pertencente a lugar algum; como era ter que lutar diariamente por sua identidade. Esse sentimento esteve presente não somente quando precisei morar e estudar em outro país, mas principalmente quando voltei ao meu país e senti as dificuldades para me encaixar no lugar que costumava chamar de lar. Foi assim que, de alguma forma, me senti solidária e pertencente à leitura que acabara de realizar da obra de Abdellah Taïa.

De posse do romance e após uma breve mas prazerosa leitura, muitas foram as ideias que iam se apresentando para um possível projeto de Pós-Graduação. Confesso não ter sido fácil colocar todas as ideias em ordem e decidir sobre qual(ais) tema(s) iria trabalhar, pois, conforme serão apresentados os capítulos a seguir, nota-se que são muitos os desdobramentos possíveis para um pequeno romance em número de páginas, mas gigante no que se refere aos temas que explora. Isso porque encontramos, em *Aquele que é digno de ser amado*, discussões que não ficam distantes daquelas abordadas em grandes obras do cânone literário; obras lidas e relidas ao longo dos séculos que influenciaram e influenciam gerações de novos autores, como a de Abdellah Taïa.

Outro tema abordado nessa pesquisa diz respeito à identidade. Desde muito nova me questiono sobre como as identidades se constroem ou, em muitos casos, se reconstroem e se alternam, principalmente para nós, mulheres. Quando menina, o nome próprio que me foi dado ao nascer, e que consta em meus documentos, parecia ser algo conhecido e utilizado apenas por meus pais e familiares. Fora desse contexto, eu era reconhecida como “a filha de”, “a irmã de”. Na fase adulta, já casada, eu era “a esposa de”, para logo a seguir me tornar “a mãe de”. Quando morei em outras cidades e estado, e até mesmo em outro país, eu era “a gaúcha” ou “aquela de Rio Grande” e, no exterior, “a brasileira”.

Por mais estranho que possa parecer, ao me tornar tão diversa por ser sempre alguém a partir de outro, ou seja, por ser associada a pessoas e lugares diferentes, eu continuava sendo eu mesma. No entanto, reconheço que cada um desses estereótipos constituem a minha identidade, algo que não é fixo e que ainda está em construção. Hoje sou “aquela que voltou da França”, “a formada em Francês”, “a mestranda”. Amanhã já não serei a mesma de hoje, serei uma outra pessoa constituída a partir de todos os “eus” do passado e do presente, por todos os caminhos pelos quais passei e por aqueles/outros com quem eu cruzei.

A partir daqui, este trabalho ganha proporção com um total de sete capítulos, dos quais seis são dedicados ao romance para esmiuçá-lo de todas as formas possíveis na análise crítica que propus desenvolver. No último capítulo da dissertação, apresento minhas considerações finais embasadas com algumas reflexões teóricas.

Após uma breve apresentação do romance, apresento o ressurgimento dos romances epistolares na literatura contemporânea e as alterações sofridas ao longo dos anos. Em seguida, realizo uma análise de cada uma das quatro missivas que constituem o romance. Cada uma delas forma um subcapítulo com subdivisões de acordo com os temas que apresentam. Na sequência, ainda sobre o aspecto do romance epistolar, temos um capítulo no qual as cartas serão analisadas sob a visão de Roland Barthes. O quinto capítulo traz uma análise do romance sob as perspectivas do “entre-lugar” e da “identidade fora-do-lugar” em *Aquela que é digno de ser amado*, questões bastante recorrentes na atualidade. Continuando, discuto a questão do pertencimento através da literatura. Para finalizar, realizo uma leitura reversa do romance, seguindo a ordem cronológica com que cada uma das cartas foi escrita.

2. *Aquele que é digno de ser amado* (2018)

A obra analisada neste trabalho foi publicada originalmente em 2017, pelas Éditions du Seuil, na França, com o título *Celui qui est digne d'être aimé*. No ano seguinte, em 2018, o romance foi traduzido para o português pela editora NÓS, aqui no Brasil, com o título *Aquele que é digno de ser amado*.

Apresentado no formato epistolar, o romance parece resgatar um gênero que, para alguns críticos, já teria caído no esquecimento, visto que, no contexto brasileiro, a epístola nem chegou a caracterizar um movimento literário. Nesse sentido, é importante recuperar suas origens e considerar que o auge de sua performance estilística está datada no século XVIII, período marcado pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa, tendo como referência de produção *Les Liaisons Dangereuses* (1782) de Choderlos de Laclos.

Para a pesquisadora húngara Krisztina Kaló (2004), que estudou em tese de doutoramento a epístola após o final do século XIX, mesmo que tenha sido ultrapassada por outros gêneros literários, a escrita epistolar sobreviveu nos séculos subsequentes, na França - berço dessa escrita - chegando até a contemporaneidade. Assim como o próprio romance em prosa, o gênero epistolar precisou se reinventar para garantir sua sobrevivência, principalmente em uma época em que redigir cartas tornou-se uma raridade. Talvez essa sobrevivência tenha se dado pelo fato de que, cada vez mais, leitores e editoras se interessem pelos bastidores da vida alheia. As editoras sabem da necessidade que os leitores possuem de serem *voyeurs*, de serem esse alguém que observa o íntimo, que sabe o que acontece, sem necessariamente estar no centro dos acontecimentos.

Em *Aquele que é digno de ser amado*, o leitor é apresentado a quatro cartas, agrupadas para compor o romance de forma anacrônica, ou seja, a primeira carta, na composição do livro, foi a última carta escrita, da mesma forma em que a última carta, na ordem do romance, é datada como a primeira carta escrita. Em nenhum momento as cartas são respostas uma da outra. No entanto, elas seguem a ordem de remetente e destinatário. Podemos entender que elas são colocadas de forma que se possa compreender um pouco melhor a vida do protagonista que escreve duas das cartas e que é o mesmo que recebe as outras duas cartas. A estrutura anacrônica e intercalada entre as quatro cartas cria uma sequência nessa tênue linha temporal que separa os vinte e cinco anos entre a primeira (a carta escrita) e a última (a carta recebida).

Nesse romance contemporâneo, somos apresentados a Ahmed, um muçulmano de origem marroquina residente em Paris. Ahmed vive em constante conflito devido a suas raízes culturais e sua orientação sexual (um tabu para a grande maioria dos países de origem árabe que podem até condenar homossexuais a sentenças de prisão). Para ser aceito por um país, é preciso, antes, renunciar o outro.

Neste capítulo, nossa intenção é fazer um pequeno mergulho em uma narrativa que fez com que o romance epistolar ganhasse um destaque especial entre os séculos XVII e XVIII, principalmente na França. Estamos falando do estilo literário de Chardel de Laclos e o mesmo utilizado por Jean-Jacques Rousseau para traçar críticas à sociedade na qual viviam. Mesmo que, naquela época, esse tipo de produção tenha sofrido duras críticas, tendo sido reduzida a uma “literatura menor” por ser predominantemente produzida por mulheres², a escrita epistolar recebeu, ao longo dos estudos acadêmicos, seu valor estético, social e cultural mesmo quando composta por “ingênuas”³ cartas de amor de autoria feminina. Na atualidade, as cartas, reunidas no formato de romance epistolar, apresentam temas diversos, sobretudo na escrita feminina que, anteriormente limitada às relações amorosas e à vida doméstica, ganha hoje grandes debates sociais e se torna o reflexo das conquistas e do reconhecimento social e literário da mulher.

2.1. Um romance epistolar?

Antes de explorarmos com mais detalhes o tema deste subcapítulo, é importante considerar, primeiramente, duas definições dicionarizadas para o substantivo “carta”. A primeira, extraída do *Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis On-Line*, define a palavra da seguinte forma: “Comunicação impressa ou manuscrita, geralmente numa folha de papel, acondicionada num envelope, endereçado e selado, feita entre pessoas afastadas ou ausentes” (MICHAELIS, in:

² Por muito tempo a escrita epistolar foi atribuída às mulheres, mesmo quando era de conhecimento a autoria masculina, como as *Heroides* de Ovídio (20 a. C. - 8 d. C.), pois eram elas que ficavam em seus lares à espera dos maridos que partiam em batalhas ou para as grandes caçadas, e enquanto esperavam escreviam a seus amados relatando a dor da separação e da espera.

³ Por muito tempo acreditou-se que as mulheres eram capazes, apenas, de produzir textos ingênuos, com temas como amor e saudade, ou sobre os afazeres domésticos, como cuidar do marido e filhos.

<https://michaelis.uol.com.br/>). A segunda, apresentada pelo Dicionário da Língua Francesa *Le grand Robert*, define carta como sendo: “escrita que endereçamos a alguém para comunicar o que não podemos ou não queremos dizer oralmente”⁴. A definição do dicionário francês ainda nos traz o seguinte complemento: “Ela pode diminuir a distância e preencher um vazio afetivo, enquanto manifestação da presença do outro”⁵. Para Michel Foucault (2006), a carta é algo mais que um adestramento de si pela escrita. Para ele, escrever uma carta é, ainda, “se mostrar, se expor” (p. 155, 156).

Mas, um questionamento precisa ser feito: por que recorrer ao significado dicionarizado desse objeto cada vez menos utilizado nos tempos atuais? É verdade que, com o avanço da tecnologia e na era onde a rapidez e a agilidade predominam na comunicação, as correspondências manuscritas caíram em desuso. Para que perder tempo se, hoje, basta apertar um botão para que, em segundos, do outro lado do mundo, alguém receba uma mensagem de “Bom dia!” ou um documento para fechar um negócio importante? Assim como as cartas se tornaram obsoletas, o gênero epistolar foi caindo no esquecimento, ficando perdido na literatura dos séculos XVII e XVIII ou na *l'âge d'or*⁶, período áureo de produções epistolares como *As cartas portuguesas*⁷, *Cartas Persas*⁸, *Cartas Peruanas*⁹, *Júlia ou a Nova Heloísa*¹⁰ e *Ligações Perigosas*¹¹. Assim como as referidas obras, a maior parte das teorias desenvolvidas sobre esse gênero ficou limitada ao que foi produzido apenas nesse período, pois tudo o que foi escrito nos períodos seguintes acabou por não receber o mesmo prestígio ou ser basicamente uma releitura do que já foi discutido (KALÓ, 2004).

Com o passar dos tempos, o romance ganhou novas formas, deixando de ser uma escrita totalmente regrada para se tornar mais livre, reflexo da sociedade que iria

⁴ No original, lemos: “un écrit que l'on adresse à quelqu'un pour lui communiquer ce qu'on ne peut ou ne veut pas lui dire oralement”. Todas as citações extraídas de obras originalmente em francês, sem tradução, utilizadas neste trabalho, são traduzidas livremente por mim.

⁵ No original, lemos: “Elle peut combler une distance et remplir un vide affectif en tant qu'elle est une manifestation de la présence de l'autre”.

⁶ Idade de ouro.

⁷ *Lettres Portugaises Traduites en Français*, Claude Barbin, 1669.

⁸ *Lettres Persanes*, Montesquieu, 1721.

⁹ *Lettres d'une Péruvienne*, Mme. Graffigny, 1747.

¹⁰ *La Nouvelle Héloïse*, Jean-Jacques Rousseau, 1761.

¹¹ Em algumas traduções, o título pode aparecer com ou sem o artigo “As” que faz referência ao original *Les Liaisons Dangereuses*, Pierre Choderlos de Laclos, 1782. Há traduções cujo título traduzido é *(As) Relações Perigosas*.

recebê-lo. Com tantas mudanças e com a inevitável evolução, nada mais previsível que o abandono das formas “arcaicas” que, por muito tempo, compuseram os textos canonizados. Da mesma forma, a mudança de postura também ocorre por parte daquele que escreve: “o escritor romântico recusa os gêneros clássicos por excelência, renega modelos pré-existentes” (VALENTIM, 2006, p. 30). Sendo assim, o romance que, comparado aos gêneros lírico, épico e dramático, já foi considerado um gênero menor, tornou-se um dos gêneros mais publicados e de melhor recepção devido a sua incrível variedade, principalmente por ter sido ele a forma literária que, em seu crescimento, soube melhor utilizar as novas técnicas narrativas e estilísticas. É importante lembrar que, em nome da moralidade, por muitos anos o romance sofreu ataques, principalmente por parte da Igreja. No entanto, assim como toda arte, também no romance não há como abandonar por inteiro suas origens. É necessário, vez por outra, visitar o passado para recriar novas formas de acordo com o que é imposto pelos acontecimentos do presente.

Após o surgimento do anti-romance ou do *nouveau roman* francês, como ficou mais conhecido, na segunda metade do século XX, percebeu-se uma exaustão das formas mais antigas de se narrar. Por isso, escrever um “novo romance” tornou-se algo mais elaborado. Nessa elaboração de novas formas de narrar, surgiram também novos temas bem mais próximos de seus leitores. A literatura não era mais restrita a temas burgueses, narrados por burgueses e voltados a um grupo seletivo de leitores também burgueses. Novos autores começaram a emergir das mais variadas classes e culturas. Os temas, por eles abordados, davam conta do cotidiano de um grupo de leitores por muito tempo excluído da alta e culta sociedade. Assim como novos autores, surgem novos leitores cada vez mais exigentes com as questões sociais e com temas que despertam no “eu” narrador a busca reflexiva por autoconhecimento, por uma reconstrução identitária, reconhecida e aceita, através de seu local de pertencimento. Todas essas questões, e algumas outras, se tornaram relevantes para o ressurgimento do romance epistolar, como ocorre com *Aquele que é digno de ser amado* (2018), analisado neste trabalho. É através das cartas que compõem o romance que Ahmed vai se autoanalisando e se (re)construindo literariamente enquanto sujeito¹². De acordo com Claudia Atanzio Valentim:

¹² Em diversas entrevistas, o autor declarou que suas obras de ficção partem sempre de suas experiências pessoais.

Para além das memórias, diários e autobiografias propriamente ditas, a carta assume um papel muito importante na escrita de uma vida, pois, a partir dela, além de devassar a intimidade do signatário, pode-se acompanhar seu cotidiano à medida que ele acontece. (2006, p. 14)

Uma das mudanças ocorridas com o advento do *nouveau roman* foi a forma como seu enredo nos é apresentado. Nada mais de histórias prontas, de narrativas no passado nas quais o narrador era conhecedor de todo o enredo (princípio, meio e fim) ou de epílogos que satisfaziam o leitor. Os novos romances passaram a ser narrados no presente e tratavam de histórias que iam se construindo com o avanço da leitura, prendendo o leitor e fazendo com que ele se sentisse personagem da história que lê. É justamente nessa nova forma de narrar que o romance epistolar volta a ganhar espaço, conforme aponta C. Valentim:

Se observarmos a estrutura do romance epistolar, vemos que neste aspecto ele se aproxima das inovações propostas pelo *nouveau roman*, pois a ação se constitui à medida que acontece – as personagens falam de suas vidas ao mesmo tempo que as vivem. (2006, p. 39)

Não se pode negar que, mais uma vez, o presente revisita o passado para (re)criar formas de escrever o romance que, na contemporaneidade, o caracteriza pelo aspecto híbrido. Mais que um romance epistolar, *Aquele que é digno de ser amado* é uma escrita de memória com traços que também o aproximam de uma autoficção. Sobre uma possível definição e nomenclaturas, falaremos mais adiante.

3. As cartas em *Aquele que é digno de ser amado*

A. Taia constrói seu personagem principal, Ahmed, a partir de quatro cartas, sendo que em duas delas ele é o signatário; nas outras, destinatário. Em nenhum dos casos as cartas são respostas uma da outra. Não existe uma ligação direta entre as

cartas e seus autores, somente o fato de que cada uma contém fragmentos da história de Ahmed com essas pessoas/personagens que recebem ou escrevem as cartas. Esse tipo de narrativa, composta por vários signatários, é o que Krisztina Kaló (2004, p.171) considera constituir o romance polifônico, nascido no século XVIII com a publicação do romance *Ligações Perigosas*. A forma com a qual a relação do “eu” com os “outros” é constituída nesse tipo de narrativa é a chave principal para que possamos ter uma maior compreensão do nosso personagem. Ahmed se constrói e se reconstrói não apenas pelas cartas que recebe, mas principalmente por aquelas que escreve.

Contrariando a maioria dos romances epistolares, não temos aqui uma linha linear no tempo. Entre a primeira e a última carta existe um espaço temporal de vinte e cinco anos na vida de Ahmed, apresentadas em retrospectiva, pois, conforme dito anteriormente, a primeira carta é a última no tempo cronológico. Talvez seja esse o motivo da impossibilidade de uma troca de correspondência entre as personagens. Em cada uma das cartas percebemos o que C. A. Valentim (2006) diz a respeito da epístola: “o que move o signatário é a paixão: a paixão dos sentimentos, a experimentação da paixão que aturde o eu, a paixão da escrita, de cada escrita” (p. 49). Outra característica bastante peculiar na obra em questão é a ausência de um prefácio ou de qualquer outro tipo de nota que explique o motivo da publicação de tais cartas. A presença ou ausência de tais artifícios, muitas vezes, é o que dá um ar ainda maior de veracidade ao que será apresentado ao leitor. Neste caso, nem autor e nem personagem apresentam justificativas para tanto, cabendo ao leitor a busca por semelhanças biográficas entre os dois.

Mas por que Abdellah nos apresenta este romance em forma de epístolas? Por que ele faz ressurgir um gênero pouco discutido e muitas vezes desacreditado pelos críticos literários desde o século XIX? Talvez uma resposta possível esteja no fato de que, ainda no Marrocos, Taïa estudou literatura francesa pela Universidade de Rabat, o que lhe rendeu uma bolsa para estudar Literatura Francesa do século XVIII em Genebra e seis meses depois uma outra bolsa, agora pela Sorbonne, onde pôde terminar seu doutorado. Os estudos de Taïa se voltaram para o momento e o local de onde surgiram os grandes nomes do gênero epistolar, o que fez de nosso autor um exímio conhecedor da arte de criar um romance através de correspondências, mas com o uso de novas técnicas. De acordo com a pesquisa realizada por K. Kaló (2004),

o romance epistolar nunca conheceu o seu verdadeiro fim, em alguns momentos ele apenas adormeceu, ressurgindo todas as vezes em que o gênero romance entrou em crise, evoluindo conforme as necessidades de cada período, principalmente na França onde recebeu a nomenclatura *nouveau roman épistolaire*:

podemos ver que a longa tradição do gênero epistolar está viva e bem viva no século XX. Uma análise quantitativa do nosso corpus mostra uma presença relativamente forte nos anos 1900-1930, um certo declínio no período de 1930 a 1960, e um boom considerável desde os anos 1960. (KALÓ, 2004, p. 140)¹³

Abdellah Taïa usa e abusa de todos os recursos que envolvem a escrita de uma carta, inclusive de seus estilos, ou categorias temáticas, como as citadas por C. Valentim (2006). Ao mencionar o trabalho de Maria de Fátima Valverde, no texto *A carta, um gênero ficcional ou funcional?*, somos apresentados a cinco categorias temáticas das cartas¹⁴, destas, ao menos duas podem ser reconhecidas em *Aquele que é digno de ser amado*. São elas: a carta-romance e a carta-confissão.

Em uma primeira leitura, pode parecer fácil identificar no romance de Taïa a qual categoria cada carta corresponde. No entanto, o hibridismo recorrente em todo romance dificulta qualquer tentativa de categorizar cada uma das quatro missivas. A carta destinada à mãe de Ahmed, apresentada e estudada no próximo capítulo, pode ser considerada uma carta-confissão. É através desta carta que o personagem finalmente encontra coragem para se revelar à mãe, mesmo que para falar de seus sentimentos seja necessário o uso de palavras um pouco duras, as mesmas palavras que cresceu ouvindo e aprendeu a usar. A cada linha uma nova revelação, uma nova confissão do que Ahmed se tornara às custas da indiferença da mãe. O mesmo elemento confessional podemos observar na terceira carta, também escrita por Ahmed, desta vez destinada a seu ex-namorado francês, Emmanuel. É através dessa carta que tomamos conhecimento de como Ahmed migrou do Marrocos para a França e da relação de dominação entre os dois países que se projeta na relação desses dois amantes, assim como na vida de outros imigrantes árabes. No que diz respeito à segunda e a quarta cartas, o que podemos observar, em uma leitura superficial, é a

¹³ No original, lemos: “nous pouvons constater que la longue tradition du genre épistolaire est vivante au cours du 20e siècle. En faisant une analyse quantitative de notre corpus, nous y voyons une présence relativement solide dans les années 1900-1930, un certain recul dans la période de 1930 à 1960, et un essor considérable depuis les années 1960”.

¹⁴São elas: a carta-romance, a carta-confissão, a carta-manifesto, a carta-ensaio e a carta-gnomônica.

formação de uma carta-romance, coincidentemente são estas destinadas a Ahmed. Em ambas temos a confissão de um amor platônico e, de certa forma, abusivo.

Nos próximos capítulos, as cartas serão apresentadas individualmente de forma que o estudo proposto aqui, nesta dissertação, esteja comprometido em melhor explorar as categorias apresentadas por M. Valverde pensando em possíveis desmembramentos para uma leitura mais aprofundada de cada uma delas, sem deixar de considerar o caráter híbrido que compõe o todo desse romance.

3.1. A culpa é sua Malika!

De Ahmed para Malika - Primeira carta, agosto de 2015

Avec une absence créer une présence, tel est bien le pouvoir paradoxal et de la passion et de la lettre.

J. Rousset

A primeira carta a compor o romance de Abdellah Taïa, datada de 2015, é enviada por Ahmed à sua mãe, Malika. Das quatro, essa é a única que temos a certeza de não poder ser respondida e de jamais chegar às mãos de sua destinatária, pois trata-se de uma correspondência póstuma, escrita cinco anos após a morte da mãe. A missiva é composta por linhas muito duras e amargas, com tom de desabafo sobre a maneira com que a mãe o tratou ao longo de toda sua vida.

A cada linha, há um despejo de ressentimentos guardados desde antes de seu nascimento, começo da rejeição por parte da matriarca. Ahmed narra seu drama familiar, desde a falta de voz por parte do pai que, contrariando os costumes muçulmanos, é submisso à esposa, até a predileção da mãe pelo irmão mais velho que, em sua percepção, tem o mesmo perfil de submissão. A carta também é um desabafo que relata a violência vivida, as dificuldades comuns às famílias pobres da região marroquina onde cresceu e, principalmente, narra a maior das violências: a

rejeição por sua orientação sexual. É na infância que Ahmed se descobre homossexual.

Ainda na primeira parte da carta, temos a informação de que nosso signatário está morando em Paris, onde vive livremente suas aventuras amorosas. Na maioria de seus casos amorosos, ele exerce um papel manipulador e impiedoso. Ahmed age como um sedutor barato, capaz de desfazer-se de seus relacionamentos sem nenhuma compaixão pelo outro. É em Paris que ele encontra outros que, assim como ele, saem do país de origem para se tornarem aceitos por suas escolhas sexuais. Porém, a carta não é redigida somente para falar de suas aventuras amorosas, de sua homossexualidade, mas para acusar a mãe por tudo aquilo que ele se tornou:

Nesses homens marroquinos exilados, vejo meu futuro social. Ao contemplá-los, já lamento algumas das minhas escolhas. E ao examiná-los, cada dia um pouco mais, me torno mais duro do que já era, desde o início. Um coração duro. Como o seu, minha mãe. Sou homossexual e funciono que nem você. Estou repetindo isso para você. Aí, donde você está, eu grito isso para você. (TAÏA, 2018, p.37)

Dentre as muitas finalidades de uma carta, quando relacionada à correspondência afetiva entre pessoas, a mais experimentada talvez seja a de tentar transcrever, para quem irá recebê-la, tudo aquilo que ensaiamos dizer pessoalmente, mas sem ter a coragem de dizer. Algumas cartas podem conter as mais lindas expressões que declaram o amor, ou um amor proibido, mas outras podem carregar as mágoas do fim de um relacionamento insustentável. Há também aquelas que servirão para detalhar uma nova vida, o recomeço em outro lugar, assim como haverá aquelas cujo conteúdo será o transbordar do sofrimento de uma vida. Nestas, encontraremos palavras duras que traduzem sentimentos até então reprimidos; palavras que brotam de uma coragem que só se conhece pelo fato de não se estar cara-a-cara com seu destinatário.

Há cartas que nunca serão enviadas ou mesmo lidas por seus destinatários, mas que serão escritas com um propósito catártico, terapêutico ou ainda como último ato de coragem. Assim ocorre com Ahmed, ou seja, a escrita que acompanha a certeza de que nunca será recebida.

Para Michel Foucault, escrever uma carta, além de fazer parte de um processo de (auto)conhecimento é, também, uma forma de mostrar ao outro como ele próprio se vê:

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma "introspecção"; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2006, p. 157)

M. Foucault ainda menciona que é através das correspondências trocadas com outrem que é possível estudar sobre a história da cultura de si (2006, p. 157). Quando escrevemos uma carta para alguém, tudo o que envolve este ato, desde a escolha do papel, da caneta ou do envelope, relaciona-se com o signatário. O que se escolhe dizer e a forma como é dito descreve, em parte, aquele que a redige, ou apenas o que este permite que conheçam. Sobre a carta, M. Foucault ainda diz:

é alguma coisa mais do que um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados ao outro: 'constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. A carta torna o escritor "presente" para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física [...] Escrever é, portanto, "se mostrar", se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. (2006, p. 155-156)

Embora a missiva esteja repleta de palavras amargas e de um enorme ressentimento, é importante ressaltar que se trata, também, de uma carta de amor. A ausência da mãe em decorrência da morte é bem mais forte do que a ausência em vida. A morte de Malika impede Ahmed de declarar à sua mãe todo o amor e admiração que sempre teve por ela, uma mulher firme e forte em uma cultura predominantemente masculina¹⁵: "Eu te admiro, mãe. Você soube permanecer fiel aos seus princípios" (TAÏA, 2018, p.14). Ahmed guardou todo esse amor apenas para si, mesmo sendo ele o filho rejeitado desde a barriga e, principalmente, após assumir sua homossexualidade. Apesar de toda dureza materna, Ahmed deixa claro que, de certa forma, sentia-se protegido apenas pela existência da mãe. Com sua morte, ele

¹⁵ No Marrocos, a cultura religiosa predominante é o Islamismo Sunita, uma cultura marcada por ser completamente machista e falocêntrica, na qual as mulheres, quase sempre, são vistas como seres inferiores aos homens, cabendo a elas apenas os cuidados do lar e da família e com muitas restrições. No entanto, o Marrocos atual parece estar um pouco diferente, as mulheres vêm ganhando abertura, liderando famílias, estudando e ocupando cargos importantes, podendo até mesmo dirigirem a palavra a outros homens que não sejam da família. Ao descrever Malika, o autor traz a presença dessa mulher que se destaca e se impõe perante toda uma sociedade.

diz encontrar-se desamparado, largado em um mundo ainda mais duro que ela, Malika.

3.1.1. A carta como confissão

Segundo o Dicionário Online do Português, Confissão apresenta as seguintes definições:

Ação ou efeito de confessar, fazer uma declaração ou escutar a revelação de alguém: fez-me uma confissão sobre o caso.
Aquilo que se declara ou é revelado por alguém; segredo, confidência.

[Religião] Declaração de culpa de quem busca a absolvição dos seus pecados.

A partir da explicação apresentada acima, podemos aproximar a carta de Ahmed à sua mãe ao gênero confessional, o mesmo, originalmente, utilizado por Santo Agostinho¹⁶ e por Jean-Jacques Rousseau¹⁷. Ao escrever para a mãe, Ahmed está confessando muito mais do que toda dor existente em seu interior. Ahmed se desvela e assume o quão cruel se tornou, tão cruel quanto a própria Malika:

E, infelizmente, para mim, sou como você. Exatamente como você.
Faço tudo como você. E só consegui enxergar isso de verdade, com clareza, depois da sua partida, da sua morte, em 2010.

[...]

Mesmo evitando, em tudo, pareço com você.

[...] Sou frio e despachado como você. Safado, calculista, apavorante às vezes. No grito, no poder, na dominação. Exatamente como você.
Ninguém vê isso claramente. Exceto alguns que tiveram a infelicidade de cruzar o meu caminho, de dividir a minha cama, o meu coração, o meu corpo.

Diante do outro, enfim vejo até que ponto, de longe e para sempre, você me comanda. Você me programou. Você fez de mim a máquina que agora sou.

[...]

¹⁶ Santo Agostinho escreveu suas Confissões entre os anos 397-400. A obra é considerada o primeiro relato autobiográfico, visto que sua escrita se deu entre os séculos IV e V. A obra narra a trajetória do Santo antes de sua conversão e de se tornar um cristão.

¹⁷ Jean-Jacques Rousseau escreveu a primeira parte de suas Confissões entre os anos 1765-1767 e a segunda entre 1769-1770. A obra, considerada um dos mais importantes relatos autobiográficos, principalmente por não se tratar de experiências religiosas, mas sim da vida pessoal do autor.

Quebrar, deixar, romper, partir, terminar, apagar é o que mais me dá prazer faz alguns anos. (TAÍÁ, 2017, p. 15)

É, também, através da carta que, finalmente, Ahmed cria coragem para falar de sua homossexualidade, da difícil relação com a mãe e, principalmente, do tortuoso sentimento de amor e ódio cultivados por ela.

Apesar de a escrita íntima estar diretamente ligada a narrativas pessoais registradas em diários, autobiografias e autoficções, pode-se perfeitamente relacionar essa escrita intimista às narrativas epistolares quando nelas estiverem retratadas a intimidade de quem as redige; de quem se expõe através das missivas que podem revelar sentimentos ligados a toda e qualquer experiência vivida. E é nesse sentido do “revelar-se” que aproximamos a carta de Ahmed para a mãe às Literaturas Confessionais.

Embora não tenha nenhum tipo de relação religiosa, da tradicional linha agostiniana, podemos dizer que o que Ahmed busca através dessa confissão epistolar é o perdão, o perdão materno. Trata-se do perdão solicitado face ao prenúncio da morte da mãe e que remonta ao momento de sua concepção, evidenciando todas suas tentativas frustradas de ser amado por aquela que o gerou e que, ao mesmo tempo, aparentemente o odiou:

Mãe, você desapareceu. Vai desaparecer. E nós não nos dissemos nada. Sei tudo sobre você. Tudo. Mas você não sabe o essencial sobre mim, em mim. Não sabe o que eu quero que você saiba. (TAÍÁ, 2018, p. 24)

Vai, me mata, me mata, me liberta, sou menina, você tem razão, e não mereço vir ao mundo. Pra quê! Você está coberta de razão. Vamos parar por aqui, agora mesmo, antes que isso vire uma tragédia ainda maior. vai mãe, me mata. Não quero mais viver. (...)

Sou menina. Livre-se de mim. Poupe-me da vida e das injustiças dela. Vai, corta agora mesmo o que nos une. Impeça o crescimento dessa coisa inútil em você. Essa mentira em você. Esse obstáculo e essa dor inúteis em você. (TAÍÁ, 2018, p.29-30)

Somente após a morte da mãe que Ahmed, finalmente, se assume homossexual. Para ele, até então, tudo não passava de um sentimento, de um “sentir-se como”, de uma pele que o revestia, e não de “enxergar-se como”. Para ele, mesmo que distante, a mãe era como um véu que protegia sua orientação sexual do resto do mundo, mas principalmente do que diz sua cultura a respeito. Com a morte de Malika, cai o véu das aparências ou das mentiras para que toda a verdade ressurgisse com força

ainda maior, como um face-a-face consigo mesmo e com toda sua trajetória até aquele momento.

A carta de Ahmed à Malika traz um outro fato importante: a confissão de um amor incondicional pela mãe; um amor que fez com que ele se transformasse em um reflexo dela, reproduzindo exatamente aquilo que viu e recebeu da mãe desde a infância. Ahmed também foi para seus amantes o que sua mãe foi para o pai. Foi com ela que aprendeu o jogo da sedução, a persuasão de “enfeitiçar” seus amantes, usá-los enquanto fosse conveniente para depois os abandonar. Para Ahmed, ao olhar-se em um espelho, o reflexo que ele obtém é o dela, Malika. A única mulher que ele foi capaz de amar de verdade e de quem apenas esperou receber amor, tendo sido, desde sempre, rejeitado:

De todos eles, sou o que mais se parece com você, o que acabou observando a sua programação à risca.

Por que eu? Diga. Diga. (...)

Por que você me escolheu, não o Mourad, ou então a Fatiha? Por quê? Por que eu sou homossexual? É isso?

No entanto, eu não era aquele que você mais amava. Não. (TAÍÁ, 2018, p. 16)

As confissões de Ahmed distanciam-se do trabalho de santo Agostinho, se considerarmos que a obra desse religioso evoca não apenas suas experiências pessoais, mas, principalmente, sua evolução espiritual e a procura por uma verdade encontrada apenas na vida cristã (ZANONE, 1996). No entanto, a carta de Ahmed aproxima-se das *Confissões* de J. Rousseau, pois ambos revelam detalhes íntimos de suas vidas, verdades que muitos teriam vergonha de expor, principalmente para uma sociedade que condenaria todos os seus atos. Em ambos os casos, foi necessário vasculhar nos mais profundos e escuros subterfúgios da memória de um passado, a fim de buscar, na mais tenra idade, as primeiras recordações do que os fez serem aquilo que se tornaram na vida adulta.

Segundo D. Zanone (1996), *As Confissões* de J. Rousseau, embora considerada como o esboço do que viria a ser o romance autobiográfico, originalmente não foi produzida como um trabalho literário, ou seja, com finalidade estética. J. Rousseau teria sido motivado por um tormento interior que o perseguia há muito tempo. Sendo assim, *As Confissões* surgem da necessidade de falar sobre as

injustiças e traições que o narrador acreditava sofrer por parte daqueles que tentavam manchar sua reputação. No entanto, muito mais do que falar sobre sua conduta ao decorrer da própria vida, a obra evolui para a catarse de seu autor que, ao confessar os erros cometidos no passado, acredita estar recebendo a redenção merecida. Lembremo-nos que, inicialmente, Rousseau escreve parte de suas confissões em cartas enviadas ao seu protetor, Malesherbes, e elas são publicadas como epístolas quando o mesmo acreditava estar no final de sua vida.

Mesmo que, por questões de estética e de contexto narrativo, a obra de Rousseau se afaste da obra de A. Taïa, algumas semelhanças podem ser traçadas entre as duas. Apesar de a obra do escritor marroquino não seguir a mesma cronologia existente em *As Confissões*, a primeira carta apresentada no romance remonta à cronologia existencial da personagem principal, pois é nesta carta que Ahmed conta sua história, antes mesmo de seu nascimento. É através desta carta que são apresentados ao leitor os elementos para que possamos compreender a construção do Ahmed a ser apresentado nas cartas seguintes. É também essa a carta que nos apresenta o começo e o fim de um ciclo que teve início e fim através de Malika, a mãe de Ahmed.

Toda vida de Ahmed, bem como seus sentimentos, ações e transgressões, foram a repetição de tudo o que sua mãe havia sido e o havia ensinado a ser. Ahmed havia se tornado o espelho de Malika. Porém a notícia da morte da mulher que não apenas o gerou, mas o transformou naquilo que era, teve um significado ainda mais forte do que a morte materna. A morte da genitora trouxe em si o encerramento desse movimento cíclico que o perturbou por décadas. Muito mais do que dor, a morte de Malika trouxe libertação. A morte dessa mãe significou o rompimento de uma corrente que o mantinha aprisionado dentro de si mesmo, diante de normas e padrões impostos por uma cultura e uma religiosidade extremamente machista e falocêntrica. É finalizando esse ciclo que Ahmed está livre para ser quem ele realmente é: marroquino, gay e mulçumano.

3.1.2. A carta aberta (e/ou fechada) à mãe

Carta aberta, segundo Talliandre Matos¹⁸, é um gênero textual que tem por intuito expor publicamente a opinião e/ou questionamento individual e/ou coletivo sobre determinado tema, na qual o autor procura defender seu ponto de vista, além de tentar convencer não apenas o destinatário, mas todos aqueles que tiverem acesso a mesma, de que o assunto tratado é de suma importância para todos.

Em abril de 2009, Abdellah Taïa publicou, na revista eletrônica TelQuel¹⁹ (nº 367, de 4 a 10 de abril), uma carta aberta à sua família, direcionada principalmente à sua mãe. A carta intitulada *L'homosexualité expliquée à ma mère*²⁰ (Anexo 1) reivindica sua homossexualidade falando de forma simples e sem medo, dos livros publicados que abordam o mesmo tema e servem como arma para a luta diária contra o preconceito, principalmente o existente dentro do Marrocos, um país que, segundo Abdellah descreve, vive um eterno retrocesso se comparado aos demais. Muito mais que reivindicar sua homossexualidade, A. Taïa pede desculpas publicamente, pelo que sua família tem passado desde que assumiu para todos, em 2007 (Anexo 2), sua orientação sexual.

A carta aberta está muito presente na primeira carta do romance *Aquele que é digno de ser amado*. Em ambas temos a presença de uma mulher de pulso firme, que apesar das dificuldades, soube se impor, soube se sobressair entre os homens, de ser mais forte que qualquer um: "*Mieux et plus courageuse que tous les hommes qui nous entouraient.*" (TAÏA, 2009). Mas que também foi rude, que não sabia falar manso, que sempre ditava ordens. M. Barka, a mãe de Abdellah Taïa, está presente em Malika, a mãe de Ahmed. Ahmed, ao pedir perdão e aceitação para a mãe, ao implorar pelo amor daquela que o gerou, está reforçando o que A. Taïa escreveu em sua carta aberta.

Em uma entrevista dada ao jornal "Le Monde", em agosto de 2010, alguns dias após voltar de uma viagem para participar do enterro da mãe M. Barka, em Salé (mesmo ano da morte de Malika, mãe de Ahmed), Abdallah Taïa fala um pouco mais

¹⁸ Texto publicado em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/carta-aberta.htm>

¹⁹ TelQuel é um semanário marroquino que aborda os mais diversos assuntos (economia, política, sociedade e cultura), o qual se destaca, desde a sua criação, pela liberdade de ton, defendendo os valores que fazem sua linha editorial: um Marrocos plural, democrático, laico, onde as liberdades individuais podem se expressar.

²⁰ No original, lemos: A homossexualidade explicada para minha mãe.

sobre a relação com sua mãe. Na entrevista, o autor deixa evidente que, assim como Ahmed, não era o filho preferido da mãe. Na entrevista ele fala sobre a carta que escreveu a sua família e que foi publicada no ano anterior à entrevista. Quando questionado sobre o que sua relação familiar tem a ver com seus livros, a resposta é: tudo! A. Taïa admite que pega emprestado um pouco de cada um e que, como ele mesmo advertiu na carta à sua família: *“Je vole vos vies pour les transformer en fragments littéraires”*.

Ainda em entrevista ao *Le Monde*, A. Taïa fala que tudo o que fez, que suas obras, sua homossexualidade assumida e reivindicada, tinha como intuito atingir não a sociedade, mas sua família, principalmente a mãe. Sua intenção nunca foi a de ofendê-los ou prejudicá-los, mas a de ser aceito e amado conforme suas escolhas. Na carta que escreveu à família, ele fala sobre esse desejo, e principalmente do desejo de ser defendido por aqueles que tanto ama:

Je rêve qu'un jour si quelqu'un m'insulte devant vous, en disant : "Ton fils, ton frère est un zamel²¹...", vous répondez: "Non, il n'est pas zamel, il est mathali²²." Un mot, un petit mot tout simple et qui change tout. Un mot-révolution.²³ (TAÏA, 2009)

Embora as duas cartas, tanto a de A. Taïa a sua família quanto a de Ahmed à sua mãe, não tenham sido redigidas no mesmo período, o conteúdo das duas se cruzam, se completam. Os dois, personagem e escritor, buscam serem aceitos e reconhecidos por aquilo que eles são: filho, irmão, muçulmano e gay. Os dois carregam consigo as marcas e a herança dessa mãe, que ao mesmo tempo que foi, foi protetora. Os dois estão dizendo a suas mães que eles também são dignos de serem amados. O que se percebe em ambas as cartas é o que pode ser chamado de “escrita reparadora”.

²¹ Em árabe a palavra “zamel”, assim como “châddh”, é um insulto, uma forma pejorativa de se referir a um homossexual.

²² A expressão “Mathali” foi recentemente criada no Líbano. “Mathali” vem de “mitl” que quer dizer “como”: “aquele que ama como quem é como ele. É uma palavra neutra que não exprime julgamento.

²³ No original, lemos: “Eu sonho que um dia, se alguém me insultar à sua frente, dizendo: “O seu filho, o seu irmão é uma bixa/um viado...”, você responda: “Não, ele não é ima bixa/um viado, ele é um gay/homossexual. Uma palavra, uma palavrinha simples que muda tudo. Uma revolução de palavras”.

3.1.3. A escrita reparadora na carta póstuma para Malika

Simon Harel em sua obra *L'Écriture Réparatrice* diz que:

A escrita reparadora se impôs como o limite de um pensamento que não ignora a mestiçagem singular da narrativa, sem esquecer as figuras originais que lhes emprestam a vida.²⁴(1994, p. 09)

Partindo dessa reflexão, entende-se que A. Taïa não apenas cria um texto em que aborda temas polêmicos e marginalizados, principalmente no que diz respeito a sua origem, mas um texto em que, claramente, podemos observar parte de sua própria história, embora a obra não seja considerada uma autobiografia. É justamente ao dar vida a seus personagens, cuja existência é fortemente inspirada naquela de seus familiares, que o autor busca essa reparação.

A abordagem realizada por S. Harel sobre a “escrita reparadora” parte de uma conceitualização psicanalítica, com isso ele acaba trazendo questões como o complexo de Édipo e, sobretudo, aquelas relacionadas à complexidade que há em torno da escrita de si: “Sem dúvida que ela instaura, de uma maneira particularmente forte, a trama da narrativa de si que permite a difícil contenção da atividade de pensar²⁵.” (1994, p. 10).

Segundo o estudioso, a psicanálise tem se dedicado aos estudos de uma “Teoria do pensamento” que, por sua vez, estaria diretamente ligada à investigação do inconsciente humano e conseqüentemente aos fantasmas que povoam esse inconsciente. Para S. Harel, esses fantasmas se fazem cada vez mais presentes na escrita literária, muitas vezes representados pela figura materna - o que justificaria a relação edipiana entre personagens - e pela necessidade de controlar seus mais secretos desejos, principalmente no que diz respeito ao aumento de obras literárias que giram em torno da escrita de si.

De acordo com Melanie Klein, “sadismo e desejo de reparação coincidem com um questionamento sobre os conteúdos imaginários do corpo materno²⁶.” (Apud

²⁴ No original, lemos: “L'écriture réparatrice s'est imposée comme “limite” d'une pensée qui n'ignore pas le métissage singulier du récit, sans pour autant oublier les figures “originaires” qui lui prêtent vie”.

²⁵ No original, lemos: “Sans doute qu'elle instaure, de manière particulièrement forte, le “tressage” du récit de soi qui permet le maintien difficile de l'activité de penser”.

²⁶ No original, lemos: “sadisme et désir de réparation coïncident avec une interrogation sur les contenus imaginaires du corpus maternel”.

HAREL, 1994, p. 17). Tal afirmação está ligada à reflexão fundada por M. Klein de que a relação do sujeito com o mundo exterior “faz da imagem corporal uma estrutura que é constantemente remodelada pela interação da agressão e do desejo de reparação”²⁷ (Apud. Ibid., p. 17) - um corpo que está em constante evolução, mudando de acordo com o crescimento, o amadurecimento e as necessidades individuais de cada ser. Em alguns casos essa mudança pode estar relacionada às exigências sociais, o que pode levar um indivíduo a tratar de seu corpo com um certo tipo de agressividade, mutilando-o, ou seja, moldando-o para que seja aceito. Corpo e agressividade são dois dos elementos que, com uma certa frequência, estão presentes em *Aquele que é digno de ser amado*. Para complementar o pensamento kleiniano, S. Harel cita Guy Rosolato, o qual diz que:

A necessidade de reparação, tão importante na gênese do pensamento kleiniano, deve ser posta em relação à permanência de um desejo de destruição. Rosolato acrescenta que: “[...] esta necessidade de reparação pode deslizar para uma submissão diante de uma mãe sempre disposta a ajudar, mas que se torna, com isso, tirânica”.²⁸ (HAREL, 1994, p. 17)

S. Harel interpreta o pensamento de G. Rosolato como sendo a reparação um processo em que o amor se transforma em ódio. Em *Aquele que é digno de ser amado* é possível encontrar tal processo, mas também o seu inverso, pois diante uma vida de desprezo, a personagem central busca o amor materno.

Abdellah Taïa, através de Ahmed, apresenta na obra analisada alguns de seus fantasmas, talvez os mais difíceis de serem enfrentados. Através de sua escrita ele vai liberando um a um e confrontando-os através das cartas que compõem o romance. Talvez o mais complexo de todos tenha sido o que ele escolheu para dar início à obra, a carta escrita a sua mãe, Malika, na qual traz detalhes importantes da relação entre os dois. Ao analisarmos *Aquele que é digno de ser amado*, na relação estreita com as palavras de S. Harel, podemos encontrar uma boa definição para o trabalho de escrita de A. Taïa:

A obra criada é um objeto distinto, uma entidade autônoma que permite projetar para o exterior da psique do sujeito um campo de experimentação

²⁷ No original, lemos: “fait de l’image du corps une structure constamment remodelée par le jeu de l’agressivité et du désir de réparation”.

²⁸ No original, lemos: “Le besoin de réparation, si important dans la genèse de la pensée kleinienne, est à mettre en relation avec la permanence d’un désir de destruction. Rosolato ajoute que: «[...] ce besoin de réparation peut glisser vers une inféodation à l’égard d’une mère toujours à assister et devenant de ce fait tyrannique»”.

onde serão jogados os antigos fantasmas de fusão e destruição ao que diz respeito ao corpo materno. Mas a obra criada está, devido a esta relação, sujeita a uma experiência “representativa”, a qual eu defino como reparadora: tentativa de acomodar estes fantasmas de fusão e de destruição recorrendo ao que Melanie Klein chamou de posição depressiva.

Em outros termos, a obra criada deve ser concebida como continuidade metonímica, é de fato uma extensão da psique do criador, pois o trabalho de elaboração da obra corresponde a um estágio narcisista sustentado pela dimensão identificadora do superego e de um ideal do Eu.²⁹ (HAREL, 1994, p. 19)

Começar o romance pela carta escrita a mãe significa a necessidade de retornar ao passado, de compreender melhor as origens e os fatos que lhe trouxeram até o momento presente, os quais foram responsáveis pela formação desse “EU” que ao (re)construir sua própria identidade tornou-se, de certa forma, um *double* da figura materna. É através desta carta que Ahmed começa seu processo de reparação por tudo aquilo que será exposto nas cartas seguintes, o que pode ser confirmado pelas palavras de S. Harel:

O motivo reparador inaugura, em suma, um desejo de um regresso às origens. Não há dúvida de uma fantasia inaugural que percorre o pensamento kleiniano: o encontro e o confronto com a psique materna tomando o lugar de um porão representativo a partir do qual toda a criatividade de simbolização subsequente será possível.³⁰ (1994, p. 85)

O processo de reparação tem início no momento em que Ahmed vivencia o luto pela morte da mãe, longe de casa, da família, em uma terra que não é a sua e que jamais compreenderia a sua dor. É na vivência do luto que a personagem retorna ao passado, para entender que somente assim poderia seguir em frente. E é através desse reencontro consigo mesmo que vai perceber o importante papel exercido pela figura materna em sua trajetória. A morte da mãe, objeto em torno do qual todos os fantasmas de Ahmed se formaram, trouxe um outro desejo, o qual costuma habitar o mais profundo esconderijo da psique humana: na vontade de desistir o desejo pela

²⁹ No original, lemos: “L’œuvre créée est un objet distinct, une entité autonome qui permet de projeter à l’extérieur de la psyché du sujet du champ d’expérimentation où joueront des fantasmes archaïques de fusion et de destruction à l’égard du corps maternel. Mais l’œuvre créée est, du fait de cette relation, assujettie à une expérience de «représentation» que je définis comme réparatrice: tentative d’accommoder ces fantasmes de fusion et de destruction en recourant à ce que Mélanie Klein appelle la position dépressive.

En d’autres termes, l’œuvre créée est à concevoir comme continuité métonymique. Il s’agit bien du prolongement de la psyché du créateur, car le travail de l’élaboration de l’œuvre correspond à un étayage narcissique soutenu par la dimension identificatrice du Sur-moi et de l’Idéal du Moi”.

³⁰ No original, lemos: “Le motif réparateur inaugure en somme avec vigueur un souhait de retour aux origines. Sans doute y a-t-il d’ailleurs un fantasme inaugural qui parcourt la pensée kleinienne: la rencontre et la confrontation avec la psyché maternelle tenant lieu d’emprise représentative à partir de laquelle toute activité ultérieure de symbolisation sera possible”.

morte, mas também mostra a importante ligação existente entre mãe e filho, mesmo que em muitas situações parecesse prevalecer a raiva, o ódio:

Na piscina não grito mais. Abro a boca enorme e deixo a água entrar.
Me espera, Malika.
Não tenho mais forças. Não tenho mais vontade nem de viver nem de pegar o avião. Vou parar por aqui também. Pra quê! também vou embora. No mesmo dia que você...
Me dá a mão!
Por favor... (TAÏA, 2018, p. 38-39)

No entanto, a morte aqui não está representada em seu sentido literal, mas sim no sentido figurado: “Relacionar o luto com a perda do objeto nos introduz a um pensamento de restauração psíquica.”³¹ (HAREL, 1994, p. 100). Ou seja, a partir da morte do ser materno o que se deseja não é a própria morte, mas sim o surgimento de um novo ser, um novo Ahmed, capaz de olhar para trás e se reconstruir a partir de seus erros do passado. Assim como a carta do tarot, nem sempre a morte traz consigo um significado negativo, mas o sentido da transformação. A morte também significa renascimento, libertação. Trata-se de aceitar que o que está no passado deve ficar lá para uma melhor aceitação de si mesmo.

3.2. *Aquele que é digno de ser amado ou As cartas marroquinas?*

De Vincent para Ahmed - Segunda carta, julho de 2010

La lettre est une métaphore de ce corps tiers, un sexe baladeur dans le corps du langage.

Cornille

O segundo capítulo ou a segunda carta do romance de Taïa pode ser aproximada com *As Cartas Portuguesas*, romance da literatura francesa que ficou conhecido como o fundador da categoria romance epistolar. O romance atribuído a Mariana Alcoforado (1669), é um dos grandes cânones da literatura francesa e/ou mundial. Composto por cinco cartas, escritas pela jovem freira portuguesa e

³¹ No original, lemos: “La mise en relation du deuil et de la perte de l’objet nous introduit à une pensée de la restauration psychique.”

destinadas a Chamilly, militar francês por quem Mariana se apaixonou, o romance é considerado um dos mais belos cantos do amor traído, do amor rejeitado e vivido por apenas uma das partes.

Em cada carta, Mariana tenta traduzir, para seu amado, tamanho sentimento a ele dedicado. Trata-se da expressão de um amor incondicional, capaz de fazer com que ela adoeça por sua ausência e pelo silêncio das cartas nunca respondidas. Nas cinco cartas percebemos ao mesmo tempo a evolução e a posterior degradação do amor, inicialmente apresentado com lirismo, mas que se torna exacerbado e até mesmo obsessivo. Nas quatro primeiras cartas, a jovem freira chega a se mostrar culpada por duvidar dos sentimentos de seu amado, culpando a si própria por ser capaz de pensar que ele a tenha esquecido ou não tenha se preocupado em dedicar um pouquinho de seu tempo para respondê-la. No entanto, ao final da quarta carta Mariana dá vestígios do teor que a quinta e última missiva de amor viria a ter. É na última carta que a jovem encerra esse romance que a ela muito custou. Foram tantas humilhações, que rogavam pelo mínimo de amor possível, chegando ao ponto de não se achar digna de seu amado ou mesmo implorando por piedade, que naquele momento tudo se tornava ressentimento. Era chegada a hora de dar um basta, de apagar todo e qualquer resquício do que um dia ousou chamar de amor. É exatamente nesta carta que o leitor é informado de que, em algum momento anterior, Mariana obteve alguma resposta a suas cartas. Não somos informados do teor das mesmas, mas sabemos que não é o suficiente para fazer com que a jovem freira abandone sua última decisão, a de se entregar apenas a sua consagração.

O que pretendemos trazer aqui não é uma leitura comparada dos dois textos, mas um novo olhar para uma das cartas apresentadas no romance de A. Taïa, estando ela, de certa forma, entrelaçada à obra que deu origem ao romance epistolar. *As cartas portuguesas* era o romance que a personagem de Ahmed mais gostava na Literatura Francesa, segundo suas palavras: “De tudo o que a França produziu em termos de livros, é o único que vou levar comigo para o céu.” (TAÏA, 2018, p. 46). Muito além de um gosto literário, a obra é um sobreaviso para o que viria a ser a rápida história de amor vivida entre ele e Vincent, um amor unilateral.

A carta, desta vez destinada a Ahmed, narra a história de um encontro inesperado e a história de amor vivida apenas por Vincent, abandonado no dia

seguinte à intensa noite de amor entre os dois, mesmo após terem trocado algumas confidências. Segundo Vincent, algo que poderia ter sido evitado caso ele já conhecesse o romance tão estimado por Ahmed ou se desde o começo tivesse contado sobre sua descendência marroquina. Mais que um simples romance, *As cartas portuguesas* serviram como um manual ao abandono e a rejeição e, talvez poderia ter sido uma forma de desmascarar as verdadeiras intenções Ahmed, como pode ser observado em alguns trechos da carta: “Você duvidava que eu corresse para a primeira livraria para comprar este livro, descobrir do que você gostava nele e encontrar coisas suas nele.” (TAÏA, 2018, p. 47) [...] “Você sabia em que infelicidade você estava me atirando, pois conhecia *As cartas portuguesas* tão bem.” (TAÏA, 2018, p. 48).

A carta de Vincent a Ahmed foi escrita três anos após o mesmo ter sido abandonado, nela temos a descrição do encontro entre os dois, desde a primeira troca de olhares, o primeiro toque, a noite inesquecível. Vincent descreve os detalhes das conversas, dos locais por onde passaram, até mesmo do sexo mal-feito na noite que antecedeu sua tragédia amorosa. Ao longo da correspondência, Vincent conta sobre o motivo de sua ida ao Marrocos, a vida passada de seu pai, um judeu marroquino que, apesar de receber muito amor, ainda na infância fora abandonado por seus pais e que, ainda jovem, mudou-se para a França, deixando para trás suas origens e sua crença. O amante abandonado acredita que se, por um instante, tivesse contado sobre seu pai tudo teria sido diferente, os dois estariam, para sempre, ligados através de suas origens.

Assim como em *As cartas portuguesas*, temos uma personagem que, primeiramente, culpa-se pelo abandono do ser amado, experimentando desde o amor intenso e desmedido à dor da rejeição e da indiferença, passando pelo processo de negação e aceitação, chegando aos sentimentos de raiva e de desespero. Porém, em *Aquele que é digno de ser amado*, a voz que reclama toda a dor vivenciada por tal abandono não é feminina, e sim de uma voz masculina homossexual, trata-se da voz de Vincent, um homem tímido com seus quarenta e cinco anos na época do encontro, como descrito na carta (TAÏA, 2018, p. 43). Outra diferença está no fato de que apenas uma carta foi escrita, e somente após terem se passado três anos da data do encontro. Observa-se, também, que há um destinatário, Ahmed, mas um destino desconhecido. O autor da missiva desconhece o endereço de seu amado, reservando à sua

correspondência apenas o lugar de confissão, a confissão de um amor ainda presente, nunca esquecido, mesmo com o passar do tempo e a esperança de um dia ser correspondido, não pela carta que está escrevendo, mas pelo sentimento por tanto tempo guardado e desejoso de reciprocidade.

Neste capítulo/correspondência, podemos, mais uma vez, perceber o profundo conhecimento que Abdellah Taïa possui sobre a literatura francesa. Além da obra *As cartas portuguesas* que aparece como uma referência híbrida e, de certa forma, inspiração para este capítulo, observamos a citação de outros romances importantes para a ascensão do romance como gênero literário, são eles: *Adolphe* (1806), de Benjamin Constant; *Les Égaréments du cœur et de l'esprit* (1736-1738), de Claude-Prosper Jolyot de Crébillon (Crébillon Fils) e as *Cartas de Madame de Sévigné* (1734-1737), de Maria de Rabutin-Chantal, Marquesa de Sévigné.

Como ressaltamos anteriormente, esta segunda carta possui uma ligação muito forte com *As cartas portuguesas*. Ambas são caracterizadas pela presença de um amor unilateral, aquele que é vivenciado por apenas uma das partes, pela dor do abandono e por um sentimento de culpa por parte daquele que é rejeitado. Em ambos os casos, a carta é o objeto que narra ao leitor a intensa história de amor vivida e rapidamente interrompida, mas é também o instrumento que busca encontrar respostas para tamanha rejeição, ao mesmo tempo que serve de consolo. A carta de Vincent a Ahmed é, ao mesmo tempo, racional e passional, assim como acontece nas cartas de Mariana Alcoforado. Tal dualidade está presente logo no começo da missiva:

Não tenho nada mais a temer. Consegui escapar, acho, do amor louco, inverossímil, que tinha por você. Não te odeio mais. Não estou mais animado pelo espírito de vingança. Quero reatar. Desejo verdadeira e sinceramente te reencontrar. Recomeçar. É recomeçar, apesar de tudo o que você me fez. O paraíso e o inferno no mesmo dia. (TAÏA, 2018, p. 43)

Assim como em suas linhas finais:

Estou aqui. Não perdoei nada. Não estou mais calmo. A raiva está aqui. Bem aqui. Espera interminável no café *La Vieilleuse*.
[...]
Vem. Vem. O mundo, a terra, o céu e o mar te esperam como eu. Não aguento mais. Vem. Vem escrever comigo. Dormir comigo. Matar o mundo que nos separa. Matar a vida seca, escura. (TAÏA, 2018, p.73)

A correspondência de Vincent traduz o que M. Foucault (2004, p. 153) descreve em “a escrita de si”: “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita,

sobre aquele que a envia”. Ao escrever para Ahmed, Vincent não só rememora o que vivenciou nas horas em que estiveram juntos, mas parte do passado ocultado pelo pai, as origens familiares e o misto de sentimentos que as duas situações despertaram nele. Ao escrever para Ahmed, um marroquino na França, assim como Mardoqui, seu pai, Vincent busca não apenas o reconhecimento daquele que tanto ama e deseja, mas de suas próprias origens. Para ele, estar ao lado de Ahmed é poder vivenciar parte de sua própria história, é encontrar sua verdadeira identidade. Parte da história desses dois personagens possuem semelhanças ainda maiores. Os dois buscam nas figuras materna e paterna as origens de seus traumas e angústias. Sendo assim, Vincent escreve muito mais para si do que para Ahmed, tentando preencher os espaços vazios em seu coração, espaços estes deixados não apenas pelo amante, mas por seu pai.

3.3. Adeus Midou, bem-vindo de volta Ahmed!

De Ahmed para Emmanuel - Terceira carta, julho de 2005

na língua do outro
perdi da voz
de meu corpo.

tanto apostei nos destinos
que acabei por esquecer a coragem da origem

e de mim.

Leonardo Tonus

A terceira correspondência a compor o romance analisado, é também considerada a mais importante entre todas, ou o coração deste romance. É essa a mais reveladora e confessional de todas. É ela que nos conta parte da história de Ahmed, de como ele foi parar na França, a vivência de sua homossexualidade e sua relação com a língua e a cultura francesa. É através dessa carta que podemos compreender um pouco mais sobre a construção do Ahmed das missivas anteriores.

O que aparenta ser uma carta de despedida nada mais é que uma carta de reencontro, um reencontro consigo mesmo, com suas origens, sua língua e sua cultura.

Na terceira carta, voltamos a ter o personagem principal como narrador e como autor de mais uma missiva. Ahmed escreve a Emmanuel, seu amante francês e companheiro desde os dezessete anos. Treze anos após o primeiro encontro entre os dois em Salé, no Marrocos, é chegada a hora da despedida, da libertação. A carta redigida enquanto o amante dorme relembra o encontro inusitado entre os dois, a primeira relação sexual que tiveram, ainda em terras muçulmanas, mas principalmente a vida de Ahmed a partir desse encontro. A relação entre os dois amantes é traduzida por Ahmed como sendo, simbolicamente, a mesma que por muito tempo perdurou entre França e Marrocos, uma relação de colonização e domínio através da língua e da cultura/religião. Tal relação pode ser traduzida nas palavras de Silviano Santiago, quando este discute sobre os métodos que os europeus utilizaram para “civilizar” os autóctones durante a colonização:

Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta. Um só Deus, um só Rei, uma só Língua: o verdadeiro Deus, o verdadeiro Rei, a verdadeira Língua. (2000, p. 14)

Ainda muito jovem, sem experiência e de origem humilde, Ahmed viu em Emmanuel a possibilidade de sair da vida pobre que tinha e de melhorar sua vida: “aquele homem francês, a minha chance de viver, existir, sair da pobreza.” (TAÏA, 2018, p. 83). Para muitos e por muito tempo falar a língua francesa, conhecer a cultura francesa era sinônimo de alto poder aquisitivo. Aquele que conhecesse a língua do país, que por muito anos os dominou, tinha uma chance a mais na vida, poderia frequentar e trabalhar nos lugares onde aos demais, os mais pobres, era interdito:

Era preciso mudar. Era preciso se transformar. Era preciso dominar o francês. essa era a vida real para sair da miséria, ser livre, ser forte. (TAÏA, 2018, p. 90)

Logo nas primeiras linhas, Ahmed deixa bem claro a necessidade que sente de abandonar tudo o que vivera ao longo dos últimos treze anos:

Saio de você e saio dessa língua que não aguento mais. Não quero mais falar francês. Parei de frequentar essa língua. Não gosto mais dela. Não a amo mais. Ela também não me ama mais. (TAÏA, 2018, p. 77)

Muito mais que uma renúncia, essa carta apresenta uma denúncia às imposições francesas sobre os árabes que vivem na França:

Não quero mais ser guiado por você, fazer as coisas segundo você. Ser direitinho do jeito que deve ser: um parisiense como os parisienses, sem ser árabe demais para o seu gosto e para o seu mundo, sem ser mulçumano demais, sem ser muito de lá. (TAÍÁ, 2018, p. 77)

A carta em questão, não apenas relembra toda a trajetória de Ahmed até aquele momento, não apenas tem o intuito de ser o desfecho de uma relação de amor. É preciso ler a correspondência com o olhar mais atento, pois existem nela duas outras finalidades. A primeira, é a de proporcionar um face-a-face entre remetente/destinatário, mas principalmente entre o Ahmed do presente com o Ahmed do passado, do jovem homem experiente com o frágil menino sonhador. A segunda está ligada com o neocolonialismo francês. Ao terminar sua relação com Emmanuel, Ahmed está se libertando das opressões que, por muitos anos, seu povo tem sofrido por parte da França, país que por décadas os manteve como colônia.

Em seu texto “A escrita de si”, M. Foucault já afirmava que:

Parece que foi na relação epistolar - e conseqüentemente para colocar a si mesmo sob os olhos do outro - que o exame de consciência foi formulado como um relato escrito de si mesmo: relato da banalidade cotidiana, das ações corretas ou não, da dieta observada, dos exercícios físicos ou mentais que foram praticados. (FOUCAULT, 2004, p.160)

É, portanto, através desse ato de escrever para Emmanuel que fez com que Ahmed voltasse o olhar para si e percebesse no que havia se tornado ao longo dos últimos treze anos: mais um mulçumano livre, porém intelectualmente escravizado.

Ao longo da missiva Ahmed denuncia o trabalho escravo através de Halima, a empregada da família de Emmanuel. Uma muçulmana que, com seus setenta anos, viveu apenas para servir a família francesa que a recebeu. Viu os filhos da patroa nascerem, crescerem e se casarem. Mas quanto a ela, não lhe foi permitido constituir família, pois todo seu tempo devia ser dedicado àqueles que lhe deram um teto e mataram sua fome (modelo de escravidão moderna). Apenas Ahmed, depois de a criticar, foi capaz de compreender a história de Halima, visto que o mesmo estava acontecendo com ele, um apagamento linguístico e cultural:

Então, a Halima chorava. Expressava assim as suas ideias, os seus valores, a sua crença. Chorava para falar de um apego, de uma crítica [...] eu a julgava um pouco, pois ela não era culta, pois ela não tinha aproveitado a França

para evoluir, se emancipar, ascender socialmente. Nem na sua família, Emmanuel, ela não encontrou liberdade. Nem você nem sua mãe, e menos ainda suas irmãs, não tinham, realmente, pensado em ajudá-la. Ela sacrificou a vida aqui na França. E as lágrimas dela também diziam isso. (TAÏA, 2018, p. 107)

Enquanto escreve, Ahmed vai relembando e revivendo situações que fizeram com que ele, para ser aceito por todos, deixasse para trás toda uma bagagem cultural, se tornasse mais um, entre tantos, árabe afrancesado: “Aos trinta anos, nem falo mais árabe como antes. [...] A língua não é mais a minha língua.” (TAÏA, 2018, p.89). Ahmed empresta sua mão a todos os imigrantes árabes “exilados” na França, mas também àqueles que ficaram em seus países sofrendo com o processo do pós-colonialismo. A missiva destinada a Emmanuel é, na verdade, uma carta de alforria em nome de todos aqueles que antecederam Ahmed e dedicada àqueles que virão depois dele. Ahmed escreve simbolicamente à França, país que colonizou o seu, o seu povo, e que, por muito tempo, fez com que todos acreditassem que somente o que vinha deles era bom e aceitável, sinônimo de altivez: a língua, a cultura e as tradições.

Toda vida de Ahmed (Marrocos), a partir de seu encontro com Emmanuel (França), é trilhada segundo as orientações e as vontades do amante, de acordo com aquilo que era necessário para que o jovem muçulmano se tornasse aceito entre os franceses, com que ele fosse aculturado.

Fiz o que você me disse para fazer. Fiz os concursos que você me aconselhou fazer. Fiz Science Po. Fiz os estágios que você encontrou para mim. Adotei o seu modo de viver, de pensar, de comer, de andar e de trepar. (TAÏA, 2018, p; 98)

Ahmed foi muito além da mudança de território, mudou de nome, passou a se chamar Midou, de religião, a mesma de Emmanuel, e de cultura. Suas conversas giravam em torno de grandes nomes da literatura francesa:

E não demorou para que nossas conversas começassem a girar em torno de Victor Hugo, Madame de Sévigné, Arthur Rimbaud, Marcel Proust, Jean Genet e de seus amigos. (TAÏA, 2018, p. 94-95)

Tudo aquilo que fizesse referência a seu passado, o amigo de infância, as aventuras e dificuldades em Salé, a língua materna, a religião e até o ator egípcio que tanto admirava, estavam agora no passado. O nome Ahmed se apagou para dar vida a Midou. Finalmente havia sido dominado pelo homem francês, pela cultura do colonizador francês. Mas como ressuscitar Ahmed? Como fazer renascer sua identidade muçulmana e marroquina? Mais uma morte simbólica prestes a acontecer:

“quero botar pra foder, chutar tudo para o alto, queimar tudo e em seguida me atirar no mar”. (TAÏA, 2018, p.78)

3.3.1. “*Les Indigènes de la République*” e o pensamento decolonial

É preciso que aprenda primeiro a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida.

Silviano Santiago

A carta de Ahmed a Emmanuel faz uma breve menção ao *Parti des Indigènes de la République* (PIR). Apesar de breve, a menção é importante para uma discussão que tem feito parte de muitos movimentos em torno do mundo, tal como o pensamento sobre a “decolonialidade” que se pode perceber nas entrelinhas da carta em questão.

Primeiramente, para entender quem ou o que são *Les Indigènes de la République*, observemos o seguinte trecho de um artigo publicado, em novembro de 2017, na revista eletrônica SlateFR:

O partido dos Indígenas da República faz parte de um amplo movimento intelectual e político que considera que as construções da realidade social estão impregnadas de sucessivas sedimentações e que a colonização, as suas regras, códigos e representações ainda influenciam a ideologia na nossa sociedade. Basta ler Sadri Khiari, um dos fundadores do PIR, para perceber que o movimento, tal como alguns imigrantes franceses, está cansado de ser considerado como “o Outro”.³² (BRUSTIER, 2017)

Fundado em 2005 (mesmo ano em que Ahmed escreve a carta a Emmanuel), o PIR tem como finalidade defender todos aqueles que são malvistas pela República Francesa. Entre eles estão os filhos de ex-colônias francesas e outros tipos de imigrantes que, por muito tempo, foram tratados como seres inferiores, incapazes de compreender a cultura e até mesmo incapazes de se tornarem pensadores e

³² No original, lemos: “Le Parti des Indigènes de la République s’inscrit dans un très vaste mouvement intellectuel et politique qui considère que les constructions de la réalité sociale s’imprègnent des sédimentations successives et que la colonisation, ses règles, ses codes, ses représentations parquent encore l’idéologie en cours dans notre société. Il suffit de lire Sadri Khiari, un des fondateurs du PIR, pour constater que le mouvement comme une partie des Français immigrés sont las d’être considérés comme ‘l’Autre’”.

intelectuais. Muitos deles vivem isolados e agrupados em bairros da periferia, longe da elite intelectual republicana devido às suas origens e/ou à cor da pele. O artigo de O. Brustier traz a seguinte definição: “Ser indígena, diz Khiari, é existir socialmente como uma condição de possibilidade e realização do privilégio branco”, que também pode ser traduzido como: “A negritude não é uma cor, é uma relação social”³³.

Embora a reflexão acima aborde a condição do homem negro, há muito considerado como um ser inferior e representativo da colonialidade, ela também se aplica à condição do homem marroquino muçulmano, assim como aos demais países do norte da África, que por conta de suas culturas, sobretudo a religiosidade, são vistos como seres inferiores.

Em vários momentos, é possível observar que o processo pelo qual Ahmed está passando não é apenas o de uma separação conjugal, ou o de uma simples tentativa de reencontro consigo mesmo após anos em um relacionamento “abusivo”. Percebe-se que há uma relação simbólica representada pelo processo de decolonialidade. Nesse choque de realidade, Ahmed percebe que por anos ele foi levado a acreditar que os grandes pensadores, as verdadeiras obras de arte e literatura, os melhores cineastas, atores e escritores eram todos de origem francesa ou eurocêntrica. Até mesmo a língua era a mais bela e culta entre todas. Tudo se sobressaia a sua língua e a sua cultura. Essa condição de “dominação” permanece forte quando da escolha de seu percurso de estudos, ou seja, língua e cultura francesas que se estendiam às conversas com Emmanuel; conversas que giravam em torno de Victor Hugo, Rabelais, Molière, Mme. de Sévigné, Rimbaud, Proust e Genet (TAÏA, 2018, p. 94-95). Outra passagem na qual percebe-se a menção à colonialidade está no relato sobre o seminário que Ahmed havia proferido na Universidade de Rabat. Nele, o narrador conta que teria levantado à aula a discussão sobre a primeira experiência homossexual de André Gide, vivida na Argélia, com um jovem árabe. O jovem teria sido presente do amigo Oscar Wilde que, por sua vez, teria agido de forma conivente com o neocolonialismo, promovendo a exploração

³³ No origina, lemos: “Être indigène, dit Khiari, c’est exister socialement comme condition de possibilité et de réalisation du privilège blanc”, ce qui peut également se traduire ainsi: “Le noir n’est pas une couleur, il est un rapport social”.

sexual em um país marcado pela colonialidade e deixando de dar ao jovem rapaz a verdadeira importância:

Tratei o garoto árabe oferecido a André Gide sem praticamente falar sobre ele. Eu, o gay árabe do Emmanuel, matei em Rabat pela enésima vez o rapaz que deveria ser o verdadeiro herói daquela história. Eu deveria ser o portavoza, o advogado, o amigo, o irmão distante. Ainda totalmente colonizado na minha cabeça, só falei de dois escritores fazendo turismo-sexual na Argélia.

[...]

E eu o esqueci. O arabezinho na Argélia há décadas ocupada pela França. Eu o tratei como se tratam os pobres. Não têm nenhum lugar na história. (TAÏA, 2018, p. 114)

De acordo com Nelson Maldonado-Torres, a decolonialidade é uma luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos (2020, p. 36). O pensamento decolonial, além de defender a libertação a produção do conhecimento do chamado eurocentrismo, é, ainda segundo N. Torres, “uma luta que busca alcançar não uma diferente modernidade, mas alguma coisa maior do que a modernidade” (Op.cit. p. 36).

Em seu texto, N. Torres ainda fala sobre a importância da escrita no processo de decolonização para grupos de intelectuais negros e de cor, nos quais podemos incluir *Les Indigènes* e o personagem de Ahmed. Segundo ele, “a escrita é uma forma de reconstruir a si mesmo e um modo de combater os efeitos da separação ontológica e da catástrofe metafísica” (TORRES, 2020, p. 47). Escrever uma carta para o ex-amante, lembrando todo o processo que o levou até aquele momento, fez com que ele se reconectasse com o seu “eu-colonizado”, com suas origens e se libertasse de tudo que fora induzido a acreditar ser o correto.

Movido por um sentimento, o ciúmes, que em muitos casos é sinônimo de destruição, Ahmed finalmente abre os olhos para a verdadeira natureza de sua relação com Emmanuel, representativa de um moderno colonizado. A clareza dos fatos e de sua relação só foi possível a partir do momento em que viu em outra pessoa o reflexo de si mesmo quando jovem, assim como também percebeu ter se tornado um objeto descartável ou de fácil troca, podendo ser substituído por outro, ainda melhor, quando não possuir mais valia:

O Kamal está a caminho. Você é o orientador dele na *École Normale Supérieure*. Ele vai ser melhor que eu, você vai ver. É mais jovem. O pau dele é mais duro. Bem menos complicado que eu. Há um ano ele está avançando pouco a pouco as pedras dele no tabuleiro. Vejo muito claramente a

estratégia dele. E isso te diverte demais, vê-lo jogar, bancar o esperto, o arrivista. Uma variação do Midou. Você está fascinado pelo Kamal. Estou vendo. Constatado. E não chego a ter raiva dele. Ele tem razão de forçar, de te paquerar, de fazer como se eu não existisse na sua vida. Está apostando numa solidariedade entre mim e ele. *Uma solidariedade de árabes homossexuais, para obter uma vingança histórica pós-colonial*. O que ele propõe é tão tosco que vai acabar se tornando plausível, crível. O projeto dele vai dar certo. Ele vai pegar o meu lugar na sua cama. Você não vai perder com essa troca, Emmanuel. *Um outro corpo árabe vai estar lá, para te satisfazer* e, com isso, se aproveitar de você, que nem eu fiz durante anos. Sem pudor. (TAÏA, 2018, p. 103-104. Grifo meu)

Através da carta destinada a Emmanuel, Ahmed tenta reproduzir o passado colonial de seu país natal e denuncia, através do amante, o falso humanismo existente nas ações da França, ou seja, uma postura e um olhar de superioridade frente a países colonizados reveladores do colonialismo estrutural:

Confrontado, você só sabia se esconder, Emmanuel. Você não é nem racista nem conservador, sempre vota na esquerda e não sonega imposto. No entanto, você não teve escrúpulo nenhum em reproduzir em mim, no meu corpo, no meu coração, tudo o que a França se recusa a ver: o neocolonialismo. (TAÏA, 2018, p. 100)

Ao denunciar e renunciar tudo aquilo que viveu e vivenciou desde o começo de seu relacionamento, Ahmed está, de certa forma, rejeitando parte do conhecimento eurocêntrico, imposto a ele como sendo o único capaz de ser correto e verdadeiro.

Nas palavras de Maldonado-Torres (2020) a “Pedra angular do eurocentrismo e do cientificismo é a formulação ‘Penso, logo existo’, de Descartes, elaborada em 1657”. Segundo suas palavras:

por trás do “(eu) penso” podemos ler que “outros não pensam” ou não pensam adequadamente para produzir juízos científicos. Consequentemente, inicia-se, com Descartes, de maneira límpida e transparente, uma divisão entre aqueles que se autointitulam capazes de produzir conhecimento válido e universalizável e aqueles incapazes de produzi-lo. (MALDONADO-TORRES, 2007, apud BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES, GROSGOUEL, 2020, p. 11-12)

Apesar da decolonialidade ser um discurso nascido em solo americano, ele abrange toda e qualquer região que sofreu com a episteme eurocêntrica, o que não faria sentido deixar de fora o continente Africano. Abdellah Taïa, magistralmente, usa de seu status de escritor francófono para fazer uma crítica ao processo modernidade/colonialidade (ponto de partida do pensamento decolonial).

Estudioso da Literatura Francesa, o autor é um grande conhecedor dos principais romances epistolares, visto que se especializou na Literatura Francesa do século XVIII. Talvez tenha sido por esta razão que o romance *Aquele que é digno de*

ser amado nos tenha sido apresentado na forma epistolar: uma primeira crítica ao eurocentrismo, que por décadas “dominou” a produção mundial de conhecimento científico e/ou cultural, visto que se acreditava serem os únicos capazes intelectualmente. Aos demais, os colonizados, diziam lhes faltar cultura para produzirem algo novo e/ou superior, cabendo a eles apenas a função de um Ctrl-C/Ctrl-V do chamado estilo padrão, ou seja, deveriam apenas usar as formas que lhes eram fornecidas através de obras literárias importadas da Europa cujo intuito era o da assimilação cultural. Tal processo pode ser melhor compreendido através das palavras de Wynter (2003):

A colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza, etc. que foram forjadas no período colonial. (apud BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES E GROSGOUEL, 2020, p. 9)

O fato de A. Taïa escolher escrever em língua francesa, usando um estilo literário predominantemente francês não significa que ele aceitou tal processo de colonialidade. Ao contrário, a escolha serve como um processo de apropriação inversa, de domínio da língua e da tradição literária do opressor como manifesto da decolonialidade. Escrever na língua do colonizador e publicar em seu país é uma estratégia de impor sua presença, sua existência no sistema literário e mercado editorial. Da mesma forma, é fazer com que sua crítica alcance um público ainda maior, visto que a circulação de obras publicadas na França tem grande alcance nos países da Francofonia, colônias, departamentos franceses e ex-colônias. Quanto ao país de origem de A. Taïa, percebemos que esse não era o objetivo de alcance literário, pois, a partir da constituição de 1961, o Marrocos adotou como língua oficial do país o árabe clássico. No entanto, é importante ressaltar que:

Para os marroquinos, a língua francesa é um instrumento de comunicação e não de cultura. Os escritores que a escolheram como meio de expressão querem assumir sua identidade marroquina, a qual não desejam abandonar em circunstância alguma.³⁴ (HELLER-GOLDENBERG, 1989, p. 59)

Lucette Heller-Goldenberg (1989), traz, ainda, em seu artigo a citação de um famoso escritor francófono de origem argelina, Kateb Yacine. Tal citação afirma que a francofonia não é apenas a expressão do colonialismo, mas que seu bom uso pode

³⁴ No original, lemos: “La langue française est pour les Marocains un instrument de communication et non de culture. Les écrivains qui l'ont élue leur moyen d'expression veulent assumer leur marocanité qu'ils ne veulent en aucun cas abandonner”.

ser libertador, como o ocorrido durante a Guerra de Independência da Argélia, em que o povo utilizou a língua francesa para conquistar aliados à sua causa na França e em outros países francófonos³⁵.

Outro fator a ser levado em consideração na escrita de A. Taïa, e que também faz parte de um projeto de escrita da decolonialidade, é o uso frequente do vocabulário árabe, seja em algumas expressões ou nos nomes próprios, além de uma constante (re)afirmação dos personagens com sua origem muçulmana, mesmo para aqueles que foram obrigados a escondê-la.

Os nomes de origem árabe são carregados de grandes significados e fazem parte de uma tradição milenar. O *Isme* ou o nome principal, na maior parte dos casos, refere-se a um adjetivo que sinaliza o caráter da pessoa, como no caso de Lahbib, o amigo de infância de Ahmed, cujo significado carrega consigo o título dado a obra analisada neste trabalho: *Aquele que é digno de ser amado*. Ao introduzir tais elementos em seu romance, A. Taïa reafirma a importância da tradição, da cultura e da religião dentro do processo decolonial.

Abdellah Taïa nos apresenta um romance híbrido, seja na sua formação onde vários estilos se unem para constituir um, seja na escolha do vocabulário árabe em algumas situações. Para H. Bhabha quando uma obra surge como resultado de um hibridismo (*pós*)colonial, significa que o colonizador está deixando de impor sua autoridade (2019, p. 187).

3.4. Turismo sexual, pedofilia e o neocolonialismo francês

De Lahbib para Ahmed - Quarta carta, maio de 1990

Mais une lettre est le portrait de l'âme. Elle n'a pas, comme une froide image, cette stagnance si éloignée de l'amour; elle se prête à tous nos

³⁵ No original, lemos: “L'écrivain algérien affirme que la francophonie n'est pas seulement l'expression du colonialisme et il rappelle avec finesse que les Algériens, pendant la guerre de l'Indépendance, ont utilisé la langue française pour gagner à leur cause le peuple de France et les autres pays francophones...”

mouvements: tour à tour elle s'anime, elle jouit,
elle se repose...

Ch. Laclos. Lettre 150, *Les Liaisons*

dangereuses

A última carta apresentada no romance de A. Taïa e que, no tempo cronológico, pode ser tida como a primeira, expressa a denúncia contra o turismo sexual, principalmente o turismo homossexual e pedófilo, vivido no período colonial e extenso até a atualidade.

A carta destinada a Ahmed é escrita por seu amigo de infância Lahbib. Ao mesmo tempo que é uma carta de despedida, a missiva conta sobre o relacionamento desse narrador com Gérard, um diplomata francês. Um relacionamento baseado na troca de sexo por dinheiro, de sexo entre um homem de 45 anos e jovem rapaz marroquino de dezessete anos.

De acordo com o artigo de Maria da Fé Brás, publicado na Revista dos Algarves em 2006, essa era uma prática muito comum em países colonizados. Embora o artigo trate, principalmente, sobre o turismo sexual no continente asiático, vale ressaltar que os fatos foram os mesmos para o Marrocos:

Para entender o papel que o turismo sexual desempenha na Ásia, bem como as causas que o originaram, temos que tomar em consideração uma multiplicidade de factores, tais como: factores económicos (grande parte destes países são conhecidos sobre a designação de PFR – Países de Fracos Recursos); factores político/administrativos (muitos foram países colonizados por grandes potências europeias e envolvidos em guerras); factores culturais (em consequência do factor anterior, muitos sofreram graves processos de aculturação por parte dos países colonizadores) (BRÁS, 2006)

Lahbib faz parte de uma estatística que cresceu muito nas últimas décadas, tendo uma demanda ainda maior durante o período neocolonial. Para Franck Michel,

A prostituição “turística” atinge muitos países do Sul³⁶: neles, as garotas (ou os rapazes) são jovens, pobres e pouco educados e, portanto, facilmente exploráveis. Elas aderem de maneira mais ou menos forçada à prostituição, uma “profissão” que não têm, contudo, nenhuma vontade de exercer. À procura de sexo fácil e barato, os turistas sexuais estrangeiros afluem, atraídos por essa carne fresca, disponível e submissa. Uma boa parte dentre eles, para se dar boa consciência, encontra todas as razões do mundo para

³⁶ O artigo refere-se aos países ao Sul do continente africano, mas também pode ser lido como ao Sul do chamado eurocentro.

se convencer de que não está abusando do desamparo desses jovens. Não estariam fazendo nada senão ajudá-los, sustentá-los, e até mesmo contribuir para o desenvolvimento do seu país? (MICHEL, 2006³⁷)

O que o jovem rapaz marroquino viveu não foi a história de amor por ele almejada, mas um abuso e uma opressão disfarçados de romance: “Eu não te contei tudo o que eu vivia longe de você, em Rabat. Com Gérard e os amigos dele. Aceitei o que eles me faziam. Me vendi.” (TAÏA, 2018, p. 130).

Lahbib era apenas um corpo fresco e inexperiente que a qualquer momento poderia ser trocado por outro. Tal condição nos foi introduzida na missiva anterior, quando Ahmed cita a visita que Oscar Wilde e André Gide fizeram a uma cidade da Argélia, Briska. Na ocasião, o primeiro oferece ao segundo um jovem rapaz árabe para a iniciação de uma vida homossexual (TAÏA, 2018, p. 113-114). Mas é na carta que Lahbib redige ao amigo Ahmed que tudo fica mais evidente.

Diferentemente das demais correspondências, esta não foi redigida com a ajuda de papel e caneta. A carta de Lahbib é escrita em seu pensamento e endereçada ao coração do amigo Ahmed, do irmão de vida e de homossexualidade: “Eu te escrevo, Ahmed. No seu coração, você vai encontrar minha carta, essas últimas palavras.” (TAÏA, 2018, p. 131).

É fácil constatar que a missiva é uma despedida, um adeus de Lahbib ao amigo e à vida, mas pode-se, ainda, observar que se trata de uma carta híbrida. Nas linhas que compõem o texto, percebemos um pouco de romance, de confissão e de denúncia, todas essas expressões narrativas entrelaçadas pela dor de saber que não se trata de ser apenas mais um que teve seu país colonizado, mas é um dentre muitos a ter a alma e o corpo usurpados. Lahbib não era somente o menino mulçumano homossexual abusado pelos seus, mas o menino objeto-exótico de prazer e de diversão de seus colonizadores. Os franceses colonizaram as terras marroquinas e da mesma forma dominaram a alma e o corpo de seus habitantes sob a perversa justificativa de estar fazendo um pequeno bem, ou seja de pagar pelo sexo, principalmente o infantojuvenil, como (única) forma de ajudá-los a sair da miséria na qual se encontravam.

³⁷ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/rumo-ao-turismo-sexual-de-massa/>

Talvez seja essa a carta mais emblemática de todo o romance, pois ela não apenas denuncia os abusos sofridos durante o período neocolonial por estrangeiros, mas também os abusos dentro da própria comunidade muçulmana, sofridos, principalmente, por meninos pobres e que possuíam traços de feminilidade: “Viados os dois, unidos apesar deles, estuprados toda semana pelos mesmos caras viris e escrotos do nosso bairro.” (TAÏA, 2018, p. 124). Embora a homossexualidade seja considerada um crime³⁸ pela maior parte da comunidade muçulmana, nessa cultura ainda há aqueles que se acham no direito de usar o estupro como forma punitiva contra rapazes, ainda muito jovens, quando eles demonstram certa feminilidade. O ato de violência sexual, para esses agressores moralistas, é justificado pelo desvio de conduta desses meninos. A punição em nome da boa conduta moralista mascara a prática de um crime que, em uma sociedade falocêntrica, passa despercebido, ignorado e, até mesmo, normalizado.

A carta que Lahbib, escrita no coração do amigo de infância, irmão de sexualidade, pode e também deve ser interpretada como um apelo e uma crítica às autoridades marroquinas para que reconheçam que todos com suas particularidades são Al-habib's, ou seja, são dignos de serem amados. É nesta última carta que *Aquele que é digno de ser amado* expressa bem mais que o título do romance, pois remete ao significado de um nome. Segundo a cultura muçulmana, o nome Lahbib (*Al-habib*) carrega consigo toda força e toda a tradução do amor: “O amor. O objeto do amor. Aquele que está próximo do amor. Próximo de Allah.” (TAÏA, 2018, p. 119), sem restrições e delimitações.

4. Uma breve análise das cartas a partir da proposta de Roland Barthes

Ela toma a carta e, com este gesto, toca uma mão muito distante. Para isto se escrevem as cartas de amor. Não para dar notícias, não para contar nada, não para repetir as coisas por demais sabidas, mas para que mãos separadas se toquem, ao tocarem a mesma folha de papel.

Rubem Alves

³⁸ Segundo o artigo 489 do Código Penal Marroquino, a prática da homossexualidade, definida como “a comissão de atos antinaturais com indivíduos do mesmo sexo”, pode ser punida com penas de até três anos de prisão.

O livro *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981), de Roland Barthes, publicado originalmente em francês, é uma obra que tem por intuito responder a algumas das questões que estão diretamente ligadas aos relacionamentos amorosos. R. Barthes, em sua introdução, deixa claro que sua proposta é a de investigar o amor focando no discurso, o mesmo que apesar de ser falado por milhares de pessoas deixou de ser sustentado pelas linguagens. É exatamente nessa ausência que as cartas de amor estão inseridas, principalmente quando a intenção das mesmas é o desabafo ou a tentativa de reviver o que foi perdido, oferecendo “como leitura um lugar de fala: o lugar de alguém que fala de si mesmo, apaixonadamente, diante do outro (o objeto amado) que não fala” (BARTHES, 1981, p. 1). A obra é uma proposta de investigação do discurso amoroso, lembrando que muitas vezes se trata de um discurso dramatizado, devido aos exageros proporcionados pelos devaneios amorosos.

O livro está organizado por vários tópicos, todos eles colocados em ordem alfabética, como se fosse um grande dicionário do discurso amoroso. Para a formulação de cada tópico, R. Barthes recorreu a diferentes obras literárias e de diferentes períodos, de conversas com seus amigos mais íntimos ou de outras em que apenas fora ouvinte. Segundo o autor, a linguagem é extremamente importante em um discurso, pois são as palavras, sejam elas explosivas ou recatadas, que possibilitam que o amor transborde de um ser ao outro.

Em muitas culturas, inclusive as de origem árabe, a palavra possui um grande poder, por isso é preciso tomar muito cuidado com o que se diz, principalmente quando manifestadas repetidamente. Na obra de A. Taïa não seria diferente, posto que as palavras possuem uma força muito maior do que seu sentido restrito. Para o autor, as palavras registradas em *Aquele que é digno de ser amado* falam bem alto; elas gritam em nome daqueles que, por muito tempo, foram silenciados e, de certa forma, ainda são. Muito mais do que recordações de um tempo passado, cada uma das quatro cartas trazem palavras não ditas, vozes silenciadas e com isso sentimentos não exteriorizados, por isso a necessidade de colocá-las para fora através da escrita, de cartas que nunca serão entregues a seus destinatários.

Para a obra em estudo, selecionamos alguns dos tópicos do modelo barthesiano, estando alguns deles relacionados às quatro cartas que compõem o

romance de A. Taïa, enquanto outros possuem relação específica com uma ou outra. Os tópicos selecionados para esta análise foram: Na doce calma dos teus braços (Abraço), Amar o amor (Anulação), O ausente (Ausência), A carta de amor (Carta), O ciúme (Ciúme), O corpo do outro (Corpo), Amor Inexprimível (Escrever) e Sem resposta (Mutismo).

4.1. Na doce calma dos teus braços (Abraço)

Segundo R. Barthes (1981), o abraço é a forma mais genuína de transmitir o amor. É através do abraço que as crianças, seres livres de toda a maldade mundana, transmitem seus mais puros sentimentos, mas também é onde buscam encontrar segurança, nos braços de um adulto, de seus pais. Dentro de um abraço o tempo para, não segue seu curso natural. No máximo, ele anda para trás, levando aquele que o recebe de volta ao momento em que se encontrava nos braços de seu primeiro amor, o amor materno. Mas é, também, através de um abraço que o desejo carnal pode nascer. Dois enamorados, quando abraçados, tocam o corpo de um no corpo do outro, e essa proximidade pode fazer com que novas sensações surjam a partir de um abraço ingênuo.

A carta de Ahmed a sua mãe, aquela que inaugura o romance analisado neste trabalho, mostra uma busca incessante do personagem pelo aconchego dos braços maternos, o que lhe foi rejeitado até o último instante de vida de Malika. Embora o romance não nos mostre explicitamente um amor edipiano, em algumas passagens somos induzidos a pensar que toda a mágoa guardada por Ahmed, em relação a sua mãe, tem uma forte ligação com um amor incestuoso nunca vivenciado. Todo o amor que lhe foi negado, desde a sua concepção até o momento em que confirma sua orientação sexual, volta após a morte da mãe no desejo de se refugiar em seus braços, lugar onde nunca encontrou a proteção almejada. São braços e abraços que ao longo de sua história, Ahmed buscou em seus amantes, mas logo os rejeitou por não serem aqueles que buscava.

Na carta que Vincent escreve a Ahmed o abraço aparece, mais uma vez, como um local de segurança e confiança:

Você parou. Eu parei. Deixei a mala no chão e te abracei com força.
Eu nunca tinha feito esse tipo de gesto teatral antes. Mas era sincero, e eu via que você sabia que era.
Você não desconfiava de mim. Seus braços acabaram me abraçando.
Ficamos assim, colados um ao outro, na descoberta de nossos corpos.
[...]
Você dormiu nos meus braços.
Ele está dormindo nos meus braços. Ele está dormindo nos meus braços. Ele está dormindo nos meus braços. (TAÏA, 2018, p. 54 e p. 59)

Dentro do abraço de Ahmed, Vincent consegue vislumbrar uma relação de amor em um futuro inexistente.

Sendo assim, o abraço em *Aquele que é digno de ser amado*, mais do que um gesto de afeto, é um local de conforto e de alucinações. E mesmo quando negado, continua sendo o lugar onde se busca paz e aconchego, lugar escondido no conturbado inconsciente das personagens centrais de A. Taïa: “Mas naquele momento, nos seus braços, eu não tinha medo” (TAÏA, 2018, p. 85)

4.2. Amar o amor (Anulação)

Nesta passagem, R. Barthes (1981) fala de um sentimento que se tem, não pelo ser/objeto, mas pelo amor que este tem a oferecer. O amor ofertado é mais importante do que o ser amado, nesse caso há uma anulação de um pelo outro. É necessário ressaltar que, também, pode tratar-se de uma exaltação do amor que se sente pelo amor do outro, uma forma de enaltecer, ainda mais, o próprio sentimento, um egocentrismo disfarçado de amor.

É possível observarmos tal situação, principalmente, na carta que Vincent escreve a Ahmed. A todo momento Vincent retoma a esse amor unilateral, vivenciado apenas por ele. O sentimento por ele sentido, embora abandonado no dia seguinte ao ardente encontro ocorrido com os dois, é algo tão forte que, mesmo três anos depois, ainda possui a mesma intensidade, podendo ser até mais forte que lá atrás. Um sentimento tão forte que é capaz de anular todo sofrimento causado pelo abandono e suplicar por ter seu amor aceito pelo ser amado:

Não te odeio mais. Não estou mais animado pelo espírito de vingança Quero reatar. Desejo verdadeira e sinceramente te reencontrar. Recomeçar. É, recomeçar, apesar de tudo o que você me fez. O paraíso e o inferno no

mesmo dia. Quero mais do que realizar todos esses sonhos que tivemos, eu e você, andando pelas ruas de Paris.

O mundo mudou naquele dia.
Você não veio.
Ainda estou apaixonado.
Quero morrer apaixonado.
Anos depois, esse desejo ainda está aqui. Esse amor. Essa morte.
(TAÏA, 2018, p. 43 e p. 73)

A anulação de um pelo outro também aparece na carta de Lahbib a Ahmed. Ao escrever ao coração do amigo, o jovem transcreve seu sentimento por Gérard, um sentimento que chega ser mais importante que sua própria vida:

Eu gostava do Gérard. Eu o amava sem entender tudo e tudo do que se passava entre nós. Eu o amava e, sem ele, teria me matado bem antes dos catorze anos. (TAÏA, 2018, p. 126)

O sentimento do jovem rapaz pelo outro é imensamente maior que ele mesmo, ao ponto de anular-se, negar a si mesmo diante da ausência de um pequeno gesto que retribua todo o seu amor. O medo de ser abandonado ou trocado por outro, de ter todo o seu amor diminuído e menosprezado, é mais forte que sua própria existência, ao ponto de cometer suicídio antes mesmo da rejeição de fato.

4.3. A carta de amor (Carta)

De acordo com R. Barthes (1981), a carta de amor, apesar de ser um objeto aparentemente vazio, está repleta de significados e de sentimentos. Por ser destinada a outrem, a carta de amor deve contemplar aquilo que agrada mais ao outro do que a si mesmo, como uma declaração desse sentimento ampliada pela saudade contida na distância que separa os dois amantes. No entanto, R. Barthes considera que toda carta de amor almeja outra carta de amor, ou seja, uma resposta ao sentimento explicitamente declarado que expresse o amor correspondido.

Embora todas as quatro cartas que constituem o romance *Aquele que é digno de ser amado* sejam, todas elas, declarações das mais diversas formas de amor, nenhum de seus autores recebe uma carta-resposta que corresponda ao amor declarado. São todas elas um monólogo do amor não correspondido, seja ele na

ausência do amor de mãe, na negação do amor-próprio em detrimento do outro, seja ele na exaltação do amor carnal.

Os trechos a seguir, retirados de três das quatro cartas que compõem o romance, mostram esse amor não correspondido e a impossibilidade de uma resposta às cartas:

Não me responda, por favor [...] Você morreu em 2010. (primeira carta, p. 7-8)

Tenho certeza que você me esqueceu completamente. E é isso que me autorizo a te escrever hoje. Três anos depois.

[...]

Não tenho mais forças para escrever... Escrever não serve para nada... (segunda carta, p.43 e 73)

Corro. E te escrevo, Ahmed. No seu coração, você vai encontrar a minha carta, estas últimas palavras. (última carta, p. 131)

No primeiro excerto temos uma passagem da missiva de Ahmed à sua mãe, Malika, e como podemos observar, a carta somente foi redigida cinco anos após a morte da mãe, o que leva a impossibilidade de uma carta resposta. Já no segundo, embora a pessoa esteja viva, existe a certeza de um amor não correspondido. Logo na abertura da carta, Vincent afirma essa ausência de sentimentos por parte de Ahmed, reafirmando, logo a seguir, ao mencionar a passagem de tempo do encontro entre eles até a data em que escreve. No trecho que segue, Vincent mais uma vez nos confirma a falta de uma resposta para sua missiva. Ao dizer que está cansado de escrever e que esse ato já não serve para mais nada, ele subentende que não adianta o quanto escreva, nunca terá seu amor correspondido, nem mesmo através de uma correspondência. Trecho que nos remete, mais uma vez, às cartas de Mariana Alcoforado e ao seu amor não correspondido.

O último excerto acima referenciado foi retirado da carta de Lahbib a Ahmed, uma carta que nunca chegará ao seu destinatário por não ter sido transcrita para o papel. Trata-se de uma mensagem recitada no pensamento do jovem amante e enviada ao coração do amigo de infância, o único capaz de compreender toda sua dor e sofrimento. Por ser uma carta recitada ao vento, suas palavras vão se perdendo pelo caminho que Lahbib trilha até chegar ao rio Bou Regreg, onde pretende dar fim a seu sofrimento. Ali, a carta destinada ao amigo perde-se junto com sua vida, indo de encontro com as águas do Atlântico.

4.4. O ausente (Ausência)

Sobre a ausência, o que temos, inicialmente, em *Fragmentos de um discurso amoroso* é a percepção de que o discurso da ausência é unicamente feminino, como por muito tempo se acreditou ser. A ausência vem do sentimento de constante espera pelo ser amado, seja ele homem ou mulher. No entanto, havia o preconceito de que o homem que fala sobre a ausência do outro seria feminizado.

No romance de A. Taïa, percebemos a força da ausência sentida e expressada pelo homem. Mesmo que, com exceção de Malika, todas as demais personagens sejam homossexuais assumidos, ainda sim estamos falando de um sentimento experimentado por seres do sexo masculino.

Na carta que Ahmed destina à mãe, podemos observar, já nas primeiras linhas, a ausência do amor parental. Em sua carta, Ahmed fala do apagamento do pai, que se calava diante da autoridade da mãe. Para ele, os papéis atribuídos a eles estavam invertidos. O pai só tinha olhos apenas para a esposa. Amou e a idolatrou durante toda sua existência, não restando nem uma migalha de amor para os filhos. Apesar da falta do pai, a ausência maior foi a da mãe, aquela que concebeu cada um dos filhos em seu ventre, mas que somente a um deles dedicou amor incondicional: o irmão mais velho de Ahmed. É, principalmente, sobre essa ausência o conteúdo da carta que abre o romance; uma ausência que trará muitas consequências na vida de Ahmed, as quais serão expostas cartas que virão a seguir.

A ausência é conseqüentemente o resultado de uma constante lembrança. Lembrança de um vazio nunca preenchido, de uma ferida que nunca cicatriza, de uma eterna lacuna nas profundezas do íntimo de um ser e que faz reviver momentos que nunca foram vivenciados. Situações essas bem comuns para Ahmed:

Já faz cinco anos que você morreu. Já faz vinte anos que o pai morreu. E não esqueci nada. Tenho quarenta anos. Entendo tudo. Vejo tudo. O que me condenará até o fim. E o psiquiatra, que a cada sessão fala comigo sobre o esquecimento involuntário, salvador, só vem para recitar as lições que decorou nos livros de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Isso não é para mim. Não vai ser ele que vai me curar. Muito menos o Freud. (TAÏA, 2018, p. 36)

Roland Barthes (1981), também fala que por vezes é necessário esquecer para poder seguir em frente, para que se possa, enfim, suportar a ausência do ser amado, mas esse esquecimento vem seguido de um sentimento de culpa, culpa por acreditar que esquecer é o mesmo que não amar. Vincent, em sua missiva, deixa evidente esse sentimento ao ponto de chegar a perdoar a ausência do outro:

Na esperança e na espera, no café *La Vieilleuse*, imaginei a sequência, essa fusão entre nós fictícia, depois real, tão real. E comecei a contar. Com você ausente, presente. No vazio. Estava seguro de que falar assim, sozinho, te traria de volta. Você, novamente, apareceria. Eu não te faria nenhuma reprovação, perdoaria numa boa o seu atraso e escutaria sem te julgar as suas explicações, as suas mentiras. (TAÏA, 2018, p. 64)

Essa constante ausência do ser amado faz com que aquele que sofre pela falta se torne um ser constantemente deslocado, principalmente no tempo. O infeliz pela ausência do outro encontra-se preso em apenas dois momentos, o passado e o presente. Ele vive uma constante viagem entre esses dois momentos, na esperança de se fazer ouvir. É no passado que reside a possibilidade de comunicação, enquanto que no presente existe o vazio causado pela ausência daquele que partiu. E é nesse constante vai e vem que, o tempo para, impedindo, de certa forma, que se siga em frente, mas diminuindo a falta do ausente (BARTHES, 1981, p. 27-31). Uma ausência que se materializa na falta de cartas que contenham as tão sonhadas respostas de seus destinatários. Uma ausência que corroe mais que o silêncio e/ou a rejeição.

4.5. O Ciúme

De acordo com a teoria de R. Barthes (1981), o ciúme é o sentimento que nasce junto com o amor e tem, na sua origem, o medo de ser rejeitado pelo ser amado. No entanto, também pode se tratar de um sentimento que nasce na ausência do outro ou na impotência da conquista. Em *Aquele que é digno de ser amado*, o ciúme é o sentimento que permeia a relação de Ahmed com Malika. Em alguns momentos ele deixa transparecer o ciúme que sente da mãe com o pai, nos levando a pensar que todo o conflito de Ahmed nasce de um amor incestuoso, um amor edipiano:

Hoje eu estou com ciúmes de vocês dois, você e ele.

Tenho quarenta anos e me tornei um ciumento calculista e frio. Um ciumento amargo, um ciumento furioso. Penso em você e tenho vontade de berrar, de me jogar debaixo de um trem, tamanho é o ciúme que me atinge e me domina. [...]

Tenho mais que ciúme desse pai, desse homem, da felicidade e até da morte dele. (TAÏA, 2018, p. 13 e 14)

No entanto surge uma dúvida: o ciúme seria da mãe com o pai ou do pai com a mãe? Não temos uma resposta concreta para esta pergunta, mas que pode ser esclarecida através do ciúme que sente da mãe com o irmão mais velho:

Você só amou a ele.

O irmão mais velho. O mais bonito. O mais forte. O mais instruído. Aquele que é digno de ser amado, adorado, venerado, deificado. Aquele que reina entre nós sem ter necessidade de falar...

Tudo para o Slimane. Nada para nós. Nada para mim. (TAÏA, 2018, p. 35)

O ciúme, nesse caso, nasce da rejeição. Da rejeição ainda no ventre da mãe. Ahmed foi fruto de uma gestação não desejada, na sequência de seis gestações de meninas. Malika por acreditar estar gestando mais uma filha rejeita o feto, ainda, em seu ventre. Na sequência, a rejeição vai ser reafirmada diante da orientação sexual do filho. Ahmed, através de sua homossexualidade, confirmava o que a mãe havia sentido, seu bebê seria mais uma menina e que marca a vida do filho: “Hoje tenho em mim os traços daquele passado distante.” (TAÏA, 2018, p. 30)

Porém, ainda de acordo com R. Barthes (1981), só é capaz de sentir ciúmes quem é capaz de amar, o que segundo Freud é o mais comum entre os apaixonados, mesmo que esse sentimento seja consequência da ausência do amor materno.

4.6. O corpo do outro (Corpo)

O corpo do outro muitas vezes aparece como objeto de desejo, de delírios, mexe direta e intimamente com o imaginário daquele que o observa. Por sua vez, ser observado também pode ser o fetiche do outro, que ao perceber ser o foco do olhar de alguém aposta em um jogo um pouco arriscado, ou seja, o de usar seu corpo como objeto de sedução sem que essa manipulação seja desmascarada.

Ao citar Proust, R. Barthes (1981) fala de uma procura pelos detalhes e por aquilo que o corpo pode esconder, como se encontra aqui que está escondido fosse o verdadeiro alvo do desejo. Talvez o desejo de Proust, ao escutar o corpo do outro fosse, na verdade, encontrar algum defeito, algo que o fizesse não desejar o corpo do outro. No entanto, esse escutar é o que o faz, quando separado do ser amado, a percorrer minuciosamente, através da memória, o objeto de seus desejos.

O corpo nada mais é que um personagem que percorre, silenciosamente, a obra *Aquele que é digno de ser amado*. Mais do que um objeto de desejo, o corpo é o portador de segredos e o gerador de vidas. É no ventre que comporta o útero que a vida humana é gerada - tradicionalmente no corpo da mulher³⁹. É dentro desse corpo que as primeiras manifestações de afeto e carinho começam a surgir, mas também pode ser o berço da rejeição, assim como o ocorrido com Ahmed. O ventre “guardava” segredos que só poderiam ser revelados no momento do nascimento. O sexo biológico daquele pequeno ser gerado ao longo de nove meses era mantido em um segredo muito bem protegido, o qual a alguns agradava e a outros decepcionava:

Você estava grávida de mim. Achava que eu era uma menina. Com certeza, menina. Já tinha seis meninas. Mais uma, não. Por que sofrer mais uma vez, nove meses para pôr no mundo uma menina, uma sétima menina? Não e não! (TAÏA, 2018, p. 28)

Como objeto de sedução, o corpo também guarda muitos segredos, os quais a apenas alguns indivíduos é dada a capacidade de decifrar ou de saber como usar: “Você era bem mais jovem que eu, mas parecia conhecer melhor que eu os segredos do corpo e como dividi-los.” (TAÏA, 2018, p. 63). Ou ainda um lugar onde, através do desejo ou, até mesmo, de um jogo de sedução (sexo), se quer depositar um pouco de si para jamais ser esquecido pelo ser amado: “E eu ainda estou em algum lugar da sua memória, do seu corpo, do seu coração.” (TAÏA, 2018, p. 63).

Ainda existe outro significado para o corpo no romance analisado neste trabalho. É através do corpo do outro que o colonizador reafirma poder, autoridade e sua condição de dominador. Entrar/penetrar o corpo do colonizado é mais que invadir um território pertencente a outro povo, é, também, dominar a cultura e língua de um povo. Muitos dos povos colonizados, por séculos vivenciaram um “branqueamento”

³⁹ Aqui optou-se pelo uso de “tradicionalmente” porque na cultura não binária, sabemos que corpos trans também gestam.

de sua raça através de relações entre colonizadores e colonizados. É possível observarmos tal condição nas cartas de Ahmed a Emmanuel e de Lahbib a Ahmed. Dois jovens marroquinos colonizados totalmente entregues a homens franceses, seus colonizadores:

...você não teve escrúpulo nenhum em reproduzir em mim, no meu corpo, no meu coração, tudo o que a França se recusa a ver: o neocolonialismo. (TAÏA, 2018, p. 100)

Na grande maioria dos casos, a apropriação do corpo acontecia de forma invasiva, forçada. Uma violência que só pode ser denunciada no texto literário, pois para os agredidos aceitar a dominação era uma das poucas formas de sobrevivência, talvez a única maneira de levar o alimento à família.

4.7. Amor inexprimível (Escrever)

Escrever sobre os sentimentos humanos é uma prática conhecida há muitos séculos. Através da escrita encontrou-se uma forma de (tentar) dizer o amor. No entanto, R. Barthes (1981) reflete sobre a impossibilidade de escrever o amor, justificando que a linguagem é uma desordem ainda maior que o próprio amor, mesmo que, às vezes, ela o ultrapasse, pois em outras ela será insuficiente. O excerto a seguir, nos faz compreender um pouco mais sobre as cartas que compõem o romance *Aquele que é digno de ser amado*:

Saber que não se escreve para o outro, saber que as coisas que vou escrever não me farão nunca amado por aquele que amo, saber que a escritura não compensa nada, não sublima nada, que ela está precisamente *aí onde você não está* - é o começo da escritura. (Barthes, 1981, p. 93)

Escrever vai além de querer ser correspondido. O ato de pegar papel e caneta para escrever algo a algo é pôr para fora aquilo que o atormenta. Ahmed nunca conseguiu dizer à sua mãe tudo aquilo que teve coragem de escrever após sua morte. Vincent nunca conseguiu se despedir de Ahmed, buscou na correspondência uma forma de perdoar o abandono. Como dizer a Emmanuel que por anos sentiu-se escravizado, se ele foi ele o homem que o havia salvado? Mais uma vez, para Ahmed, a verdade só seria possível através da escrita. Encarar de frente aquele que o acolheu e ao mesmo tempo o dominou era complicado demais. Já Lahbib encontrou em seus

pensamentos a única forma de se despedir do amigo de infância, uma carta ditada ao vento, o mesmo que faria com que suas palavras chegassem ao coração do companheiro de tantas batalhas, o único que o compreenderia.

4.8. Sem resposta (Mutismo)

Para R. Barthes (1981), "a linguagem nasce da ausência", ou seja, é quando o outro (o ser amado) se faz ausente que o indivíduo que se sente abandonado e/ou rejeitado usa da linguagem (escrita ou falada) para expor todo o seu sentimento. Talvez seja essa a verdadeira finalidade de todas as cartas que constituem o romance *Aquele que é digno de ser amado*. Em todas elas, temos um remetente que está ou sente-se abandonado e, diante desse abandono, encontra no ato de escrever uma forma de se fazer ouvir, de expressar todo o seu (re)sentimento, embora já saibamos que nenhuma das correspondências irá chegar a seu destino final.

Cada missiva, na sua particularidade, fala de um momento específico da vida de Ahmed, ora contada por ele, ora por quem destina a ele uma das cartas. Cada um dos personagens usa a escrita como forma de desabafo, de expressar a sinceridade sobre tudo o que vivenciou junto do destinatário, sobre a paixão, a ausência e o abandono. No momento em que escrevem encontram-se sozinhos, de alguma forma abandonados. Ao mesmo tempo que escrevem esperando por uma resposta, estão cientes de jamais recebê-la. O ato de escrever uma correspondência faz com que o destinatário se faça presente mesmo na ausência. A cada palavra rabiscada uma pequena lembrança daquilo que fez surgir a centelha da paixão. A cada frase concluída um misto de sentimentos revividos na memória do autor. É possível que aquele que escreve atinja a memória sensorial, a sentir o perfume, o toque e, até mesmo, a ouvir a voz do outro lendo seus sentimentos transformados em palavras.

Saber que a carta que se está redigindo jamais chegará às mãos de seu destinatário não é um empecilho para que seu autor continue a escrever. Embora a única certeza que exista seja, exatamente, a de que jamais será lida, escrever é uma necessidade. É através dessa escrita que há o desabafo, um exorcismo de um amor

não correspondido. Escrever se torna uma companhia, sendo a carta alguém com quem se troca confidências.

Os tópicos acima comentados são uma forma de mostrar que a linguagem escrita, principalmente a epistolar, está diretamente ligada com as emoções. Muito além de apenas comunicar, uma carta pode ser a portadora de sentimentos jamais revelados, de grandes segredos. *Aquele que é digno de ser amado* é todo ele *Fragmentos de um discurso amoroso*.

5. Viver a margem ou no “entre”

Quem, ainda que envolvido e não desnavegado em margem, não tomou na boca toda dos sentidos, ainda que em silêncio oculto, o sabor da margem?

Homi K. Bhabha

Como se pôde observar, o romance *Aquele que é digno de ser amado* é uma obra que transita por diversas linhas literárias. Em determinados momentos de nossa leitura nos deparamos com algumas dúvidas: Como devemos catalogá-lo? Em qual prateleira devemos arquivá-lo? O que temos em mãos? Um romance epistolar, de

memória ou uma autoficção? As tentativas de resposta se apresentarão de formas variadas, cada uma em busca da explicação mais plausível. Alguns pesquisadores irão questionar os critérios de análise do outro, na tentativa de atrair para sua linha de pesquisa essa obra tão bem elaborada e capaz de semear dúvidas até mesmo entre teóricos e críticos.

O que se pode afirmar sobre o romance de A. Taïa é que se trata de uma obra que vive à margem. Ela não está nem lá e nem cá, mas sempre estará no espaço intervalar, do entre: dois conceitos, duas reflexões, duas interpretações, entre-dois-lugares territoriais e culturais. O romance, assim como seu personagem principal, Ahmed, reside às margens da sociedade, da aceitação e do reconhecimento. Não sendo nem um e nem o outro, romance e personagem são representações híbridas de uma só unidade, capazes de ocupar os mais variados mundos.

Embora o autor da obra em questão não seja latino-americano, ele também vem de um país que sofreu muito com o colonialismo e o chamado eurocentrismo. Por isso seu trabalho pode, de certa forma, ser analisado pelo ponto de vista de Silviano Santiago em seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, principalmente se levarmos em consideração as palavras de Nubia J. Hanciau:

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgente. (HANCIAU, 2010, p. 125)

O entre-lugar é, portanto, um espaço fronteiro, é um local que podemos dizer estar sempre cheio e ao mesmo tempo vazio; lugar onde as fronteiras são flexíveis e permitindo a quem quiser o direito de rompê-las sem jamais ultrapassá-las. É neste espaço que os encontros acontecem sem que haja uma invasão do espaço do outro; é onde dois mundos totalmente divergentes estão próximos, podem se tocar, formar identidades, trocar experiências. É nesse espaço que o que é estranho se torna comum, o diferente é aceito, o não-tolerável suportável. Nas palavras de Cláudio Benito O. Ferraz:

O entre-lugar, portanto, é um conceito que aponta para um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, ou seja, ao mesmo

tempo em que separa e limita, permite o contato e aproxima. É local daqueles que estão de passagem e em movimento buscando os afetos e as razões para se enraizar e permanecer. É lugar de estranhamento e ao mesmo tempo potencializador de identidades. É onde se manifesta de forma mais dinâmica a diversidade de ideias e valores, por isso é propulsor de unidades de posturas. É o lugar cujo horizonte sempre está mais além e aquém, mas é também onde o vazio de significados cobra o estabelecimento de sentidos possíveis. É sombra e luz e algo mais. (2010, p. 30)

É somente nesse espaço, no entre-lugar, que dois mundos totalmente opostos podem se encontrar e compartilhar de um mesmo *locus* sem que haja conflitos de ideias, ideais ou de classe, em que ambos possam aprender e apreender um com o outro, saindo desse espaço carregados de heranças e de novas ideologias. É nesse não-lugar que a alteridade constrói novos caminhos, novos pensadores, novos seres. De acordo com N. Hanciau:

Nessa dimensão coloca-se o debate a respeito das categorias presentes na nova temporalidade, a do mundo globalizado. Nele as fronteiras se apagam, dissolvem os localismos e/ou acirram as questões identitárias. Figurando um ir-e-vir não apenas de lugar, mas também de situação ou época, a dimensão de fronteira postulada por Pesavento possibilita – pelo contato e permeabilidade – o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um “terceiro”, que se insinua na situação de passagem. (HANCIAU, 2010, p. 134)

Nina Jacomini Costa em seu artigo “Leitura como desvelamento do entre-sujeito: entre o exílio e a imigração” cita trecho de uma entrevista de Silvano Santiago a Carlos Eduardo Ortolan Miranda: “Silvano Santiago: Literatura é paradoxo”, onde S. Santiago comenta sobre como surgiu o conceito de “entre-lugar” e da posição que o autor/leitor ocupa nesse espaço:

“entre-lugar”, o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá, nem lá, é um determinado “entre” que tem que ser inventado pelo leitor. É capital, em tudo que penso, o leitor como manipulador de objetos. E esse leitor é que fica “entre”, entre o canônico e a cópia. Esse leitor, portanto, é capaz de ler e interpretar o que é a transgressão. Sem essa leitura da transgressão, ou bem nós fazemos alguma coisa que achamos original, mas no fundo não o é, ou a gente faz cópia-cópia, e acredita estar dando uma grande contribuição. (SANTIAGO, 2004 - em entrevista, apud COSTA, 2014).

Segundo N. J. Costa, esse leitor aparece como uma metáfora do entre-lugar. Ele encontra-se num entre-lugar geográfico, ou seja, está entre a cultura europeia, a que serviu de influência para milhares de escritores, e entre sua origem cultural. Na mesma entrevista, S. Santiago comenta sobre o significado da cópia, estando ela muito além de um xerox ou uma reprodução do original. A cópia para ele tem o sentido de transgressão, pois é através dessas cópias que o leitor será capaz de chegar aos textos canônicos que, de certa forma, serviram de base para o autor transgressor

(SANTIAGO, 2004- em entrevista). Porém para uma melhor compreensão do conceito de cópia apresentado por S. Santiago é necessário mergulhar em seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, pois nele, ao citar Roland Barthes sobre o que seriam os textos escrevíveis e que despertam o leitor à condição de escritor, S. Santiago acrescenta que escritores de uma cultura dominada por outra buscam em suas leituras estes “textos escrevíveis” para que lhes sirvam de modelo de suas escritas. Sendo assim, as cópias seriam o resultado destes textos, ou seja, o segundo texto.

O segundo texto se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e o articula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado, de início pelo original. O escritor trabalha *sobre* outro texto e quase nunca exagera o papel que a realidade que o cerca pode representar em sua obra. (SANTIAGO, 2000, p. 20)

Ao se produzir o que se denominou como segundo texto, o que realmente se está fazendo é aprendendo a língua do colonizador para logo a seguir combatê-la: “Falar, escrever, significa; falar contra, escrever contra” (SANTIAGO, 2000, p. 17).

É exatamente nesse lugar de cópia, de transgressão ou de segundo texto que podemos inserir *Aquele que é digno de ser amado*. Abdellah Taïa, assim como os autores latino-americanos a quem S. Santiago se refere, brinca com os signos dos autores e das obras introduzidas pelo neocolonialismo. A obra é, de certa forma, uma forma de mostrar que o texto original não é intocável, jamais reproduzível. O que o autor faz é mostrar que um país colonizado não vive na ignorância e não foi manipulado como se acreditou. A. Taïa rompe com a barreira da clandestinidade e atravessa fronteiras, ocupando todos os espaços coexistentes no entre-lugar.

Em *O local da cultura*, Homi K. Bhabha trata o “entre-lugar” como sendo um espaço que dá origem a novos signos de identidade (p. 20), ou seja, é dentro deste espaço que diferentes culturas se alocam para que, da relação de convívio e troca entre elas, novas identidades/culturas possam surgir. Segundo suas palavras, é nesse espaço fronteiro *que algo começa a se fazer presente* (p.25). Para ele, estar no “entre-lugar” é estar “além” das fronteiras temporais:

Estar no “além”, por tanto, é habitar um espaço intermediário, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir “no além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa

contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunidade humana, histórica; *tocar o futuro ao seu lado de cá*. Nesse sentido, então, o espaço intermédio “além” torna-se um espaço de intervenção no aqui e agora. (BHABHA, 2019, p. 28)

É no “além” de H. Bhabha que as narrativas das minorias, principalmente daquelas que se formaram durante o período colonial, ganham voz. É nesse espaço que questões de sexualidade, raça, feminismo, migração e refugiados são discutidas, não como problemas da pós-modernidade, mas como vozes que há muito são silenciadas e excluídas das chamadas metrópoles, da sociedade, e que intensificaram-se com o colonialismo.

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 2019, p.20)

É assim que entendemos a subversão textual e literária de A. Taïa. No seguimento da leitura memorial de H. Bhabha, na compreensão do romance em análise, o teórico explica que é necessário que os habitantes desses “entre-lugares” se façam, cada vez mais, visíveis dentro de uma sociedade que tem por formação a exclusão. Para o filósofo não basta apenas se construir e existir nesses espaços não visíveis, pois a permanência no entre-lugar continuará a fazer de seus habitantes seres invisíveis, excluídos e sem lugar de fala, pois “o lugar da diferença cultural pode tornar-se mero fantasma de uma terrível batalha disciplinar na qual ela própria não terá espaço ou poder” (BHABHA, 2019, p. 65).

Uma das fronteiras do chamado “entre-lugar”, na concepção de H. Bhabha está diretamente ligada com o instinto de sobrevivência e de viver nas fronteiras do “presente”, consequências de tudo o que ficou conhecido como “pós”: *pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...* (2019, p. 19). Segundo ele:

O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos do meio do século, mas, neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para o produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além” um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem - aqui e lá, de todos os lados, *fort-da*, para lá e para cá, para a frente e para trás. (BHABHA, 2019, p. 19)

O “entre-lugar” também deve ser observado no espaço-tempo que envolve passado, presente e futuro, pois foi dentro dessa ruptura de tempo que muitas das novas

identidades começaram a ser formadas, e/ou recriadas a partir de um novo contexto histórico-geográfico. Muitos dos indivíduos que passaram pelo processo colonial tiveram dificuldades para se adaptar à cultura do próprio país. Embora reafirmassem suas identidades nacionalistas, era comum sentirem-se como estrangeiros em seu próprio país, sequelas de anos de abusos e de uma imposição linguística/cultural por parte dos colonizadores.

Hoje em dia, com o avanço da tecnologia, de muitas áreas de estudo e com o redescobrimto de muitas culturas antigas, principalmente daqueles que foram arrancados de suas terras e escravizados, há a reconstrução de novas identidades, principalmente para seus descendentes, os quais irão para sempre habitar esse “entre-lugar” de espaço e tempo. Jamais serão somente do local onde vivem e jamais pertencerão à terra de seus ancestrais, sua cultura, sua religião será um misto de lá e cá, e o presente sempre tocará o passado na construção do futuro.

5.1. Os entre-lugares e a identidade fora-do-lugar em *Aquele que é digno de ser amado*

A política de identidade, portanto, fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização.

Zygmunt Bauman

Anteriormente nos referimos ao romance, analisado neste trabalho, como sendo uma obra que se encontra “às margens”. Ele ocupa todos os espaços e ao mesmo tempo nenhum. Assim como a obra, são seus personagens: seres que não se encaixam em um padrão pré-estabelecido por uma sociedade incapaz de compreendê-los.

Ao longo da narrativa temos Ahmed, personagem central da história, que aos quarenta anos encontra-se vivendo em Paris, local que o acolheu como homossexual, mas longe de seus familiares e de sua cultura. Apesar de ser o personagem principal, Ahmed não é o único a viver nesse espaço tão complexo que ao longo dos anos vem

recebendo várias denominações: entre-lugar, espaço intersticial, terceiro espaço, *hors-lieu*.

No capítulo dois ou segunda carta, podemos observar uma presença bastante relevante de lugares que podem ser incluídos nesse espaço de clandestinidade, ou seja, no entre-lugar. Espaços como estações e que são grandes centros de encontros e desencontros. Diariamente milhares de pessoas, das mais diversas culturas e etnias entram e saem sem que sejam percebidas. Em alguns raros momentos, entre um trem/metrô e outro, algumas pequenas palavras, trocas de informações ou olhares curiosos, além de várias trombadas no sobe e desce das escadarias e no entra e sai dos vagões. É exatamente nesse espaço que se dá o encontro entre Ahmed e Vincent: “Estava no metrô, linha 3, quando você entrou, na estação République.” (TAÏA, 2018, p. 50). É nesse curto espaço de tempo, entre uma estação e outra, que a ardente história de amor entre os dois vai se desenrolar. Uma história tão rápida quanto as viagens de metrô.

Outro espaço citado na carta são os cafés, pontos de encontros para uma rápida espera, uma pequena pausa, mas também local onde grandes nomes da literatura francesa costumavam se encontrar para falar de seus trabalhos, recitar poemas ou discutir a vida política da sociedade. Também é um local onde ninguém repara se você está só ou na companhia de alguém, onde quem está sentado à mesa ao lado é tão invisível quanto o passageiro sentado ao seu lado no metrô. E não importa quão estranha e diferente seja a língua que se está falando, ninguém vai ouvi-lo, a não ser que lhe dirijam a palavra.

Mas não é apenas em locais de transição ou locais de observação, como as estações e os cafés, que o entre-lugar se define no romance. O entre-lugar também pode ser o local de exclusão, onde aqueles que, de alguma forma, foram excluídos e/ou marginalizados ganham espaço. Um exemplo são as periferias, nas margens entre centro e subúrbio, burguesia e proletariado. Em *Aquele que é digno de ser amado*, temos um exemplo bastante relevante para esse lá e cá: *Porte de Clichy*. Trata-se do nome do bairro que é constituído, principalmente, por imigrantes marroquinos. É o que se pode chamar de pequeno Marrocos dentro de Paris, um país dentro de outro. Migrantes e imigrantes se cruzam diariamente, trocam ideias, experiências e vivências. É dentro deste pequeno espaço que a cultura muçulmana

pode sobreviver a uma tentativa de apagamento implantada pelo mesmo eurocentrismo do período colonial. Aqueles que vivem nesses lugares, e são muitos os bairros neste padrão em Paris, já não pertencem mais a lugar algum. Para os franceses serão sempre *étrangers*⁴⁰, intrusos que invadem seu país com sua cultura e sua forma de viver. Para os que continuam no Marrocos, traidores colonizados, pois estes, por estarem tanto tempo longe do país natal, acabam assimilando a cultura do outro para que possam se encaixar e sobreviver.

No último capítulo ou última carta, temos a *Villa de Gérard*, no bairro Hassan, em Rabat, a Embaixada Francesa, a linha do trem onde Ahmed e Lahbib se encontravam e a ponte que liga Rabat e Salé. São lugares que também são considerados um “entre-lugar”. A Villa e a Embaixada, embora em terras marroquinas, são territórios franceses, não pertencem àquele povo, aquela cultura. Ali, naquele espaço prevalecem as leis, as regras do outro, ao mesmo tempo em que há uma troca de informações, de conhecimentos.

Observemos, também, na terceira carta, que o encontro entre Ahmed e Emmanuel se dá em uma praça, um local de transição e de observação. É comum em cidades turísticas visitas a praças e/ou jardins, seja para conhecer a história daquele lugar ou para uma pequena pausa, um ligeiro descanso, um piquenique. As praças guardam a história de muitos encontros e desencontros e, por serem um local aberto a todos, nelas também encontramos todo e qualquer tipo de diversidade. É um espaço onde as mais diversas culturas, religiões e estilos coabitam sem que haja conflitos ou brigas pela ocupação do lugar. Ao contrário, existe ali e entre todos uma troca de conhecimentos, de vivência e compartilhamento do espaço.

Outro lugar citado nesta carta, e que abriga diversidades, é a Universidade. Ao falar sobre seus estudos, Ahmed menciona este espaço tão eclético, principalmente quando se é um estudante estrangeiro. É comum estudantes fazerem intercâmbio em universidades estrangeiras, principalmente para aprender mais sobre a cultura e a língua daquele lugar. Ahmed não estudou a língua e nem a literatura de seu país, mas

⁴⁰ Em francês, a palavra *étranger* possui duas possibilidades de interpretação. Embora sua tradução remeta a estrangeiro, dependendo do contexto na qual é empregada, a palavra pode assumir o sentido de estranho. Em ambos os casos, a palavra define algo ou alguém diferente, que não se encaixa, não faz parte do todo.

a francesa. Ao estudar a cultura do outro, Ahmed aprendeu mais sobre a sua própria história.

Mas nem sempre o entre-lugar é um espaço de interação, ele também pode ser um espaço de anulação, um local onde se passa despercebido, deve-se estar invisível. É muito comum estrangeiros, principalmente imigrantes em condição de clandestinidade, buscarem uma forma de se manterem invisíveis para os órgãos fiscalizadores. Lugares como *Porte de Clichy* e *Gennevilliers*, comunidades que abrigam a maioria dos árabes vindos para Paris, acabam se tornando um ótimo esconderijo para aqueles que precisam da clandestinidade, da não-visibilidade. Por se tratar de comunidades, o comércio local acaba sendo de propriedade dos imigrantes legalizados, facilitando o emprego para aqueles que se encontram sem documentação legal.

A carta de Ahmed a Emmanuel nos mostra outro tipo de clandestinidade, quando o imigrante se anula para ser aceito pelo país que o acolheu, como é o caso de Jamal, ou como no caso de Halima, que, apesar de não viver mais no Marrocos colonizado, é vítima do neocolonialismo europeu. Halima, a empregada da família de Emmanuel se anulou para servir à família francesa que a acolheu, sem jamais ser percebida de outra forma. Apesar dos muitos anos de convívio no seio da família e de muita dedicação, a ela cabia apenas a cozinha, o trabalho pesado e a parte dos fundos da casa, uma vida de submissão, um colonialismo enraizado no interior das famílias burguesas: Nem na sua família, Emmanuel, ela não encontrou liberdade... Ela sacrificou a vida aqui na França. E as lágrimas dela diziam isso. (TAÏA, 2018, p. 107)

No caso de Jamal, existe um apagamento cultural. O jovem de origem tunisiana abandonou sua cultura, sua religião e seu país para ser aceito pela família da esposa, irmã de Emmanuel, e pelo país que o acolheu: Não apenas devemos nos integrar à força na sociedade francesa, mas, mais do que isso, devemos conseguir esquecer a nossa pele, a nossa origem, isso seria perfeito. (TAÏA, 2018, p. 101)

Tal apagamento é, talvez, a forma encontrada para passar despercebido em meio a uma sociedade xenofóbica, ou seja, um recurso para não ser vítima de preconceitos

como o racismo e a intolerância religiosa, muito comum entre aqueles de origem muçulmana.

O que mudou tudo definitivamente entre nós foram as gêmeas que sua irmã teve com o marido, o Jamal, tunisiano. Ela as chamou Jeanne e Marguerite.

Fiquei chocado. Era uma nova etapa no apagamento programado.

Ahmed virou Midou.

Jamal teve duas filhas, que se chamam Jeanne e Marguerite.

Nada contra esses nomes. Que nem você, adoro a Jeanne Moreau e a Marguerite Duras. Mas mesmo assim. Tem alguma coisa que não desce. O símbolo é forte demais. Demais. (TAÍIA, 2018, p. 101)

É também dentro destes espaços que novas identidades se constituem, outras se reafirmam, mas há também aquelas que são apagadas, renegadas. Assim como no caso do Jamal, muitos abandonam suas identidades culturais para serem aceitos pelos países que os “acolheram”, passam por um processo de aculturação e de subjugação silenciosos, disfarçados de ensinamentos. Tal processo é exatamente o inverso da decolonialidade, é o que logo na introdução da obra *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* nos é apresentado como “bomba cultural”, termo do escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o:

O efeito de uma bomba cultural é aniquilar a crença das pessoas nos seus nomes, nos seus idiomas, nos seus ambientes, nas suas tradições de luta, em sua unidade, em suas capacidades e, em última instância, nelas mesmas. Isso faz com que as pessoas vejam seus passados como uma terra devastada sem nenhuma realização, e faz com que elas queiram se distanciar desta terra devastada. (Wa THONG'O, 2005, p.3, apud BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón, 2020, p. 13)

A identidade, tema bastante debatido por Zygmunt Bauman, principalmente após o período em que chamou como “modernidade líquida”, tem sido desde a metade deste último século um assunto em torno do qual muito se tem discutido, mas que continua sendo um problema a ser resolvido. Segundo o sociólogo, existem dois tipos de identidade, as quais estão relacionadas às comunidades de vida e a de destino (BAUMAN, 2005, p. 17).

No primeiro caso, a identidade é aquela atestada e selada por órgãos autorizados pelo Estado/Nação. É a que recebemos no momento de nosso nascimento e que vai constar em todos nossos documentos. É a mesma que define nossa origem, linhagem, gênero e até mesmo raça. Já no segundo caso, a identidade

está relacionada com as escolhas que fazemos e com o lugar onde escolhemos ficar (ou obrigados a nos refugiar), além de tudo o que este meio é capaz de nos proporcionar. Segundo S. Bauman:

A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria - e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Dentro dessas comunidades a identidade é algo que se mantém em permanente construção, não existe um status definido de quem ou o quê você é. A nossa identidade é fruto da relação que temos, ao longo de nossa vida, com essas diferentes comunidades, até que em determinado momento sejamos capazes de nos “encaixar” a uma delas.

Para Z. Bauman, na sociedade atual, a questão da identidade está diretamente ligada ao pertencimento, ao sentir-se pertencente a alguma comunidade, principalmente para aqueles que, de certa forma, foram marginalizados e/ou excluídos pela globalização e que, rechaçados, acabam recebendo outro tipo de identidade, uma que agride, fere e até mesmo mata:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos por toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Em *Aquele que é digno de ser amado*, a questão da identidade aparece de forma bastante latente, capaz de mexer com toda uma família e, até mesmo, com uma nação. Ahmed, personagem central da história é um marroquino, muçulmano e gay. As identidades por ele assumidas não conversam entre si, divergem, principalmente, quanto às questões cultural e sexual, as duas não podem coexistir em um mesmo território, o marroquino. De acordo com S. Bauman, carregar diversas identidades, ou seja, ser todos em um só é estar, constantemente, deslocado onde quer que se vá:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. (BAUMAN, 2005, p. 19)

E foi exatamente nesse “estar deslocado” que Ahmed, mais uma vez, precisou buscar por sua verdadeira identidade para não se deixar manipulado e ser colonizado por Emmanuel, o namorado francês: “Vou voltar à minha primeira solidão, onde, espero, eu poderei me reconciliar com o meu primeiro mundo.” (TAÏA, 2018, p. 105). Para ele, era necessário reconectar-se com sua primeira identidade para, somente, a partir dela reconstruir as demais.

Talvez, nesta obra, a principal questão apresentada por A. Taïa, a respeito da identidade, seja aquela que está relacionada com sexualidade e religiosidade islâmica. Em países como o Marrocos, as duas não devem coexistir - muçulmanos e homossexuais não conversam entre si, e como já mencionado aqui, é considerado um crime, com pena de até de três anos de prisão. Embora a homossexualidade seja considerada prática criminosa, a sodomia ocorre entre homens mais velhos e os mais jovens, principalmente em troca de favores, porém tais relações são mantidas em segredo. Outra prática bastante comum, inclusive por familiares, é o estupro de jovens meninos que demonstrarem algum tipo de feminilidade. Apesar de ser uma prática inadmissível, o estupro de meninos é considerado um crime irrelevante, inclusive menos grave que a homossexualidade.

Diante da imposição de uma sociedade machista, Ahmed precisa abandonar a primeira identidade, pois, a exemplo do ocorrido com Z. Bauman e mesmo que por motivos diferentes, o direito de permanecer em sua comunidade de vida, em sua terra natal lhe foi negado.

Mesmo quando somos obrigados a mudar, nem sempre esquecemos nossas raízes, nossa cultura. E mesmo mudando de nome para ser aceito por outra sociedade, Ahmed não conseguiu abandonar por inteiro sua origem. Parte de quem ele havia se tornado estava em seu passado, em sua cultura, em sua religião. Para ele era impossível ser um sem ser o outro. É nesse contexto que sua identidade é o resultado de todos os grupos aos quais, até então, pertencera. Não há como ser Ahmed sem ser muçulmano, sem ser estrangeiro, sem ser gay, sem ser imigrante na França. Ele sempre será o filho de Malika, o irmão de Slimane, o amigo de infância e de homossexualidade de Lahbib, o amante de Emmanuel, um marroquino na França e um “*zame*” no Marrocos.

Uma identidade pode ser incluyente, mas somente quando se age de acordo com as normas pré-estabelecidas pelas instituições que, autorizadas pelo Estado, como as instituições de ensino e/ou religiosas, podem ofertar tal certificação. Mas, certamente, excluyente quando o indivíduo não é capaz de se adequar a tais normas, como o ocorrido com Ahmed. Foi a partir dessa exclusão que novas comunidades surgiram, e com elas a possibilidade de se ter uma identidade, cada vez mais, flexível. Essas comunidades se constituíram por grupos que de alguma forma possuíam algum tipo de afinidade, semelhança ou, até mesmo, por negação. Em *Identidade*, Z. Bauman afirma que: “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha.” (BAUMAN, 2005, p. 60).

Ao contrário de Ahmed, muitos preferem apenas essa identidade ofertada no nascimento, a qual se sobrepõe sobre o próprio indivíduo, seguindo à risca todas as normas e regras ditadas pelo Estado/Nação. Em outros casos, na busca de uma vida mais digna, como o ocorrido com Jamal, abandonam a primeira identidade - renegam suas origens - para se adequarem a um outro Estado/Nação, e somente assim poderem ser aceitos como membros desta. Existem, também, situações como a de Mardochi, pai de Vincent, que por estar sobrecarregado de identidades (órfão, judeu, marroquino, estrangeiro), ao casar-se com Monique, decidiu reconstruir sua vida a partir de uma única identidade: a de chefe de uma família tipicamente francesa, inclusive na religião católica.

Mas as identidades não se calam para sempre, em algum momento elas voltam para cobrar algo, para mostrar a verdade, para nos lembrar de algo perdido, esquecido no tempo, mesmo que por algum momento elas tenham sido um fardo pesado demais para ser carregado. Para Ahmed sua homossexualidade não deveria se sobrepôr a suas crenças, e apesar de não ser aceito por seus familiares e em seu país, ele jamais se tornaria mais um colonizado. A ancestralidade de Ahmed falou mais alto. Sua primeira identidade, aquela que recebeu ao nascer não poderia ser renegada, deveria, sim, andar lado a lado com a sua identidade sexual, Midou jamais deveria ter nascido.

Para Marc (nome francês de Mardochi), estar próximo do fim de sua vida foi o que resgatou sua identidade original. A morte de Monique, sua esposa francesa e a cabeça da relação fez com que seu passado viesse à tona, e com ele uma identidade

abandonada, esquecida, muito bem guardada em um passado doloroso, sombrio para muitos.: O meu pai deixou a mulher dele, nossa mãe, cuidar de tudo no lugar dele. O meu imaginário vem primeiro dela e da família burguesa dela. (TAÏA, 2018, p. 65)

Mardochei foi apenas mais um que precisou se esconder; que sobreviveu a um período em que povos inteiros precisaram migrar, abandonar tudo aquilo que haviam construído e no que acreditavam apenas por serem quem eram. Suas verdadeiras identidades foram, cruelmente, perseguidas, condenadas e assassinadas. Para sobreviverem, tornaram-se um povo sem país, sem raízes, com identidades distorcidas. Só nos é possível (re)descobrir a verdadeira identidade de Marc, quando, A. Taïa, na voz de Vincent, faz uma breve referência à cantora marroquina Zohra el-Fassiya que, apesar de ser uma voz reconhecida em todo o norte africano, em 1962 precisou fugir das perseguições que o povo judeu oriental (Juifs Mizrahi) vinha sofrendo em países árabes, devido ao estabelecimento do Estado de Israel, indo estabelecer-se em Israel, onde acabou por falecer, completamente esquecida:

O meu pai se foi. Morreu. E a canção *Hak a Mama* ficou. Um dia, eu tentei encontrá-la no youtube⁴¹. Então descobri o nome da cantora: Zahra el-Fassiya. E chorei a grossas lágrimas ao ver o vídeo, filmado no fim da vida dela. Ela está em Israel, em Ashkelon, onde morreu completamente esquecida, depois de ter sido uma grande estrela em Marrocos, na primeira metade do século XX. Ela está na sala marroquina dela, tão marroquina. Ao lado dela há uma enorme foto do rei Mohammed Y e um homem que toca alaúde. Ela canta, Zahra el-Fassiya, durante muitos minutos. O som não está bom. Mas é justamente por causa disso que a emoção é grande nesse vídeo. É o som de uma outra época. De um outro mundo. Zahra está indo embora, se despedindo ao cantar. É gorda. Tão branca. E na cabeça ela pôs uma coroa de ouro que deve ter levado de Fès.

O que estou fazendo em Israel? Por que deixei Marrocos, onde eu era uma estrela, um mito? Por que o desejo de vir para cá, para Israel, de ser engolida pelo esquecimento, era tão forte assim? Onde estou? Onde estou?

Ela está exatamente no mesmo estado que o meu pai no final. Sem país. Sem raízes reais. Levada pela vida, que escapou tão rápido, moída pelo mundo, que a adulou, a esqueceu, e impiedosamente a está forçando a terminar. (TAÏA, 2018, p. 71-72)

A identidade é e sempre continuará sendo tema de muitos debates, principalmente no que diz respeito ao que Z. Bauman chamou de modernidade líquida. Na sociedade atual, fronteiras foram derrubadas e um indivíduo pode se deslocar de uma lado para o outro de formas muito rápidas. Não nos cabe ter apenas uma

⁴¹ <https://www.youtube.com/watch?v=puEayUoXSDA>

identidade, somos seres multifacetados, múltiplos de nós mesmos, cada um com uma identidade que se adapte a cada situação.

Sendo assim, percebemos que A Taïa aborda de forma muito inteligente as identidades em *Aquele que é digno de ser amado*. O autor não só discute temas atuais, como a condição homossexual em países muçulmanos, mas também, através de um movimento cíclico, resgata identidades perdidas, arrancadas de seus donos em situações de crueldade e desumanização, como o ocorrido com os judeus e, atualmente, com todos aqueles que são obrigados a abandonar seus países por conta de conflitos políticos e/ou guerras internas.

6. A literatura como forma de pertencimento

Só tenho um corpo e uma alma. E preciso de mais do que isto. com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova de 'solidão de não pertencer' começou a me invadir como heras num muro. [...] A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver.

Clarice Lispector

O romance *Aquele que é digno de ser amado* narra a história de Ahmed dívida entre dois países bastante distintos, mas ao mesmo tempo muito próximos. Ahmed, assim como Abdellah Taïa enquanto homossexuais assumidos não encontram em seu país natal, o Marrocos, liberdade para se expressarem, viverem seus amores, ao contrário são tratados como aberrações, condenados ao exílio como forma de

protegerem suas vidas e a tranquilidade familiar. Na França, embora livres para amar e para seguirem suas escolhas, nunca deixarão de ser *étrangers* (estrangeiros/estranhos). Lá ou cá jamais pertencerão a lugar algum. É exatamente dentro deste estranhamento que autor e personagem buscam reafirmar suas identidades através da cultura e da religião.

Em diversas entrevistas, encontradas em linha, A. Taïa sempre reafirma sua identidade marroquina, sua identidade muçulmana. Segundo ele, sua homossexualidade não o separa de sua religiosidade, fato que jamais deveria lhe ser imposto. Mesmo que tenha sido forçado a adotar outro país como lar, ser muçulmano é uma condição de sua existência, condição está tão forte e bem resolvida que suas obras reafirmam tal pertencimento. Para o autor não importa onde se esteja, sua primeira identidade sempre irá acompanhá-lo. Tudo o que lhe foi ensinado desde bem pequeno, suas crenças e sua cultura sempre farão parte daquilo que ele é, na construção de seus valores e da sua própria construção como homossexual, escritor e ser humano.

Sara Novaes Rodrigues, em seu verbete intitulado “Pertencimento” (in: COSER, 2016. p. 280-286) aborda o tema a partir da remodelação do espaço fronteiriço mundial, consequência da velocidade dos meios de comunicação, assim como o fato das pessoas se sentirem, cada vez mais, menos ligadas umas às outras. Ainda segundo S.N. Rodrigues, o termo designa um sentimento que vem do desejo de fazer parte de um grupo ou de um local em que se sinta à vontade e que, ao fazer parte, seja aceito na forma em que se apresentar (p. 281).

O sentimento de pertencimento pode ser recheado de muitas dúvidas e incertezas, principalmente diante as atuais circunstâncias, em que povos inteiros são obrigados a migrar na incerteza de um possível retorno a seu local de origem:

Atente-se para o fato de que, se é intrigante reconhecer a atualidade da temática do sentimento de pertencimento - o mesmo podendo ser aplicado às da inclusão e da emancipação -, é instigante indagar sobre o que a motiva e, sobretudo, sobre o que objetiva o pertencer no contexto de uma sociedade tão desigual quanto globalizada e que ao mesmo tempo está em sua causa e é a sua busca. Pertencer a quê? Incluir-se no quê? Enraizar-se onde? Essas são indagações importantes, fazendo pressupor que a necessidade da busca do pertencimento é tão complexa como a da objetivação que fundamenta essa mesma necessidade (SOUZA, 2010, apud RODRIGUES, 2016, p. 282).

Tais mudanças acabam por alterar os espaços fronteiriços que até então se conhecia, algumas fronteiras se expandem e outras diminuem. Com isso, a cultura de um determinado espaço geográfico (e a cultura é parte fundamental na formação do sujeito/nação) acaba recebendo influências de outros espaços, formando, assim, uma nova. Com a diluição das fronteiras e com a homogeneização cultural torna-se cada vez mais frequente a dúvida sobre a qual realidade se deve pertencer, a anterior ou a nova, e:

Ainda que dentro desse espaço chamado nação existam grupos de classes, gêneros e raças diferentes, é esse discurso que os representa e os coloca como “pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2003, p. 59, apud RODRIGUES, 2016, p. 283).

Para Abdellah Taïa viver em outro país, longe de suas raízes culturais e identitárias não significa ter deixado de pertencer ao seu local de origem, ao contrário, toda essa distância faz com que aumente, cada vez mais, a necessidade de reafirmar o local ao qual pertence, e esse pertencimento se faz presente em sua obra. Para S. N. Rodrigues (2016), escritores que vivem longe do local ao qual se sentem pertencentes desejam, em suas obras, preservar a cultura de origem e, conseqüentemente constroem seus textos carregados com a cor local, recheados de conflitos históricos e pelos problemas sociais por estes enfrentados antes e depois dos processos de independência:

O fato de pertencer ou não a um determinado povo/grupo acaba por revelar escolhas que o autor faz para suas personagens: raça, etnia, religião, política, etc. Escritores que, por uma determinada razão, se deslocam para terras estrangeiras trazem para seus trabalhos suas próprias interpretações e, assim, suas produções muitas vezes influenciam as crenças e sistemas de valores de seus compatriotas (RODRIGUES, 2016, p. 284).

Embora uma das razões para o afastamento de A. Taïa do Marrocos tenha se dado por conta de sua orientação sexual, não aceita pela cultura de seu país, o autor nunca deixou de se sentir pertencente ao local onde nasceu e viveu suas primeiras experiências amorosas (amor materno, familiar e carnal). Talvez o fato de viver na França, país que o aceitou, mas que por muito tempo maltratou seu povo, tenha sido um dos fatores fundamentais para jamais se sentir pertencente ao seu novo lar, ou melhor, sua nova casa, visto que, para Denise Almeida Silva (2016), lar está ligado ao pertencimento.

Aquele que é digno de ser amado, vai muito além de ser apenas um romance epistolar que aborda temas atuais, como questões sobre identidade e pertencimento.

Ele levanta questões que estão diretamente relacionadas à identidade da própria obra. Embora escrita por um autor francófono e publicada na França, deveria ela ser atribuída apenas a este país, sendo que parte da narrativa acontece no Marrocos? Outra questão está relacionada à questão de ser o autor um imigrante, sendo assim, sua obra deve pertencer (apenas) às prateleiras destinadas à literatura daqueles “vindos de fora”, tendo como público-alvo apenas leitores que giram em torno desse núcleo? Teria um autor francófono imigrante lugar de destaque entre os canônicos da Literatura?

Ao mesmo tempo que o romance nos é apresentado na forma epistolar, o autor faz um jogo com todas as demais formas de se escrever um romance, assim como outras áreas culturais. É como se cada uma das cartas que o constituem pudessem ser consideradas um outro romance, formando assim um romance dentro de outro romance. Tal jogo pode ser percebido através da intertextualidade com as próprias obras citadas na obra: *As cartas portuguesas*, *Adolphe* e *As cartas de Madame de Sévigné*, assim como de nomes importantes, como os de Jeanne Moreau, atriz e cantora francesa; Marguerite Duras, uma das principais vozes feministas da literatura francesa e que se dedicou não apenas à literatura, mas também às artes visuais, como o cinema e o teatro; de Oscar Wilde, escritor e dramaturgo e de André Gide, escritor francês, homossexual assumido e defensor dos direitos dos homossexuais.

Realizado com maestria por parte de nosso autor, esse jogo textual ressalta ainda mais a necessidade de afirmar que um romance não deveria pertencer a nenhuma prateleira, nenhum país e a nenhum estilo pré-estabelecido por algum crítico. Um romance, na condição de uma obra literária, deveria ser livre desde o momento de sua concepção, assim como o seu autor que, para concebê-lo, pode escolher se exilar e renascer em outro país, dentro de si-próprio ou apenas decidir observar os transeuntes em uma lotada estação de trem. A única identidade que deveria lhe ser dada é aquela que só o leitor poderia atribuir: uma identidade aberta, ainda a ser construída.

Considerações Finais:

Uma leitura reversa: a cronologia das cartas

Diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível

Conceição Evaristo

Ao que vimos, no percurso dessa leitura crítica, temos um romance que nos é apresentado de forma não cronológica. As cartas que o constituem aparecem da última para a primeira, o que pode provocar um certo estranhamento, mas que faz despertar uma curiosidade bastante significativa: O que mudaria se as cartas fossem apresentadas em sua cronologia original, ou seja, em uma linha linear?

Primeiramente, se olharmos para o romance, como sendo uma obra autobiográfica ou autoficcional, nos faltariam informações para compreender a construção desse “EU” que se apresenta a partir de uma narrativa em retrospecto através das cartas que escreve e daquelas que foram escritas a ele. Considerando que, na maior parte dos casos, os romances classificados como autobiográficos são construídos a partir de uma linha temporal linear, ou seja, começam com a memória da infância do autor - a exemplo daqueles já mencionados *As Confissões* de Santo Agostinho e *As Confissões* de Jean-Jacques Rousseau - temos, no romance de A. Taïa a necessidade do olhar em retrospectiva, voltado para a infância, para a relação familiar, com o intuito de entender as origens da construção desse sujeito. É senso comum dizer, nas palavras de Freud, que se quisermos conhecer quem somos, precisamos olhar para nossa infância.

A última carta a ser apresentada no romance de A. Taïa, apesar de ser a primeira na linha cronológica, apresenta somente alguns fragmentos da adolescência de Ahmed, fragmentos esses restritos apenas aos momentos vividos ao lado do amigo de infância e de homossexualidade, Lahbib. É somente na carta escrita à mãe já morta, a qual dá início ao romance, que nosso personagem narra sua vida desde antes de seu nascimento. São os fatos apresentados nesta carta que tornarão possível uma melhor compreensão das correspondências subsequentes e da vida desse personagem constantemente à margem, dividido entre o lá e o cá.

É importante observar que o romance não é constituído apenas por correspondências, mas também pelas memórias contidas em cada uma das quatro missivas, sejam elas de Ahmed ou daqueles que dedicaram um momento para lhe escrever e que, como um mosaico, vão construindo um dos personagens centrais da narrativa (“um dos” pelo fato de que, apesar de Ahmed se fazer presente em todas as missivas, cada uma das quatro correspondências possui um narrador que é o personagem central daquela carta/capítulo).

Para responder à indagação feita no início deste capítulo, recorreremos a Ecléa Bosi que, ao discorrer sobre a memória, diz que:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 2003, p. 31)

Cada uma das cartas apresentadas no romance contam um pouco da vida de Ahmed, mas também a história de seu povo, contada através da história daqueles que tiveram o corpo, a língua e a cultura colonizados, violentados e escravizados. Em cada uma das missivas é possível reconhecer parte das origens de um evento histórico que afetou diretamente a vida das personagens, as quais tiveram suas identidades (de)formadas pelo antes e pelo depois. Para alguns foi necessário esquecer e/ou omitir até mesmo o nome recebido no momento de seu nascimento e, embora adaptados com a nova vida, viveram diariamente no “entre” (duas identidades, duas sexualidades, duas culturas, dois países).

Outra interpretação possível para a forma com que as cartas nos são apresentadas poderia estar, mais uma vez, nas palavras de E. Bosi, quando ela diz que “Existe dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo” (2003, p. 24). O tempo pode ser muito relativo, nem sempre uma história contada linearmente é o que realmente importa. Nossa memória nem sempre se constitui cronologicamente. Trata-se de um enorme quebra-cabeças e suas peças são expostas aleatoriamente, totalmente bagunçadas e somente com tempo será possível encontrar as peças que se encaixam, para finalmente, formar uma imagem nítida, capaz de dizer algo.

Percebemos, no entanto, que, para expor sua verdadeira identidade, era necessário que Ahmed voltasse, primeiramente, ao passado, a origem de todos os seus conflitos. A morte da mãe lhe serviu como um gatilho para essa viagem retrospectiva no tempo, para os momentos que lhe foram cruciais na formação de seu caráter, de sua identidade e para as relações futuras. Não é por acaso que a carta escrita a Malika, embora a última a ser redigida, apareça logo no começo do romance. A partir das lembranças de Ahmed é que temos o começo da construção desse personagem um tanto complexo, rejeitado por sua sexualidade ainda no interior do ventre materno, primeiro sinal de sua feminilidade.

Segundo E. Bosi (2003), ao buscarmos por nossas lembranças mais antigas, a nossa memória acaba sempre retomando a casa materna, local onde se teve as primeiras experiências de vida. O primeiro amor (materno), os primeiros passos, as primeiras palavras, e é em torno da casa materna que outras experiências vão,

naturalmente, acontecendo, motivo pelo qual as narrativas de si começam a partir da primeira infância, ainda no lar materno.

A carta de Ahmed, que dá início ao romance, também é apresentada como forma de alertar o leitor sobre seus deslizes, sua falta de caráter como amante, mas também uma forma de se desculpar ou mesmo justificar suas ações na origem do trauma da rejeição materna. Nas entrelinhas dessa carta deveríamos ler: “Desculpe-me se sou assim, mas não me ensinaram a ser diferente. Rejeitado desde antes de meu nascimento não aprendi a amar, fui ensinado apenas a usar o amor dos outros a meu favor, mesmo que para isso fosse necessário abandonar logo a seguir!”.

A carta de Lahbib a Ahmed, primeira na ordem cronológica, mas a última a nos ser apresentada, mais uma vez é um retorno à juventude pobre, ingênua e um pouco romantizada de Ahmed nas ruas de Rabat. A carta que começa com a frase “Você é aquele que é digno de ser amado” (TAÏA, 2018, p. 119), além de mostrar a força e a importância que os nomes próprios ocupam dentro da cultura muçulmana, é a reafirmação de que todos, independentemente de suas escolhas, merecem ser respeitados. A missiva, também, nos revela o último pedido do amigo que, ao ser descartado após passar anos sendo explorado sexualmente por um diplomata francês, decide tirar a própria vida, mas não antes pedir que o amigo, um dia, possa vingá-lo: Um dia você vai me vingar. Eu sei. Estou convencido disso. Faz isso. Faz. Não esquece. Não me esquece. Você precisa fazer justiça para mim... (TAÏA, 2018, p. 131).

O pedido do amigo se concretiza. E a vingança por parte de Ahmed pode ser percebida da seguinte forma: nos relacionamentos amorosos com os franceses, na medida em que ele se coloca como o dominador, ao ponto de usar (e não amar), descartando o outro ao seu bel prazer; e integrando o grupo *Les Indigènes de la République*. E se Ahmed é uma autorrepresentação de seu criador, em um contexto narrativo autoficcional de sua “escrevivência”, percebe-se que Abdellah também se vinga. O autor, quando se apropria das armas do seu colonizador, ou seja, de sua língua, de seu conhecimento de literatura (clássica) e do mercado editorial (quando publica seu romance na França), ele denuncia na carta de Lahbib os anos de dor e de humilhação pelos quais seu povo foi submetido. Retomando a epígrafe supracitada

no subcapítulo 3.1.1, lembremos que: “É preciso que aprenda primeiro a língua da metrópole para melhor combatê-la em seguida” (Epígrafe de E. Santiago).

Importante lembrar que o encontro de Ahmed com Emmanuel se dá logo após a morte de Lahbib e posterior ao pedido de vingança. Mais uma vez um encontro entre um francês com um jovem marroquino homossexual e em terras muçulmanas. A carta destinada a descrição desse episódio de sua vida mostra o jogo de conquista, um pouco ingênuo, da parte de Ahmed, mesmo tendo usado dos mesmos artifícios que cresceu vendo a mãe usar com o pai. Apesar de ser a mãe a parte dominante da relação conjugal, Ahmed se deixou dominar e, mais uma vez, foi corrompido, comprado pela promessa de uma vida melhor, de que o Marrocos era pequeno demais para permitir que se tornasse alguém reconhecido. Acreditou que apenas a França seria capaz de abrir as portas para o mundo. Enfeitiçado pelas belezas que o conquistador lhe oferecia, cedeu ao jogo do mais forte, foi manipulado como uma pequena marionete, caindo nas armadilhas que um falso amor lhe pregou.

É nesta terceira carta que o véu que cobria o rosto de Ahmed é rasgado, permitindo-lhe olhar para si mesmo, sua vida e naquilo que permitiu que lhe transformassem. Diante do surgimento do novo pupilo de Emmanuel, um “arabezinho” mais novo que ele, é que, finalmente, Ahmed relembra o amigo que o amante lhe fez esquecer e o pedido de vingança feito há 15 anos. E foi através desse retorno ao seu passado que Ahmed teve um reencontro consigo mesmo, peça fundamental para se reconstruir, para, finalmente, se (re)afirmar como um indivíduo marroquino, gay e mulçumano, mesmo vivendo em terras estrangeiras.

Nas linhas destinadas a Emmanuel, Ahmed deixa claro o desejo de retomar parte de sua história, de voltar às suas origens e obter, novamente, sua identidade original, não mais Midou, mas sim Ahmed, o jovem nascido em Rabat, filho de Malika, irmão de Slimane e com mais seis irmãs:

Vou voltar para a minha primeira solidão, onde, espero, eu poderei me reconciliar com meu primeiro mundo. A minha mãe dura, sem o Hamid, meu pai. As minhas irmãs, traídas pela vida. Vou até elas e, mesmo se elas insistirem em se recusar a falar na minha homossexualidade, vou forçá-las a criar uma ligação nova. Quero falar com elas sobre elas e sobre mim. Não quero que tudo gire em torno da minha homossexualidade. Porque, afinal ‘entendi, o amor não se vive unicamente com as pessoas que compartilham exatamente de todas as nossas opiniões, as nossas escolhas.

Eu acreditava ter razão a respeito de tudo. Me enganei. Nunca tentei me colocar na pele das minhas irmãs. De olhá-las e compreendê-las. Hoje, enquanto te deixo, me sinto capaz de pensar no mundo a partir dos olhos da minha mãe, das minhas irmãs. Um pouco tarde, eu dou a elas finalmente o direito de não estar totalmente de acordo comigo e aceito que elas ainda me digam palavras duras. É a partir dessas palavras que vou reestabelecer a minha conexão com elas. (TAÏA, 2018, p. 105-106)

E. Bosi (2003) nos diz que: "Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade" (p. 16). E é ao reatar o vínculo com as mulheres de sua vida que Ahmed está buscando por sua identidade, perdida em algum lugar entre França e Marrocos.

A segunda missiva, terceira na ordem cronológica, apesar de parecer a menos importante, e de apenas revelar um Ahmed sem sentimentos, aos olhos do amante abandonado logo após uma noite de prazer, revela muito mais que uma decepção amorosa. Através da história do pai, a carta de Vincent conta parte da história de um povo sofrido, o povo judeu, que fora perseguido e quase dizimado. É a partir das memórias do pai, em seus últimos dias de vida, que Vincent conhece a verdadeira identidade do patriarca, uma identidade que se mescla à sua e que faz parte de sua própria história. Um dia, ele era um francês criado dentro dos costumes e da crença da família materna, uma família francesa. No outro, ele fazia parte de uma história até então negada, rejeitada, existente apenas nas lembranças de um velho no fim da vida.

E não nos esqueçamos do romance *As cartas portuguesas*, obra admirada por Ahmed. Uma obra que, até os dias de hoje, faz com que vários questionamentos surjam a seu respeito. Sabemos que se trata de um dos primeiros romances epistolares que narra um amor unilateral, pois o romance é composto apenas com as cartas de Mariana, personagem narradora que, muitas vezes, trava um diálogo entre ela e as cartas, pois escreve sabendo que jamais obterá um retorno.

Outro fator importante a ser observado, é o fato de que existe, até o dia de hoje, uma reivindicação por parte de Portugal pelo domínio da obra, visto que toda a história se passou em terras portuguesas, e a autora das cartas nunca ter abandonado o país natal. Reivindicação essa que fez com que muitas questões fossem levantadas a respeito do pertencimento de uma obra escrita por autores que, por diversas razões, se encontram em terras estrangeiras. Será que uma obra deveria, realmente, pertencer a um país se a história que ela conta está, diretamente, relacionada a

história de outro? Uma obra, como a que nos é apresentada por A. Taïa, que discute diferentes temas, inclusive a heterogeneidade, deveria, sim, pertencer ao todo e a todos que com ela se identificam; a obra de A. Taïa deveria pertencer ao leitor que vivencia cada fato independente de qual lado da fronteira ele se encontra. Uma obra literária não deveria possuir uma única identidade, mas a de todos aqueles que a constituem. Da mesma forma, uma obra não deveria ser categorizada apenas a partir de um gênero literário: epistolar, de memória, autoficção, visto que uma obra pode conter diferentes expressões e ser todas ao mesmo tempo.

Além dos elementos que o texto nos fornece, é importante que olhemos para fora dele, ou seja, para os elementos paratextuais, como a capa que se apresenta antes mesmo do romance. A imagem que ilustra a edição traduzida no Brasil apresenta-se um pouco embaçada. No entanto, nela, pode-se observar uma sobreposição de dois elementos presentes na obra: o primeiro é a água que, no interior do romance, está descrita nas cenas da piscina onde Ahmed buscava refúgio após a morte da mãe (p. 23 e 38), da praia de Salé (p. 79) e do rio Bou Regreg (p. 130); o segundo elemento é a bruma que, no teor da obra, é mencionada por Lahbib, vinda do Atlântico (rota dos conquistadores e do tráfico de escravos) tomando conta das ruas (p. 130) e que turva a visão, muitas vezes impedindo que se siga em frente, que se perceba o que está no horizonte ou para além da nossa visão.

A água é um elemento cheio de representatividade, em alguns casos, assim como a água que nos banha, é sinônimo de pureza, de limpeza. Se salgada, como as águas marinhas, a limpeza se torna ainda mais profunda. Um banho de mar ou de água com sal grosso, em algumas religiões, significa uma purificação da alma. Na poesia e na mitologia, a água pode representar o masculino (quando for a água do mar) e o feminino (quando for a água de rios e de riachos). Para o judaísmo e o cristianismo, ela é a origem da vida e está relacionada com o útero, mas também pode ter relação com a morte ou com a renovação. A água pode mudar paisagens, trazer vida onde tudo parecia estar perdido. No entanto, a água já foi considerada um elemento perigoso. Devido a sua fluididade, possui uma facilidade de penetrar por lugares proibidos, motivo pelo qual por certo tempo o banho, principalmente o quente, passou a ser evitado pela humanidade, pois poderia penetrar no corpo humano e prejudicando o funcionamento dos órgãos vitais. Para a ciência é a água o fio condutor de energia (RIBEIRO, 2009, p. 107-121).

Em *Aquele que é digno de ser amado*, a água é o fim para Lahbib, é através dela que o jovem tira a própria vida, finalizando um ciclo de abusos e de dominância de seu corpo pelo "outro"- o francês colonizador. Já para Ahmed, a água é um local de refúgio e de mutação. É na água da piscina do bairro que ele afoga toda a sua dor e a sua tristeza pela morte da mãe, da mesma forma que tenta simbolicamente encontrar refúgio no retorno ao ventre materno. A água, aqui, seria uma tentativa de conectar-se com a mãe falecida; é o fio que o conduz para mais perto da mãe, para que possa dar um último adeus: "Mergulho. Grito dentro da água. Viajo na água, debaixo d'água, invadido por dentro pela água, com você." (TAÏA, 2018, p. 23). É, também, na água que ele tenta recomeçar, repetidas vezes, como se tentasse (re)nascer das águas do ventre para uma nova vida, uma nova jornada.

Para concluir, podemos dizer que o romance *Aquele que é digno de ser amado*, faz parte de uma literatura *déconcertante* (BERND, 2019), pois A. Taïa não reproduziu nele as antigas receitas literárias pré-concebidas por uma estética e/ou crítica arcaica. O romance surge como uma forma de fazer com que seus leitores saiam de suas zonas de conforto e reconheçam essas vozes a tanto tempo silenciadas e tratadas como fetiches, mostrando que são mais do que simples personagens, mas pessoas reais, as quais vivem suas histórias às margens de uma sociedade ainda hoje falocêntrica e cheia de preconceitos. Da mesma forma, e conforme visto anteriormente, o romance se apresenta como denúncia de atitudes que culturalmente são permitidas apenas se forem mantidas em segredo, na escuridão de onde foram concebidas. O autor vai, ainda, mais além. Ele denuncia o preconceito encoberto das duas nações: na condição de marroquino em seu próprio país, ele não se pode exercer livremente sua orientação sexual e, na condição de estrangeiro, na França, embora livre para escolher com quem se relacionar, ele não possui a liberdade para cultivar suas crenças e viver sua religiosidade sem sofrer algum tipo de preconceito, pois será sempre um *étranger*.

É possível, ainda, dizer que a escrita de Abdellah Taïa é uma escrita construída nos interstícios de sua "escrevivência". Suas personagens são construídas a partir de fragmentos de sua própria história e da memória de seu povo, elas dão voz a uma maioria excluída, que vive às margens de uma sociedade machista, racista e culturalmente manipuladora. Sua obra surge como uma forma de manter a literatura viva e, a partir da revisitação do passado, seja do seu povo, de sua história e da própria

literatura, nosso autor constrói seu trabalho em cima do que atualmente denomina-se *après-littérature* ou literatura do extremo contemporâneo, ou seja, uma literatura que tem o que contar mesmo quando se acreditou já ter contado tudo o que havia a se contar (BERND, 2019). Ao mesmo tempo, a produção de A. Taïa faz parte de um processo contrário ao ocorrido nos períodos de colonização, ou seja, uma descolonização literária. Nela, o eurocêntrico deixa de ser o centralizador da arte de produzir grandes obras literárias, copiadas e/ou recriadas pelas colônias, para receber autores estrangeiros e suas novas formas de escrever, os quais denunciam os maus feitos passados e reivindicam o reconhecimento cultural e intelectual. Através da literatura é possível reconstruir a identidade cultural de um povo, assim como fazer com que os demais a compreendam e a respeitem, da mesma forma que mostra que é possível que todas as diferenças ocupem o mesmo espaço.

Diante de todas as discussões aqui realizadas, vale ressaltar que o romance *Aquele que é digno de ser amado* apresenta, ainda, uma abertura para outros temas bastante pertinentes na literatura contemporânea, um deles é o que diz respeito à homossexualidade prostituída, tema, também, recorrente em outras obras do autor, como no romance *Um país par morrer* (2021). Mas este é um assunto a ser discutido para além deste trabalho, em uma próxima conversa.

Referências Bibliográficas:

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Livro Digital: Canção Nova, 2007 - 1ª ed. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/religiao/confissoes-pdf>. Acesso em: 01/11/2021.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução: Hortência dos Santos. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BERND, Zilá. O extremo contemporâneo na literatura brasileira. *In ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 21/3, p. 253-257, set-dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/29890/16838>. Acesso em 30/06/2022.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed., 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOUKHARI, Karim. *Abdellah Taïa, homosexuel enver en contre tous*. Disponível em: <https://fr.ossin.org/droits-de-l'homme/104-homosexualite-en-afrique/328-abdellah-taia-homosexuel-enver-en-contre-tous>. Acesso em: 18/10/2021.

BRÁS, Maria da Fé. Contornos do Turismo Sexual. **Dos Algarves**, revista da ESGHT - Universidade do Algarve, N 14, 2006, p. 44-47. ISSN: 0873-7347. Disponível em: <http://www.dosalgarves.com>. Visualizado em: 08/10/2021.

BRUSTIER, Gaël. *Que défend exactement le Parti des Indigènes de la République?* **SlateFR**. 16 nov 2017. Disponível em: <http://www.slate.fr/story/153819/references-intellectuelles-indigenes-republique>. Acesso em: 27/10/2021.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARTIER, Edith Sans. **La littérature épistolaire contemporaine : Renaissance et éclatement**. Mémoire présenté comme exigence partielle de la maîtrise en études littéraires. Université du Québec à Montréal. Montréal, p.137. 2005.

COSER, Stelamaris (org.). **Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos**. Vitória: EDUFES, 2016.

COSTA, N. J. Leitura com desvelamento do entre-sujeito: entre o exílio e a imigração. Revista **Sures**, v. 1, p. 21-33, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/162>. Acesso em 21/07/2020.

COSTA, Joaze Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado, GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

FELLOWS, Otis; LOGAN, Marie-Rose. Naissance et mort du roman épistolaire français. In: **Dix-Huitième Siècle**, nº 4, 1972, p. 17-38. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1972_num_4_1_993. Acesso em: 21/07/2021.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: MOTTA, Manoel Barros da (org). **Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política**. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HANCIAU, Nubia J. Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, Eunice (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2ª ed. Juiz de Fora: Editora UFJF; Niterói: Ed. UFF, 2010, p. 125-141.

HAREL, Simon. **L'écriture réparatrice. Le défaut autobiographique (leiris, Crevel, Artaud)**. Montréal: XYZ éditeur, coll. "Théorie et littérature", 1994.

_____. **Le récit de soi**. Montréal: XYZ éditeur, coll. "Théorie et littérature", 1997.

HELLER-GOLDENBERG, Lucette. La littérature francophone au Maroc. L'acculturation. In: **Cahiers de la Méditerranée**, n°38, 1, 1989. Le Maroc, culture d'hier et d'aujourd'hui. pp. 59-68. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/camed_0395-9317_1989_num_38_1_1770. Acesso em: 05/03/2022.

HOMEM, Maria. O mito do amor parental. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qAlsO1hHCWE&t=252s>. Acesso em: 25/02/2022.

IDIE, Antoine. "*Sortir de la peur*": Construire une identité homosexuelle arabe dans un monde postcolonial - Entretien avec Abdellah Taïa. **Revue Critique de Fixxion Française et contemporaine**. Disponível em: <http://www.revue-critique-de-fixxion-francaise-contemporaine.org/rcffc/article/view/fx12.19/1016>. Acesso em 18/10/2021.

KALÓ, Krisztina. **Romans épistolaires de langue française depuis la fin du 19^e siècle: Approche historique et formelle**. Tese de Doutorado defendida na Universidade de Debrecen, no ano de 2004. Disponível em: https://dea.lib.unideb.hu/dea/bitstream/handle/2437/3173/Ertekezes_KaloKrisztina.pdf?sequence=4&isAllowed=y. Acesso em: 25/07/2021.

KOHLRAUSCH, Regina. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si... In **Letrônica** (Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS). Porto Alegre, v. 8, n. 1, janeiro - junho 2015, p. 148-155. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/21361>. Acesso em 01/06/2021.

LAJOLO, Marisa. Romance Epistolar: O Voyeurismo E A Sedução Dos Leitores. *In Matraga*. Rio de Janeiro, v. ano 9, n. 14, 2002, p. 61-75.

LE CORRE, Lionel. “Sortir du confort de la pensée occidentale” - Entretien avec Abdellah Taïa. Sygne - **Revue de psychanalyse en ligne**. 14 oct 2018. Disponível em: <https://www.sygne.net/sortir-du-confort-de-la-pensee-occidentale-lionel-le-corre/>. Acesso em: 18/10/2021.

LETTRE. In: Le ROBERT, Dico en ligne. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/lettre>. Acesso em 05/05/2021.

MACIEL, Scheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais**. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/80522058/a-literatura-e-os-generos-confessionais>. Acesso em: 18/10/2021.

MATHIAS, A. d. S. (2018). La formation de la pensée décoloniale. *Études littéraires africaines*, (45), 169–173. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/1051620ar>. Acesso em: 05/03/2022.

MATOS, Talliandre. “Carta aberta”. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/carta-aberta.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2021.

MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/carta>. Acesso em 05/05/2021.

MICHEL, Franck. Rumo ao turismo sexual de massa. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Acervo online: 1 de agosto de 2006. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/rumo-ao-turismo-sexual-de-massa/>. Visualizado em: 08/10/2021.

MIRANDA, C. E. O. Silvano Santiago: ‘Literatura é paradoxo’. *Revista Trópico: dossiê – ficção*. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2375,1.shl>, acesso em 25/01/2021.

PRADO, Priscila Finger do. AS CARTAS PORTUGUESAS E A TRADIÇÃO DO “AMOR INFELIZ” NA LITERATURA PORTUGUESA DE VOZ FEMININA. **Revista Línguas e Letras**. Vol. 11, Nº 21, 2º semestre de 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/3771/3427>. Acesso em: 06/09/2021.

RIBEIRO, Claudia Maria. O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 107-121, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/16728/11118>. Acesso em 02/09/2022.

ROBINI, Jérémy. *Les “indigènes de la République”: nation et question postcoloniale - Territoires des enfants de l’immigration et rivalité de pouvoir*. **Hérodote** 2006/1 (nº 120), p.118-148. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-herodote-2006-1-page-118.htm>. Acesso em: 18/10/2021.

ROSA, Guimarães. **A terceira margem do rio**. O Globo, 15 de abril de 1961, p. 9-10. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019610415>. Acesso em: 25/01/2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Les Confessions**. Paris: Librairie Générale Française, 1972 e 1998.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Rosaura Eichenberg. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos - Ensaio sobre a dependência cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Isabel Camila Alves da; PÁDUA, Vilani Maria de. A epístola como espaço da memória e da escrita de si: Uma análise do romance De mim já nem se lembra, de Luiz Ruffato. **Revista Entrelaces**, V. 1, Nº 16, p. 279 – 297, Abril – Junho 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/44582>. Acesso em 01/06/2021.

SIMON, Catherine. *Abdellah Taïa, le vertige de la liberté. "Le Jour du Roi", prix de Flore. Marocain installé à Paris, Abdellah Taïa signe son livre le plus politique*. **Le Monde**. Acervo on-line: 22 sep. 2010. Disponível em:

https://www.lemonde.fr/livres/article/2010/09/22/abdellah-taia-le-vertige-de-la-liberte_1414511_3260.html. Acesso em : 18/10/2021.

SIMONET-TENANT, Françoise. Aperçu historique de l'écriture épistolaire: du social à l'intime. In: **Le Français Aujourd'hui**, v. 147, n° 4, 2004, p. 35-42. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2004-4-page-35.htm>. Acesso em: 21/07/2021.

SOARES, Francisco. A descolonização da Europa: Um refluxo globalizante. **Revista angolana de sociologia** (2.^a). (P. d. Carvalho, Ed.) Luanda, Angola: Associação angolana de sociologia.

TAÏA, Abdellah. **Aquele que é digno de ser amado**. Tradução: Paulo Werneck. São Paulo: Editora Nós, 2018.

_____ *L'homosexualité expliquée à ma mère*. **Asymptote**. Disponível em: <https://www.asymptotejournal.com/nonfiction/abdellah-taia-homosexuality-explained-to-my-mother/french/>. Acesso em: 18/10/2021.

TAUSSIG, Sylvie. **Islamophobie genrée et pensée décoloniale**. Disponível em: <https://www.laurorethinktank.fr/note/islamophobie-genree-et-pensee-decoloniale/>. Acesso em 27/04/2022.

TelQuel. **Wikipédia**, *l'encyclopédie libre*. Disponível em: *Wikipédia*, *l'encyclopédie libre*. Acesso em: 29/10/2021.

TONUS, Leonardo. Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa? **Letras de Hoje**, v. 53, n. 4, p. 476 - 483, out. - dez. 2018.

VALENTIM, Claudia Atanazio. **O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 119. 2006.

VALETTE, Jacques. Guerre mondiale et décolonisation. Le cas du Maroc en 1945. In: **Revue française d'histoire d'outre-mer**, tome 70, n°260-261, 3e et 4e trimestres 1983. Le Maghreb et la France de la fin du XIXe siècle au milieu du Xxe siècle (2e

Partie) pp. 133-150. Disponible em: https://www.persee.fr/doc/outre_0300-9513_1983_num_70_260_2416. Acesso em 05/03/2022.

VERSINI, Laurent. **Le roman épistolaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

ZANONE, Damien. **L'autobiographie**. Paris: Ellipses "Thèmes & Études", 1996.

Zohra Al Fassiya. Disponible em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Zohra Al Fassiya&oldid=1061017333](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Zohra_Al_Fassiya&oldid=1061017333).

Acesso em: 05/04/2022.

Anexo 1:

L'homosexualité expliquée à ma mère

Abdellah Taïa

Ma chère famille,

C'est la première fois que je vous écris. Une lettre pour vous tous. Pour toi, ma mère M'Barka. Pour vous mes sœurs, mes six sœurs. Et pour vous mes deux frères. Je vous écris par mon cœur et ma peau ces lignes qui sortent enfin de moi et qui me viennent aujourd'hui dans l'urgence. Je ne peux pas ne pas les dire, les tracer. Vous les envoyer. Expliquer ma démarche, ce que je suis, ce que j'écris et pourquoi je le fais. Expliquer ?! Oui, expliquer davantage parce que j'en ressens la nécessité intérieure et parce que vous, ma famille, n'avez pas pris la peine de lire, de bien lire, ce que j'ai publié – livres, articles, interviews... Expliquer parce que depuis longtemps c'est ce qui nous manque au Maroc : qu'on nous considère enfin comme des êtres dignes de recevoir des explications, qu'on nous implique vraiment dans ce qui concerne ce pays et qu'on cesse de nous humilier jour après jour.

Je sais que je suis scandaleux. Pour vous. Et pour les autres autour de vous : les voisins, les collègues au travail, les amis, les belles-mères... Je sais à quel point je vous cause involontairement du "mal", des soucis. Je m'expose en signant de mon vrai prénom et de mon vrai nom. Je vous expose avec moi. Je vous entraîne dans cette aventure, qui ne fait que commencer pour moi et pour les gens comme moi :

exister enfin ! Sortir de l'ombre ! Relever la tête ! Dire la vérité, ma vérité ! Être : Abdellah. Être : Taïa. Être les deux. Seul. Et pas seul à la fois.

Au-delà de mon homosexualité, que je revendique et assume, je sais que ce qui vous surprend, vous fait peur, c'est que je vous échappe : je suis le même, toujours maigre, toujours cet éternel visage d'enfant ; je ne suis plus le même. Vous ne me reconnaissez plus et vous vous dites : "Mais d'où lui viennent ces idées bizarres ? D'où lui vient cette audace ? On ne l'a pas éduqué comme ça... Non seulement il parle publiquement de sexualité, non, non, cela ne lui suffit pas, il parle d'homosexualité, de politique, de liberté... Pour qui se prend-il ?"

Je viens du Maroc. Je connais le Maroc. Réussir, exister, c'est avoir de l'argent. Ecraser les autres avec son argent. Depuis que je suis né, en 1973 à Rabat, c'est cela l'idéal marocain, le modèle à suivre. Comme vous, je suis né pauvre, j'ai grandi pauvre à Salé. Je reste d'une certaine façon, aujourd'hui encore, pauvre. Moi, je refuse cet idéal marocain stérile. Cette platitude. Il ne me convient pas. Je le dépasse. L'idéal marocain, moi, à mon petit niveau, je le réinvente. Je le remplis avec un nouveau contenu, avec du sens, du courage et du doute... C'est cela, au fond, ce qui vous choque : je me révèle autre, quelque chose que vous n'avez pas prévu, vu venir. Un monstre. En plus, à côté de vous, j'ai toujours été tellement gentil, tellement studieux et bien élevé.

Vous devez vous poser chaque jour maintes fois la même question : qu'est-ce qu'on lui a fait ? Qu'est-ce qu'on lui a fait pour mériter ça, ce scandale ?

Vous devez certainement me détester maintenant, me maudire. Pour vous je ne suis sans doute plus un bon musulman. Vous devez aussi avoir peur pour moi : je prends des risques en m'exposant ainsi dans les livres et les journaux.

Ma mère : je sais que tu n'es pas d'accord avec mes choix mais que tu continues de prier pour moi. Et cela me touche. J'ai besoin, de loin, de croire que toi aussi tu réinventes le monde et les prières musulmanes. Ma mère, tu ne le sais sans doute pas, le désir de révolte, c'est toi qui me l'as donné. Chez nous, tu as toujours été le guide, la stratège, la révoltée. La réalisatrice. Ma mère, même analphabète, à toi toute seule, durant les 25 années que j'ai passées à côté de toi, tu étais une école de féminisme. Et quelle école ! Je t'admire. Je fais mieux que de t'aimer, je le répète : je

t'admire ! Tu as imposé tes choix à mon père, à nous. Tu as réalisé ton œuvre : la maison de Hay Salam. C'est toi qui économisait de l'argent, qui achetait du ciment, du sable, des briques, toi qui engageait les maçons et négociais avec le "moqaddem". Tu as compris, tôt, que tu n'avais pas d'autres choix que celui d'être un homme à la place des hommes. Mieux et plus courageuse que tous les hommes qui nous entouraient.

Certes, ta détermination à aller jusqu'au bout des choses devenait certains jours de la dictature. Certes, ta façon de parler c'était le cri, encore et encore le cri. Certes, il était impossible de discuter avec toi. Mais, quand même, que de leçons apprises à tes côtés.

Ma mère, ton prénom est magnifique. M'Barka. Il vient de la campagne de Oulad Brahim. Ton histoire et ton itinéraire, de Tadla à Salé, en passant par El Jadida et Rabat, quand je me les remémore, me ravissent. Une épopée. Sans larmes. Tu n'as jamais renoncé. Tu n'as pas toujours été juste, surtout avec mes sœurs, mais, aujourd'hui encore, chaque matin, je te tire mon chapeau. Et je reconnais mes dettes envers toi.

Ta langue, ma mère, est ma langue. J'écris en m'inspirant de ta façon poétique de voir le monde et d'inventer des rituels étranges et qui sont tellement beaux, envoûtants. J'écris en me rappelant tes cris. Je crie aujourd'hui pour rendre hommage à tes cris. Les fixer. Les donner à voir. Les faire entrer dans les livres, dans la littérature. C'est cela, entre autres, mon ambition. Tes cris comme une image du Maroc. Ton prénom comme symbole de la femme marocaine. Ma mère, je peux faire tout cela pour toi. C'est ma seule richesse. Mon cadeau. Mon devoir.

Ma mère, le Maroc, ce n'est pas les autres, le gouvernement, les religieux, les éternels moqueurs, les "casseurs", les empêcheurs, les jaloux, les mesquins... Le Maroc tout entier, celui que j'ai en moi et celui à qui je parle aussi à travers cette lettre, c'est toi. C'est un Maroc qui n'est pas parfait. Un Maroc dans la tension, la fièvre. Un Maroc dans l'élan. La possession.

Ma mère, ce que disent les autres de négatif sur moi, je m'en moque. Ce que tu dis-toi, et même si je ne suis pas d'accord avec ta dictature, je l'écoute, je l'analyse. Et j'ai envie de te répondre.

Le Maroc, c'est toi. Ma vérité, mon "je" dont fait partie, que je le veuille ou non, mon homosexualité, mes livres publiés et à venir, c'est pour toi. C'est important pour moi que tu m'écoutes à ton tour. Que tu saches que je suis comme toi. Pas dans la même révolte que toi mais, quand même, comme toi.

C'est toi que j'ai envie de convaincre.

Nous nous téléphonons souvent. Mais je ne peux pas tout te dire au téléphone. Je redeviens un enfant timide et un peu imbécile. Je te t'écrits. Crois-moi, ma mère, je n'ai aucune envie de te salir, de t'abaisser, de "t'inonder de honte". Mais la vérité, ma vérité, j'ai besoin de te la révéler. Te communiquer ce qui change en moi. Au Maroc. Le changement passe d'abord par toi. Tu as imposé tes idées à mon père, au quartier. Au monde. Je n'ai pas d'autres choix que celui de t'imposer les miennes. Tu vas crier. Tu as crié "on va encore se déchirer". Ce n'est pas grave. Je n'aime pas la tranquillité. Le Portugais Fernando Pessoa est mon poète préféré. L'Ecossais Francis Bacon, mon peintre favori. La Française, d'origine algérienne, Isabelle Adjani, mon étoile. Aucune de ces trois personnes hors du commun n'était (ou bien n'est) dans le calme. Tu ne les connais pas ? Je répète leur nom, ce sont des artistes très importants pour moi et mon engagement dans la vie : Fernando Pessoa, Francis Bacon, Isabelle Adjani. Tu es analphabète et tu ne connais rien à la culture ? Permets-moi d'en douter. Tu connais le mystère, le monde invisible. Tu connais la transgression. La culture, toute la culture, n'est que cela. Dire ce qu'on voit. Ce qui vient. Imposer sa différence. Et sa langue. Se dépasser. Se transformer. La littérature, le cinéma, la peinture, etc., ne sont que cela. La révélation. Puis la révolution. Dis à mes sœurs et à mes frères tout cela. Mon ambition, ma modestie, mon intransigeance.

Je ne suis pas le seul au Maroc, ma mère. Quelque chose a commencé dans ce pays. Une réelle rupture par rapport aux générations précédentes, qui soit ont abdiqué, soit ont été récupérées. Nous, c'est le 21ème siècle.

On essaie de nous intimider. De nous ramener à un soi-disant ordre moral, nous faire revenir à nos soi-disant valeurs fondamentales. Lesquelles d'abord ? Et qui décide que c'est de ces valeurs-là que le Marocain d'aujourd'hui a besoin ?

Le monde traverse une crise sans précédent en ce moment. Le monde fait son autocritique. Bouge. Le monde accueille Barack Obama comme un immense espoir.

Et que fait-on au Maroc ? On nous fait peur encore une fois. Vieille recette. On nous ramène en arrière. Jusqu'à quand cet aveuglement ? Jusqu'à quand cette arrogance ? Jusqu'à quand va-t-on continuer d'ignorer et de tuer la jeunesse de ce pays ? Jusqu'à quand cette politique qui fait semblant ? Le Maroc ne mérite-t-il pas mieux ? Une vraie modernité ? Une réelle révolution des mentalités ?

A y regarder de près, cette révolution a déjà commencé. Le seul problème, c'est qu'on ne veut toujours pas le voir. Certains au Maroc ont visiblement intérêt à ce que notre identité marocaine ne change pas d'un iota. Or cette identité, cela fait des années qu'elle n'est plus la même. Les jeunes Marocains d'aujourd'hui ont d'ailleurs tout compris à cette question complexe. Ils sont même très sophistiqués dans leur réflexion à propos de ce sujet. On pourrait même dire qu'ils sont d'une certaine façon déjà dans la post-modernité. Mais qui comprend ça au Maroc ? Qui va les aider dans ce changement ? Qui va les rattacher différemment au Maroc et leur rendre confiance dans ce pays ?

Pardonne-moi, ma mère, je parle comme dans les livres. Mais vous, mes sœurs et mes frères, vous comprenez ce que je dis là. Vous avez fait des études comme moi. Vous avez comme moi lu les livres que nous ramenait notre père de la Bibliothèque Générale de Rabat où il travaillait comme chaouch. Vous avez les moyens intellectuels pour saisir ce que je dis. Ne me dites pas que je parle dans l'air, que je m'emporte pour rien, que mon combat est perdu d'avance. Ne me dites pas de rentrer dans le rang comme les autres. De m'aligner. De dire : "Wana mali ?"

Je ne peux pas. Je suis dans l'écriture. C'est-à-dire dans une certaine responsabilité vis-à-vis de moi-même et vis-à-vis de la société d'où je viens. Je suis dans le questionnement. Un livre, ça vient de soi, ça interpelle le monde, la société. Je ne peux pas faire les choses à moitié. J'assume jusqu'au bout. Je n'ai plus envie de baisser la tête. Je ne suis pas un héros. C'est juste que je ne supporte plus l'hypocrisie et ses ravages au Maroc. Je ne supporte plus qu'on nous donne des images clichés, "folklorisées", pour attirer le touriste. Je ne supporte plus qu'on ne voie pas la richesse réelle de ce pays : l'imaginaire, les histoires, le mystère. LA JEUNESSE. Je ne supporte plus qu'on n'aide pas assez le Maroc à se relever et à grandir. Je ne supporte plus ce système qui casse du matin au soir le Marocain et qui fait taire les voix nouvelles qui émergent pour dire ce pays autrement. Je ne supporte plus cette

médiocrité et cette petitesse qu'on nous impose. Le Maroc est, pour moi, plus grand que tout cela. A nous de le révéler au mieux. Même si pour cela il faut se battre, mener la guerre. Donner à certains l'impression de trahir.

Ma chère famille, je vous tends la main. C'est sincère. C'est naïf. C'est moi : je suis comme ça. Je ne vous demande pas de comprendre mes névroses, ni de m'aider à m'en sortir. Non. Je vous prie de ne pas me faire sentir que je suis un paria. Un mécréant. Je suis, à ma façon, dans la continuité de votre histoire, de notre histoire. Des origines. Je ne peux rien vous offrir pour que vous soyez socialement fiers de moi. Aujourd'hui. Là n'est pas mon but. Je n'aime pas la fierté, sentiment qui bloque. Je rêve du dialogue. Un dialogue impossible jusqu'à aujourd'hui. Je ne suis pas dans la minorité. Je suis vous, avec vous, toujours avec vous, même quand je brise les tabous. Même quand je vole vos vies pour les transformer en fragments littéraires.

Dans mes livres et mes conférences, je vous défends. Je vous dis. Je vous fais exister. Je rêve qu'un jour si quelqu'un m'insulte devant vous, en disant : "Ton fils, ton frère est zamel...", vous répondriez : "Non, il n'est pas zamel, il est mathali." Un mot, un petit mot tout simple et qui change tout. Un mot-révolution. A vous de voir. Je n'exige rien. Je vais. Je vole comme je peux. Je prie, comme ma mère, à ma manière : j'écris.

Il y a chez nous cette chose terrible : la haine du Marocain ! D'où vient-elle ? Pourquoi est-elle encore là ? Pourquoi ne pas oser être soi : se libérer. Se libérer même dans la provocation et le scandale. De toute façon, il n'y a pas d'autres moyens. Autant oublier la peur et aller nu affronter le monde.

Voilà. Encore une fois, dans la tendresse, ma vérité. Pour vous.

Je n'aime pas les affrontements inutiles. Je suis pour les batailles nécessaires. Celle que je mène avec et contre le Maroc est utile. Je le pense sincèrement. Je ne dois pas être le seul. Je peux parler, écrire. Pour moi et pour les autres. Je le fais. C'est un devoir.

Salam chaleureux à vous tous.

Fonte: <https://www.asymptotejournal.com/nonfiction/abdellah-taia-homosexuality-explained-to-my-mother/french/>

Anexo 2:

Abdellah Taïa, homosexuel envers en contre tous

TelQuel - Karim Boukhari

“Il a accepté de donner son c... pour se faire connaître”, “Il est publié et on parle de lui parce qu’il est homo”, “Il se prostitue pour plaire à l’Occident”, “C’est son postérieur qui parle, pas lui”, “Il nuit à l’image du Maroc et de l’islam”, “Si nous étions réellement en terre d’islam, on le lapiderait”. Le nom de Abdellah Taïa, pour ceux qui le connaissent, ne laisse guère indifférent. Il délie les langues et déclenche, dans les discussions de café comme sur les forums Internet, des échanges au contenu très peu amène. Un internaute a écrit ceci : “En ce temps de malheur, pour être publié dans le monde occidental, il faut écrire des romans sur la sexualité.

La plupart de ces récits sont des autobiographies où des homos racontent avec fierté leurs exploits. Abdellah Taïa en est un. Il raconte sa vie de pédé depuis son jeune âge quand il vivait à Salé. Il a été l’invité de 2M cinq fois, un privilège dont ne bénéficie pas par exemple Mehdi El Menjra (ndlr : écrivain et “futurologue” marocain). Taïa, lui, a été reçu par toutes les maisons d’édition en France et son roman sera traduit”. L’homosexualité déclarée du jeune écrivain traumatise jusque dans les cercles de lettrés, pourtant réputés pour leur tolérance et leur ouverture d’esprit. Quand Taïa a publié conjointement dans les colonnes de TelQuel et celles du quotidien Le Monde, un texte personnel en réaction aux attentats kamikazes survenus au Maroc en mars 2007, un lecteur averti a trouvé le moyen de s’indigner en ces termes : “Taïa ne peut pas se mettre à la place d’un kamikaze parce que lui, c’est son c... qu’il se fait exploser. Alors si vous pouviez nous épargner les tribunes de votre pédale vedette...”. Quelques semaines auparavant, un chercheur dont on taira le nom a trouvé d’autres mots, un autre ton, pour exprimer sa colère : “Honte sur vous qui donnez de la visibilité à un zamel !”.

Demain le scandale

Abdellah Taïa n’a évidemment pas que des détracteurs. Il a aussi des amis, des supporters... qui se taisent. Ceux qui ne l’aiment pas, en revanche, l’expriment violemment, méchamment, l’assimilant sans problème à une honte nationale. Un “zamel”, c’est-à-dire un homosexuel, une pédale, une insulte. Le phénomène n’en est sans doute qu’à ses débuts, puisque l’auteur, dont les publications sont diffusées aujourd’hui à une moyenne de 10 000 exemplaires (mais vendus autant au Maroc qu’en France !) est appelé à grandir. Il vient d’être traduit en espagnol, bientôt en

néerlandais. Son potentiel commercial et sa marge de progression en France sont énormes puisque, contrairement à ce que pensent ses nombreux adversaires, l'écrivain ne fait pas le tour des plateaux de télévision. Pas encore, du moins. Et au Maroc, il n'a jamais capitalisé sur son homosexualité à la télévision. Son coming out, selon l'expression consacrée, n'a été opéré que via ses propres écrits, en plus de l'entretien accordé à TelQuel, en février 2006.

Que se passera-t-il demain lorsque Taïa, par la force de son talent d'écrivain et sa singularité d'homme, deviendra une authentique star (inter)nationale ?

Al Massae, le quotidien le plus diffusé au Maroc, a déjà tranché la question : Taïa, il faudra le brûler ! Dans l'une de ses chroniques quotidiennes, le directeur de la publication, Rachid Nini, a pratiquement appelé au lynchage du jeune écrivain, accusant au passage l'Etat de "complicité" et traitant plus généralement les homosexuels d'êtres anormaux, qu'il ne faudrait surtout pas "exhiber" en public. "Comment accepter qu'un tel individu passe sur la deuxième chaîne de télévision nationale, qui est financée par l'argent du contribuable marocain ?", écrit notamment Nini. Nous avons tenté de comprendre le point de vue pour le moins extrémiste du directeur d'Al Massae. Joint par téléphone, il a commencé par accepter l'idée avant de se désister sans aucune forme d'explication... Attajdid, le quotidien officieux des islamistes du PJD, a été à peine moins extrême qu'Al Massae : "Pourquoi Taïa bénéficie-t-il de tous ces passages à la télévision (marocaine) et pas les autres ?". Un dirigeant du parti nous a fait, en off, le commentaire suivant : "Nous, on n'aime pas les homos !". On aurait pourtant tort de prendre la formule pour une simple boutade. Le PJD est parfaitement capable de poser, demain, une question orale au Parlement, pour demander le jugement ou l'interdiction de l'écrivain. L'offensive menée, sur un autre plan, par le parti de Saâd-Eddine El Othmani, contre le film Marock risque de se reproduire, cette fois contre une personne : Abdellah Taïa. Ce qui sauve (pour le moment) le jeune écrivain peut se résumer, comme nous a expliqué ce dirigeant du parti islamiste, de la manière suivante : "Taïa ne représente pas grand-chose, il ne vend pas - encore - assez de livres". Demain, donc, tout peut changer et tout changera, puisque Taïa vendra fatalement plus de livres, fera plus d'apparitions à la télévision, parlera davantage de son homosexualité, etc.

Un extra-terrestre à Paris

En allant à la rencontre de Abdellah Taïa dans sa nouvelle vie, à Paris, on a du mal à croire que cet homme frêle, timide, pudique, tellement humble, corresponde au monstre décrit dans les délires de ses adversaires. "Je ne fais pas de littérature, je ne cherche à reproduire les plans d'aucun écrivain, je ne représente personne, je ne suis qu'un étranger qui vit seul dans un studio de vingt mètres carrés". L'histoire de Taïa est celle d'un malentendu : fils de pauvre, il a appris à manier la langue française alors que beaucoup parmi ses copains du derb n'ont jamais mis les pieds à l'école. Il a fait des études en littérature, mais il a toujours rêvé d'écrire pour le cinéma. Et il ne s'est pas exilé en Europe pour découvrir les mondanités parisiennes ou le chocolat suisse,

mais “pour suivre l’homme de sa vie”. Ce serait beau dans la bouche d’une femme, c’est impardonnable pour un homme marocain.

Dans son minuscule studio du 19^{ème} arrondissement, quartier plutôt “pop” de la capitale française, le jeune homme n’a aucune photo de lui accrochée au mur. Il fait vite le tour du propriétaire sans quitter sa place, en bougeant son seul index : “Ici, sur ce matelas, je dors, j’écris, je fais tout. Là, ce sont les livres que j’aime, et puis là c’est une vieille photo de Mohammed V pour laquelle j’ai une grande tendresse, des disques, des films”. L’écrivain marocain le plus décrié du moment a un quotidien de Monsieur tout le monde à Paris, un homme très seul qui pense à ses fins de mois : “J’ai longtemps tenu le coup grâce aux petits boulots habituels. Aujourd’hui, je vends des livres mais pas assez pour être à l’abri du besoin, alors je donne des cours (d’arabe), je traduis les écrits des autres, j’écris occasionnellement pour des journaux”. Le grand dénuement dans lequel vit cet homme de 34 ans traduit l’intensité de sa vie intérieure.

Abdellah Taïa vit avec des images et des mots du Maroc, des morceaux de vie de ce Hay Salam à Salé où il a grandi, dixième enfant d’une fratrie de onze. Une vie de pauvre où les corps, poussés par l’exiguïté, vivent pratiquement les uns sur les autres, créant au final une communauté charnelle, voire sentimentale : “Le sujet de ce que j’écris est et ne peut être que moi-même, mais je ne raconte rien en continu, plutôt des fragments de ce que je vis, ce que je suis”. Ce qu’il est ? “Un Marocain révolté, qui croit à l’individu, qui refuse l’idée selon laquelle notre histoire, personnelle ou collective, ne nous appartient pas, qu’on n’a pas le droit de se la réapproprier”. Taïa est une mosaïque humaine au centre de laquelle le mot homosexualité est évidemment inscrit en lettres d’or, inévitable, incontournable. “J’ai toujours été homosexuel et je ne m’en suis jamais caché. L’homosexualité se vit et ne s’explique pas. Ce n’est pas un trip, c’est ma vie. Je ne peux pas le cacher, je l’écris, je le raconte au milieu d’autres choses”.

Contrairement à un Rachid O., premier écrivain marocain à déclarer son homosexualité (dès 1994 avec *L’enfant ébloui*, puis *Plusieurs vies*, parus chez Gallimard), mais sans décliner son identité complète, Abdellah Taïa a décidé, dès le départ, de signer de son vrai nom, sans se cacher derrière un diminutif ou un pseudonyme. “Au Maroc, tout passe, mais dans le silence. Il y a eu un moment pour moi où ce silence n’était plus suffisant. Il fallait que je brise le tabou, que je parle. De moi”. Jusqu’en 2005, l’écrivain fait allusion à son homosexualité sur le mode du “*Alfahem yfhem*”, pour les initiés seulement, avant de la révéler ouvertement, sans détour, dans *Le Rouge du tarbouche*. En février 2006, il franchit un palier supplémentaire dans les colonnes de *TelQuel* : “J’ai eu un nœud à l’estomac au moment de l’entretien. L’heure de mon coming out avait sonné. Vous pouvez dire ce que vous voulez dans les livres, mais à partir du moment où vous le dites dans les journaux, cela devient l’affaire de tous, vous avez franchi le point de non-retour”.

D'autres journaux francophones (Le Journal, le défunt Maroc-Soir, Maroc Hebdo, etc) relaient le coming out de l'écrivain.

"Ma famille, mes anciens amis ont préféré ignorer, pour eux j'étais toujours dans mon hmaq de jeunesse, un truc réparable avec le temps et dans tous les cas camouflables dans l'immédiat. On ne me prenait pas au sérieux, même si les voisins venaient dire à ma mère : on a vu ton fils à la télévision. Une fois, mon grand frère m'a même appelé pour me dire, tout fier : je t'ai vu à la télévision, c'est très bien, mais dis-moi, quand est-ce que tu vas passer à la fiction ? Il voulait bien sûr dire : oui, on sait de quoi tu es fait, maintenant il faut arrêter ces déballages pour penser à devenir - enfin - écrivain !", explique Taïa. Un autre de ses frères va se plaindre directement chez la mère : "Dis à ton fils d'arrêter de raconter son tkharbiq (charabia) et de revenir à la raison !". La rupture avec le "maskhout Al walidine", celui qui a osé briser la loi du silence, guette.

Coming out et déchirement familial

Le coming out de Taïa a pris une autre dimension, beaucoup plus dramatique, lorsque l'écrivain a expliqué son homosexualité dans des journaux arabophones (AlAyyam et Al Jarida Al Oukhra). "Cela a tout changé, puisqu'on est passé de la langue des riches (le français) à la langue de tout le monde (l'arabe). Un peu comme si on était dans la pure théorie, et que là, d'un coup, on atterrissait dans le réel", se souvient l'écrivain. Cette fois, c'est sûr, le jeune homme est devenu "l'autre", l'extra-terrestre, le clochard montré du doigt par les gosses de Hay Salam, le héros monstrueux des contes transmis par les grand-mères à leurs petits-enfants. La vie de Taïa bascule.

A Salé, les nouvelles vont très vite et les Taïa, au grand complet, sont obligés de tenir un conseil de famille : "Tel neveu n'arrivait plus à mettre le pied dehors, de peur d'être la risée des gamins du quartier, telle sœur avait des problèmes au bureau parce que son frère était zamel (et il n'avait aucune gêne à l'écrire et à le dire)", se rappelle Abdellah Taïa. Catastrophe. C'est finalement la mère de l'écrivain, 74 ans, chef de famille depuis le décès du père, qui prend les devants pour appeler son fils en France. Elle pleure, son fils aussi. Ses mots à elle : "Ach derti lina, ach derna lik, wach nta khrej lik la'akel, wach hadak klam kaytgal (As-tu perdu la tête pour nous faire ça ? Pour dire toutes ces choses qu'on ne dit pas) ?". Abdellah a les larmes aux yeux à l'évocation de ce douloureux souvenir : "Pour moi, je souffrais d'avoir involontairement causé du mal aux miens, d'être un peu lâche puisque loin de Salé, je souffrais surtout de voir que personne, dans ces moments de détresse, n'a pensé à moi, à tout ce que j'avais longtemps endossé en étant réduit au silence, à tout ce que j'avais à endurer pour poursuivre mon cheminement naturel".

La mère ignore le contenu des livres les plus explicites (Le rouge du tarbouche et L'armée du salut), elle ne s'arrête que sur le contenu de l'interview accordée par son écrivain de fils à l'hebdomadaire Al Jarida Al Oukhra. "Elle était effondrée devant l'annonce de mon homosexualité et, plus encore, devant mon rejet définitif du concept de mariage". "Ne me dis pas que mon fils ne va jamais se marier, qu'il n'ira jamais au

Haj, que je ne pourrais jamais prendre ses enfants dans mes bras. Moi, je ne veux que ton bien”, pleure la vieille femme. Taïa, de son côté, essaie d’argumenter, il cherche des mots “qui rassurent (un peu)” entre deux sanglots : “C’est quelque chose qui me dépasse, mais il ne s’agit pas seulement de moi, je m’inscris dans un mouvement qui est plus grand que moi, et qui traverse tout le Maroc”, répond-il à sa mère. L’écrivain s’accroche à son rêve d’être lui-même et sa mère s’accroche au rêve de voir son fils être celui qu’elle souhaite. Qu’il referme la parenthèse homosexuelle pour revenir à la “normalité”.

Aucun autre membre de la petite famille Taïa ne contacte l’écrivain dans l’immédiat. La mère canalise à elle seule tous les mécontentements, chaque jour plus nombreux, plus difficiles à contenir, plus difficiles à vivre. Et Abdellah Taïa, dans son minuscule studio parisien, vit dans le noir le plus absolu, coupé du monde, réfléchissant sur la nouvelle tournure que prend son existence. Jusqu’au jour où l’une de ses sœurs, analphabète, lui envoie un SMS, qui arrive à point nommé comme une bouée de sauvetage : “Ma sœur ne m’avait jamais appelé, ni écrit. Elle a fait appel à sa fille pour m’écrire dans un arabe rédigé en français : son message ne disait rien de particulier mais il traduisait, quelque part, avec ses idées et sa manière à elle, un soutien extraordinaire de sa part”. Le SMS disait : “Khouya Abdellah, Wach nta labass ? Wach mazal D’aïf oula s’ahiti chouiya ? Rah koulna kansallmou alik”. Traduction : “Mon frère Abdellah, est-ce que tu vas bien ? Tu es toujours aussi maigrichon ou bien as-tu grossi un peu ? On te salue tous”.

Comment tourner la page ?

Abdellah Taïa n’est pas encore passé au chapitre suivant. Les siens non plus. Depuis le dernier épisode de ce coming out qui n’en finit pas, couronné par l’interview accordée à Al Jarida Al Oukhra en mai 2006, l’écrivain n’a plus jamais remis les pieds chez sa mère, sa famille, à Salé. “Je n’ose pas, parce que c’est trop tôt, trop chaud. Je ne sais pas quelle sera mon attitude, ni la leur, je n’ai pas envie de rouvrir toutes nos blessures, je ne veux pas plonger dans de nouvelles béances, pas encore. Je veux que l’on se donne, eux et moi, le temps de digérer tout ça”. Ses derniers séjours au Maroc, Taïa les a passés à Casablanca, Tanger ou Rabat, dans des chambres d’hôtel ou chez des couples d’amis. Des refuges anonymes et des cocons protecteurs. Le seul lien véritable qui le rattache à son pays est resté le même : une conversation téléphonique échangée toutes les deux à trois semaines avec sa mère. “Je n’en veux à personne, car ma démarche est d’aller au bout : de l’exil, de l’écriture, de l’homosexualité, de moi-même. J’ai choisi la voie de la liberté, je dois la mener jusqu’au bout”. Et le scandale ? “Mais quel scandale ? Ce n’est que dans l’individualité que l’on peut faire avancer les choses et être soi-même, pas en demandant la bénédiction de qui que ce soit. Parce que dès que tu demandes à quelqu’un son opinion, tu sais que c’est perdu d’avance : il évoquera la pensée moyenne, consensuelle, qui n’est pas la sienne mais qu’il te servira uniquement pour te briser”.

L'écrivain, aussi humble que percutant, en a encore dans le ventre. Il a longtemps été nourri au spectacle des humbles et des anonymes, les voisins de quartier ou les hommes et femmes de passage, aux parcours personnels si lisses... en apparence. "Je pourrais écrire des livres entiers sur les scandales de mœurs des uns et des autres, même parmi les plus conservateurs dans mon entourage. La transgression se pratique au quotidien et à une très large échelle. Elle est seulement tuée pour mieux sauver les apparences. Moi, si j'arrive à briser le cliché du Zamel efféminé, prostitué, dépravé, ce serait déjà bien".

En dehors de Rachid O, l'autre écrivain homosexuel avec lequel il est en contact, Abdellah Taïa ne fréquente aucun cercle littéraire. Pas plus marocain que français. Il est seul dans son coin. Quelques contacts (Frédéric Mitterrand, le cinéaste Faouzi Bensaidi), des discussions avec une poignée d'anciens camarades de promotion, le tour des relations mondaines et sociales est vite fait. "Mais quand je suffoque, j'ouvre mon petit balcon qui donne sur les toits de Paris", souffle l'écrivain, jamais à court d'idées pour éviter de tomber dans le pathétique ou se lamenter sur son sort. L'attitude qui résume le présent de l'enfant de Hay Salam est celle qu'il adoptait, un jour, sur le plateau d'une émission littéraire sur 2M : la tête basse, un côté gauche, l'air plus simple, plus timide que la moyenne des écrivains à l'ego hypertrophié. Il était fidèle à lui-même, sans artifice intellectuel, refusant de théoriser ou de s'ériger en pourfendeur des tabous. Un peu dans la posture qu'avait, parfois, les soirs de mauvaise humeur, son idole de toujours : l'auteur du mémorable Pain nu, l'écrivain Mohamed Choukri ("Lui, c'était quelqu'un, il nous a fait comprendre, à nous les misérables, que tout était possible, que tout le monde pouvait faire ou être n'importe quoi. Parce qu'il a été le premier à raconter la réalité, la sienne, celle de tous les jours, y compris dans sa dimension sexuelle"). Clin d'œil du destin : la traduction hollandaise de L'armée du salut, attendue en septembre prochain, devra paraître chez l'éditeur hollandais... de Mohamed Choukri.

Parcours : De Hay Salam à Paris

Abdellah Taïa a vu le jour en 1973 à Rabat, où son père était employé à la Bibliothèque générale. Il est l'avant-dernier d'une fratrie de onze enfants. Très vite, la petite famille déménage à Salé, Hay Salam, grand quartier populaire, pas loin de l'actuelle prison dite de Zaki. Abdellah grandit alors dans le fief de la Jamaâ d'Al Adl Wal Ihsane, à quelques encablures de la maison du cheikh Abdeslam Yassine, dans cet immense faubourg où la misère et la criminalité se partagent la rue avec le radicalisme religieux. "Si j'ai une ambition, c'est celle de faire entrer Hay Salam, et principalement les blocs 13, 14, 15, 16 où j'ai grandi, dans l'histoire de la littérature marocaine", confie aujourd'hui l'écrivain, pour mieux souligner qu'il n'a pas encore écrit "ces histoires de transgression, de jeux et de sexualité enfantine, de l'épicier du coin dont on ne voit jamais la femme, du fqih célibataire parce qu'il est homosexuel, des filles prostituées très jeunes et de leurs frères islamistes, etc.". Après des études secondaires à Salé, Abdellah Taïa traverse le Bouregreg pour soutenir une licence en Littérature française

à l'université de Rabat, avant de décrocher un DEA dédié à Marcel Proust en 1998, un autre homo comme ils disent. Il obtient une bourse pour préparer un DES à Genève ("J'y suis allé pour suivre un homme, mais notre histoire d'amour s'est arrêtée avant même que je déballe mes valises"). L'étape suivante s'appelle Paris, où Taïa débarque pour l'amour du cinéma. Il y décroche un DEA en 2001, avant de se lancer dans une thèse de doctorat, qu'il devrait bientôt soutenir, sur le peintre Fragonard et le roman libertin au 18ème siècle. La production littéraire de l'écrivain a démarré en 1999 avec la compilation "Des nouvelles du Maroc (Eddif)", à laquelle Taïa a pris part. Il est alors un jeune auteur parfaitement inconnu, qui enchaîne avec un premier roman, "Mon Maroc" (Séguier, 2000), où son homosexualité est à peine esquissée. Mais c'est en 2005 que l'écrivain se fait un nom avec Le Rouge du tarbouche (Séguier - Tarik éditions), où il assume ouvertement son homosexualité, avant d'enchaîner en 2006 avec L'Armée du salut (le Seuil), et en 2007 avec Maroc (1900 - 1960), un certain regard (Actes Sud - Malika éditions), en collaboration avec Frédéric Mitterrand. Peu le savent, mais Taïa a aussi publié des nouvelles et des critiques de films dans des journaux marocains (La Gazette du Maroc, Aujourd'hui le Maroc).

Taïa à la télévision : Censure et faux-semblants

L'histoire de Abdellah Taïa avec la télévision a démarré durant l'été 2005, quand "Grand angle", émission-phare de 2M, est allée filmer "ce jeune écrivain parti de Salé à Paris". La caméra colle à l'auteur, filme son Paris à lui, le Salé de son enfance, quelques monuments à Rabat, mais ne dit pas un mot sur la singularité sexuelle de l'intéressé, alors que Taïa venait de publier, en France, son premier vrai brûlot : Le rouge du tarbouche. Depuis ce baptême du feu, Taïa a enchaîné avec de nombreuses apparitions sur le petit écran : sur la télévision française (France 2, après la sortie de L'Armée du salut) ou espagnole, l'écrivain parle de ses livres comme de son homosexualité. "La tradition littéraire occidentale, qui a nourri tant de grands écrivains, a tendance à inscrire l'homosexualité arabe dans un cadre exotique, celui du garçon arabe, objet sexuel entre les mains de l'écrivain occidental. Avec moi, comme avec Rachid O, l'objet sexuel parle, réfléchit, écrit. Il existe tant qu'il est connecté à sa propre réalité, locale, marocaine et il n'obéit absolument pas à la norme de la littérature occidentale".

La télévision marocaine ignore, évidemment, tout de ce débat. Même si Taïa multiplie les apparitions à 2M, son homosexualité est soigneusement éludée. À l'image de la dernière apparition cathodique de l'écrivain, à l'occasion du Salon du livre de Casablanca en février 2007 : "L'émission était animée par Frédéric Ferney (ndlr : animateur d'un magazine littéraire hebdomadaire sur France 5), lequel est venu me voir avant le tournage pour me dire texto : à aucun moment on ne prononce le mot homosexualité, si tu le fais, il n'y a pas d'émission !". Le résultat relève de la gageure : l'animateur comme l'écrivain évoquent le mot "tabou" à n'en plus finir, sans jamais expliquer de quel tabou il était question. Les initiés ont - depuis longtemps - compris,

les autres n'y ont vu que du feu. C'était le but du jeu, parler de la nouvelle littérature autour du "je", en évitant de les choquer, "eux".

FONTE: <https://fr.ossin.org/droits-de-l'homme/104-homosexualite-en-afrique/328-abdellah-taia-homosexuel-enver-en-contre-tous>.

ANEXO 3:

Print recebido, em maio de 2021, de um amigo argelino residente em Paris, quando o questionei sobre o significado das palavras "Zamel" e "Mathali".



Tradução:

"Châddh" (em árabe: aquele que se desvia). Este é o termo menos pejorativo utilizado no Marrocos para descrever os homossexuais.

Em árabe, a palavra "*zamel*", como "*châddh*", é um insulto. No Líbano, uma palavra vem sendo cunhada nos últimos anos: "*Mathali*". Ela vem de "*mitl*" que significa "como". Aquele que ama aquele que é como ele. É uma palavra neutra que não exprime juízo. Est é termo correto a ser utilizado.